



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

MIGUEL PINTO GRILO

O Matrimónio, Caminho de Santificação

Estudo ético-teológico do pensamento

de Karol Wojtyła / João Paulo II

Dissertação final

Sob orientação de:

Prof. Doutor Jorge Teixeira da Cunha

Porto
2014

PRÉ-SACRAMENTO¹

Quem é Ele? O Indizível. A Existência autónoma. O Único. O Criador de tudo.
Ao mesmo tempo, uma Comunhão de Pessoas.
Nesta Comunhão, uma entrega recíproca da plenitude de verdade, bondade e beleza.
Apesar de tudo isto, antes de mais nada – o Indizível.
E, todavia, falou-nos de Si.
Falou, também, criando o homem à Sua imagem e semelhança.
Na policromia sistina, o Criador tem as aparências de um ser humano.
É o ancião Omnipotente – um Homem, semelhante ao Adão que Ele cria.

E eles?
«Ele os criou homem e mulher.»
Por graça de Deus receberam um dom.
Assumiram em si – na dimensão humana – aquela mútua doação que existe nele.
Ambos nus...
Não sentiam vergonha, enquanto permanecia este dom –
A vergonha sobrevirá com o pecado,
mas agora continua o encantamento. Vivem conscientes do dom,
embora não saibam exprimi-lo.
Mas vivem disto. São puros.
*Casta placenta superis; pura cum veste venite,
Et manibus puris sumite fontis aquam*² –
li estas palavras todos os dias, durante oito anos,
ao passar o portão da escola de Wadowice.

O Pré-sacramento – ser apenas sinal visível de perene Amor.

E quando se tornam «um só corpo»
– ó admirável união –
no horizonte deste conúbio desabrocham
a paternidade e a maternidade.
– É então que atingem as fontes da vida, que neles se encontram.
– Remontam ao Princípio.
– Adão conheceu a mulher
e ela concebeu e deu à luz.
Sabem que cruzaram o limiar da maior responsabilidade!

¹ JOÃO PAULO II, PAPA – PAPA – *Tríptico Romano: meditações*. Lisboa: Paulinas, 2004, 26-27.

² Tradução: A pureza é bem aceite no céu; vinde com a veste cândida, e com mãos puras recolhei a água da nascente.

SIGLÁRIO

Siglas Bíblicas

Gn – Livro do Génesis
Sir – Livro de Ben Sira
Jer – Profecia de Jeremias

Mt – Evangelho de S. Mateus
Mc – Evangelho de S. Marcos
Lc – Evangelho de S. Lucas
Jo – Evangelho de S. João
Act – Actos dos Apóstolos
1Cor – Primeira Epístola de S. Paulo aos Coríntios
Gl – Epístola de S. Paulo aos Gálatas
Ef – Epístola de São Paulo aos Efésios
Col – Epístola de S. Paulo aos Colossenses
2Tm – Segunda Epístola de S. Paulo a Timóteo
1Ped – Primeira Epístola de S. Pedro
1Jo – Primeira Carta de João

Siglas dos Documentos da Igreja

AA – Apostolicam Actuositatem
AAS – Acta Apostolicae Sedis (Comentarium officiale, Romae. 1909-)
CA – Carta aos Anciãos
CEC – Catecismo da Igreja Católica
CF – Carta às Famílias
CL – Christifideles Laici
CT – Catechesi Tradendae
DH – Dignitatis Humanae
DM – Dives in Misericordia
DV – Dominum et Vivificantem
EN – Evangelii Nuntiandi
FC – Familiaris consortio
FR – Fides et Ratio
GS – Gaudium et Spes
HV – Humanae vitae
LE – Laborem Exercens
LG – Lumen Gentium
MD – Mulieris Dignitatem
NI – Novo Incipiente
RC – Redemptoris Custos
RH – Redemptor Hominis
SRS – Sollicitudo Rei Socialis
VS – Veritatis Splendor

Outras Siglas

BAC - Biblioteca de Autores Cristianos
Cf. – Confrontar
Ed. – Edição/Editora
Vol. – Volume

INTRODUÇÃO

No intento de concluir o Mestrado Integrado em Teologia, propusemo-nos a aprofundar a temática relacionada com a família no pensamento do Papa³ João Paulo II, tema tão urgente nos dias de hoje. Ao estudá-lo, deparámo-nos com um seu discurso que mereceu toda a nossa atenção: “*O matrimónio é o alicerce da família como a família é o vértice do matrimónio. É impossível separar um do outro. É preciso considerá-los juntos, à luz do futuro do homem.*”⁴

Como a temática da família é demasiado vasta, optámos por delimitar a nossa investigação ao alicerce da família que, segundo João Paulo II, é o matrimónio.

Considerámos pertinente salientar um aspecto que durante diversos séculos foi praticamente esquecido e até mesmo deturpado: a família e, concretamente, os esposos (através do sacramento do matrimónio) são chamados por Deus à santidade, e são-no por um caminho próprio e peculiar.

Ao investigar esta temática, desde cedo nos deparámos com o extraordinário contributo de João Paulo II para o seu desenvolvimento. De facto, a família encontra-se latente em praticamente todas as suas obras e gestos, tendo os seus ensinamentos representado, de um modo geral, uma ruptura com a doutrina vigente da Igreja⁵. Na verdade, João Paulo II procurou sempre retomar o significado inicial da família e do matrimónio, que ao longo dos séculos se perdera, usando, para tal, como fonte primordial, a Sagrada Escritura.

Isto deveu-se ao facto de Karol Wojtyła ser uma pessoa de mente aberta, não se deixando dominar pelos sistemas de pensamento existentes, mas integrando o melhor de todos eles numa extraordinária síntese pessoal⁶.

Os ensinamentos de João Paulo II sobre o matrimónio e a família vieram revelar o amor humano no seu mistério, no seu significado eclesial e na sua verdade antropológica. As três dimensões do amor humano por ele meditadas – teológica, sacramental e ética – constituíram uma autêntica profissão de fé na humanidade redimida e uma mensagem

³ Daqui em diante iremos ocultar o título de Papa, escrevendo apenas João Paulo II, excepto se tal for relevante para o assunto em questão.

⁴ JOÃO PAULO II, PAPA – Homília no Santuário do Monte Sameiro [15/05/1982]. *L’Osservatore Romano*. Ed. Portuguesa. 13:21 (1982).

⁵ Cf. Y. SEMEN – *A Sexualidade segundo João Paulo II*. Lisboa: Princípia, 2006, 17.

⁶ Cf. Y. SEMEN – *A Sexualidade segundo João Paulo II*, 27.

profética para uma época conturbada pela degradação dos valores cristãos e pela perda dos vínculos essenciais que unem o amor, o matrimónio e a família⁷.

Nesta perspectiva, não podíamos deixar de investigar o seu pensamento e a sua vida não só enquanto Papa, mas também, enquanto Karol Wojtyła, a fim de observar as origens do seu pensamento.

Para a elaboração desta Tese optámos por recorrer ao *método indutivo*⁸, inúmeras vezes utilizado por João Paulo II nos seus escritos e discursos. Assim, dividimos esta investigação em três partes: o *matrimónio* (como experiência vivida e promovida por Karol Wojtyła), a *santificação* (à qual todos os esposos são chamados por Deus) e o *caminho* (próprio e peculiar que os esposos devem percorrer).

Começaremos por nos debruçar sobre a forma de Karol Wojtyła, e posteriormente já enquanto Papa, ver, viver e promover o ambiente familiar e esponsal. Por isso, no primeiro capítulo iremos *ver* qual a origem do pensamento de Karol Wojtyła, não só através de um ponto de vista histórico e biográfico, mas também moral.

Num primeiro ponto, centrar-nos-emos na vida de Karol Wojtyła como um caminho de aprendizagem por ele percorrido, salientando não só o ambiente familiar, cultural e social por ele experienciado, mas também enfatizando o mundo do trabalho e o seu despertar vocacional, que foram de grande importância para o seu amadurecimento pessoal e espiritual. E depois, também já como sacerdote e bispo, cuja formação e acção pastoral haveriam de o encaminhar para uma plena dedicação aos jovens, aos esposos e às famílias, ajudando-os a descobrir a beleza e a grandeza da vocação ao amor e ao serviço da vida (cf. *FC* 6).

Essa dedicação será abordada já num segundo ponto, onde oportunamente salientaremos não só as iniciativas, mas também as obras mais significativas de Karol Wojtyła nesse sentido.

Por fim, transitando de Karol Wojtyła para Papa João Paulo II, procuraremos verificar em que sentido continuaram lineares e constantes as suas iniciativas e os seus documentos durante o seu pontificado.

Analisando o percurso de vida de Karol Wojtyła, e posteriormente enquanto Papa João Paulo II, estaremos prontos para aprofundar o seu pensamento nos dois capítulos seguintes, recorrendo, para isso, não só às suas obras e discursos, mas também a inúmeros estudos levados a cabo por outros autores sobre o seu pensamento neste assunto. Não será, portanto,

⁷ M. OUELLET – “La ‘communio personarum’ nella famiglia e nella chiesa: Familiaris Consortio”. *Amore umano* 1 (2007), 35.

⁸ Método utilizado por João Paulo II na maioria dos seus documentos, e de modo especial na *Familiaris consortio* (*FC*), influenciado pelo seu contacto com Jozef Cardijn.

de estranhar que recorramos com frequência a autores contemporâneos e a amigos íntimos de Karol Wojtyła.

De modo a não nos perdermos neste vasto tema, procuraremos nesses dois capítulos debruçar-nos somente sobre o ponto de vista ético-teológico, ainda que por vezes esteja presente a vertente espiritual e pastoral.

De facto, usando, no segundo capítulo, o segundo critério do método indutivo, iremos *judgar* e *constatar* que Deus chama os esposos à santidade, e que esta não é uma iniciativa que parte do homem individualmente, nem dos esposos, mas do próprio Deus.

Assim, no primeiro ponto, procuraremos entender que o matrimónio é um '*projecto*' querido por Deus, é Ele que chama, é d'Ele a iniciativa. Porque Deus ama os esposos e quer que sejam felizes, cria o homem e a mulher à Sua imagem e não só lhes dá uma família, como quer também fazer deles uma família, não apenas em termos biológicos – família humana – mas quer torná-los na Sua própria família – família de Deus.

Consequentemente, num segundo ponto centrar-nos-emos no que, a nosso ver, é o suporte de todo o pensamento de Karol Wojtyła e, consequentemente, o cerne de toda esta nossa investigação. Aqui procuraremos aprofundar os três pilares nos quais assenta a santidade a que o homem é chamado: a união ao coração trinitário de Deus (pelo que o amor de Deus deve ser o centro de toda a família), a união à Igreja (fortalecendo-se através dos seus sacramentos) e a união à Palavra de Deus (acolhendo o Evangelho em seus corações).

Já num terceiro ponto, tal como Karol Wojtyła em todos os seus documentos, apresentaremos a Sagrada Família como exemplo perfeito de santidade a seguir. Tanto Maria como José souberam sempre aceitar a vontade de Deus, vivendo em especial consagração, proporcionando um ambiente familiar propício a Jesus e ensinando-Lhe os valores familiares e humanos com o exemplo da sua vida.

Por fim, no terceiro capítulo, usando o terceiro critério do método indutivo, iremos salientar o *agir* dos esposos decorrente do chamamento que Deus lhes faz. Ou seja, o *agir*, decorrente do *ver* e do *judgar*, terá de ter em atenção a dimensão religiosa e humana da missão da Igreja. Como tal, este chamamento dos esposos à santidade implicará percorrer um caminho, caminho esse que é já uma resposta ao chamamento que Deus lhes faz.

Num primeiro ponto, os esposos são chamados a procurar viver uma crescente perfeição de vida doando-se a si mesmos. Isto apenas é possível quando a doação é reciprocamente livre, através de uma liberdade de escolha, e autêntica, ou seja, enraizada na verdade. Do mesmo modo, os esposos deverão procurar doar-se um ao outro com um coração puro e sem maldade, ser perseverantes perante as dificuldades da vida e permanecer fiéis, conscientes de que Deus não permitirá que sejam tentados acima das suas forças.

Devendo o amor ocupar o centro da vida familiar, no segundo ponto deste terceiro capítulo, salientaremos a relação de amor que consolida a comunhão esponsal. Como tal, se à primeira vista podemos identificar a relação afectiva e caritativa que deve existir não só entre os esposos, mas também para com toda a família e sociedade, num ponto de vista mais intimista podemos salientar a relação sexuada entre os esposos, onde, através dos seus corpos se doam totalmente um ao outro. Contudo, tanto a relação afectiva e caritativa como a relação sexuada não se poderão fechar em si mesmas, mas antes levar à relação transcendente com Deus, pois Deus deve ser o fundamento da família.

No terceiro ponto do último capítulo não poderemos deixar de salientar que os esposos são chamados a dar frutos, quer na própria família (procurando a sua auto-realização e a da sua família através da sua união de amor e dos filhos), quer na sociedade onde estão inseridos, quer na paróquia e na Igreja Universal, tornando-se Corpo de Cristo e comunidade de santificação.

Por fim, com este trabalho académico esperamos compreender melhor o empenho e a dedicação de João Paulo II para com os esposos e, conseqüentemente, as famílias, bem como o seu pensamento acerca da família, assente no matrimónio, como caminho de santificação.

Estamos conscientes da vastidão do tema e da nossa impossibilidade de abordar exaustivamente todos os aspectos relacionados com o matrimónio e a família. Contudo, esperamos salientar, de um modo geral, os aspectos mais importantes, na esperança de que nos incentive a continuar a pesquisa sobre esta temática tão importante.

Embora não ignoremos de que são muitas as dificuldades a enfrentar por parte dos esposos e de toda a família no seu dia-a-dia, evitaremos abordar essa temática, de modo a não nos afastarmos daquilo a que nos propusemos. Contudo, estamos confiantes em que, de um modo geral, os temas desenvolvidos ajudarão a melhor compreender e enfrentar esses obstáculos esponsais e familiares.

CAPÍTULO I

KAROL WOJTYŁA: ORIGEM DE UMA TEOLOGIA

E UMA ÉTICA DO MATRIMÓNIO

O modo como Karol Wojtyła entendia o matrimónio e a família era fruto do contexto familiar, cultural, religioso, social, político e formativo em que viveu. Este foi *sui generis*, pois desde muito cedo o seu trajecto foi marcado pela morte, opressão e perseguição e por sentimentos patrióticos de luta pela liberdade, de solidariedade e de compaixão. Foi uma escola de aprendizagem que lhe ensinou a compreender a realidade que o envolvia, por vezes da maneira mais dura e cruel.

Além disso, também foi brindado com uma formação teológica e pastoral privilegiada (não só na Polónia, mas principalmente em Roma) e com as experiências vividas em diversos países da Europa e do resto do Mundo.

Essa aprendizagem, fruto da sua experiência de vida, foi-se convertendo em acções concretas, quer enquanto sacerdote, quer como bispo e, posteriormente, Papa.

Podemos ousar afirmar que o seu pontificado foi uma continuação perfeita daquilo que Wojtyła havia feito até então, enquanto jovem sacerdote e bispo. As suas iniciativas e as suas obras demonstraram-no.

Porque são inúmeras as biografias existentes de João Paulo II, ao longo deste capítulo, iremos ter como base a biografia de George Weigel. Tal escolha deve-se, não só ao seu enorme rigor científico, mas também pelo acesso inédito que o autor teve junto de João Paulo II e das pessoas que com ele trabalharam ao longo da sua vida.

1.1. A vida de Karol Wojtyła como um caminho de aprendizagem

A vida de Karol Wojtyła foi uma verdadeira escola de aprendizagem, onde cada experiência e cada vivência o ensinaram a compreender a realidade, por vezes terrível, que o envolvia.

Karol Wojtyła, ‘filho da sua terra’, nasceu e cresceu absorvendo os valores que o pai e, de modo especial, as exigências da vida, lhe foram ensinando. Na verdade, os horrores da guerra e a luta pela liberdade foram alguns dos momentos decisivos na sua formação. Como tal, torna-se fulcral debruçar-nos sobre a sua vida familiar e o contexto em que ele viveu, para mais tarde compreendermos, não só o seu pensamento, mas também as suas acções, referentes à teologia e à ética do matrimónio.

a. Ambiente familiar, cultural e social

Karol Józef Wojtyła, nascido a 18 de Maio de 1920, foi o terceiro filho de Emília Kaczorowska Wojtyła e de Karol Wojtyła (Sénior). O primeiro filho do casal, Edmund Wojtyła⁹, foi um excelente aluno e licenciou-se em ciências médicas. Sabe-se também que Emília teve uma filha¹⁰ alguns anos depois de Edmund nascer, que morreu com poucas semanas de vida¹¹.

Pouco mais de 3 anos após o nascimento de Karol, morreu¹² o seu avô paterno, Maciej Wojtyła. Já em 13 de Abril de 1929, quando estava quase a terminar o terceiro ano escolar, a mãe, que se encontrava doente havia vários anos, morreu de insuficiência renal e de doença congénita cardíaca, com 45 anos de idade¹³. O pai foi à sua escola em Wadowice a fim de dar a notícia. Contudo, retirou-se sem falar com o filho, pelo que coube a uma professora dizer-lhe o sucedido e dar-lhe algum consolo. Sabe-se também que, na altura, chorou em privado no túmulo de sua mãe¹⁴.

Além de um poema, a única referência à sua mãe foi feita no livro *Dom e Mistério*, onde afirmou: “*Ainda não tinha feito a Primeira Comunhão, quando perdi a minha mãe: contava apenas nove anos. Por isso, não tenho uma noção clara do contributo, seguramente grande, dado por ela à minha educação religiosa*”¹⁵. Como tal, seriam certamente muito poucas as recordações que Karol teria guardado de sua mãe.

Já a morte de Edmund, seu irmão mais velho, se revelou bastante dolorosa, visto que eles tinham desenvolvido uma forte relação quando Edmund terminou os estudos na Universidade e começou a trabalhar como médico num hospital próximo da família. Tinha Karol 12 anos quando, no inverno de 1932, uma epidemia de escarlatina tirou a vida a Edmund, com apenas 26 anos.

A morte foi uma presença constante na vida de Karol Wojtyła. Perante uma Polónia ocupada pelos Nazis, e posteriormente por Comunistas, o cenário esteve constantemente repleto de morte e destruição¹⁶.

⁹ Nasceu no dia 27 de Agosto de 1906.

¹⁰ Não existem registos do seu nascimento, baptismo ou morte prematura.

¹¹ Cf. G. WEIGEL – *Testemunho de Esperança: A Biografia do Papa João Paulo II*. Lisboa: Bertrand Ed., 2000, 30.

¹² Morreu em Lipnik no dia 23 de Setembro de 1923.

¹³ Cf. G. WEIGEL – *Testemunho de Esperança*, 31.

¹⁴ Cf. E. STOURTON – *João Paulo II: Um homem para a História*. Lisboa: Ed. Bizâncio, 2006, 21-22.

¹⁵ JOÃO PAULO II, PAPA – *Dom e mistério: Nas minhas bodas de ouro sacerdotais*. 2ª ed. Lisboa: Paulinas, 1996, 29.

¹⁶ Cf. G. WEIGEL – *Testemunho de Esperança*, 62.

Contudo, o pior estaria ainda para vir. A 18 de Fevereiro de 1941, Karol encontrou o seu pai, que estava acamado desde o Natal de 1940, morto, no quarto. Sentindo culpa por não ter estado ao seu lado aquando da sua morte, passou toda a noite a rezar, ajoelhado ao lado do corpo do pai. Mais tarde viria a referir que nunca se havia sentido tão só como naquele dia¹⁷. Perante tamanha perda, a amizade da família Kydrynski, que durante os difíceis anos de guerra o rodeou com carinhosa assistência e afecto, foi para ele de grande ajuda¹⁸.

Karol teve muitos mentores durante as suas juventude e adolescência. Contudo, terá sido o pai quem mais o influenciou. A afeição e o respeito que sentia em relação ao seu pai viúvo foram ímanes fortes que o orientaram moralmente. Para alguns, ele poderá parecer um homem que aguentou com resignação as tragédias que a vida lhe infligiu, mas a lição moral que Karol obteve do pai não foi heróica mas cristã – a lição do sofrimento transformado em fé¹⁹.

Por isso, apesar de Karol ter vivido durante muitos anos em situação precária²⁰, a falta de conforto humano não o afectou, pois estava habituado à austeridade²¹. Na verdade, a austeridade testemunhada por seu pai ao longo da vida era fruto “*de uma convicção sobre o ascetismo cristão e de uma certeza inabalável de que a verdadeira dimensão de um homem não era a sua saúde mas sim o seu carácter*”²².

Como tal, seu pai foi para Karol um grande ponto de referência, ou, como afirma Weigel, “*uma âncora neste ambiente de mares revoltos*”²³. De facto, aquando da viuvez, a sua vida viria a transformar-se numa oração constante, pelo que João Paulo II referiu mais tarde na sua biografia *Dom e Mistério*:

*“Acontecia-me acordar de noite e encontrar o meu pai de joelhos, como, de resto, o via sempre na igreja paroquial. Entre nós não se falava da vocação ao sacerdócio, mas o seu exemplo foi para mim, de algum modo, o primeiro Seminário, uma espécie de Seminário doméstico.”*²⁴

Era reconhecido por todos como um homem justo e de uma integridade de aço, ideais que procurou transmitir ao seu filho, bem como um instinto paternal, à imagem do relacionamento de Deus com os homens. É bastante provável que tenha sido o pai de Karol a

¹⁷ T. SZULC – *Pope John Paul II: The Biography*. New York: Pocket Books, 1996, 117.

¹⁸ Cf. JOÃO PAULO II, PAPA – *Dom e mistério*, 48

¹⁹ Cf. G. WEIGEL – *Testemunho de Esperança*, 41.

²⁰ Cf. G. WEIGEL – *Testemunho de Esperança*, 52.

²¹ Cf. G. WEIGEL – *Testemunho de Esperança*, 39.

²² G. WEIGEL – *Testemunho de Esperança*, 41.

²³ G. WEIGEL – *Testemunho de Esperança*, 62.

²⁴ JOÃO PAULO II, PAPA – *Dom e mistério*, 29-30.

pô-lo em contacto com o Romantismo polaco, a fim de lhe fortalecer o espírito polaco durante a ocupação²⁵.

Com o tempo, Karol foi desenvolvendo uma forte paixão pelo teatro, e aí encontrou uma relação entre a emoção e o intelecto, bem como entre as percepções da realidade e a verdade das coisas. Além disso, descobriu no teatro a experiência da comunidade, a acção de autodisciplina de um grupo de indivíduos que, ao combinarem os seus talentos individuais com os dos outros, se tornaram algo mais do que a soma das suas partes²⁶.

Durante a sua juventude, e depois enquanto sacerdote, Karol escreveu e encenou diversas peças, tais como *Job, Rei Espírito*²⁷, *O Irmão do Nosso Deus*, ou *A Loja do Ourives*, que ao longo das décadas seguintes foram deixando uma marca indelével no seu pensamento.

b. O mundo do trabalho e o despertar vocacional

No Outono de 1940, devido ao despontar do anti-semitismo na Polónia²⁸, Karol teve que procurar trabalho, caso contrário seria enviado para um campo de concentração ou executado. Assim, trabalhou primeiramente num restaurante e, mais tarde, devido à crescente exigência por parte dos nazis, teve de trabalhar na pedreira e depois na fábrica de produtos químicos da companhia Solvay, num trabalho duro e perigoso²⁹.

Os anos passados na Fábrica Solvay fizeram-no compreender melhor a realidade do mundo. Deparou-se com uma faceta do mundo que até então desconhecia – o mundo do trabalhador industrial. Karol ficou deveras impressionado com a dignidade destes homens, expressa na amizade e na vontade de ajudar os outros, apesar das circunstâncias difíceis³⁰.

*“A partir do meu trabalho manual, sabia bem o que significava o cansaço físico. Encontrava-me todos os dias com pessoas que trabalhavam duramente. Conheci o ambiente desta gente, as suas famílias, os seus anseios, o seu valor humano e a sua dignidade. Experimentei pessoalmente a sua grande cordialidade.”*³¹

²⁵ Cf. G. WEIGEL – *Testemunho de Esperança*, 29-42.

²⁶ Cf. G. WEIGEL – *Testemunho de Esperança*, 38.

²⁷ Peça teatral de Slowacki, primeira produção clandestina do Teatro Rapsódico (a 1 de Novembro de 1941). Karol desempenhou o papel do rei Boleslaw, «o Corajoso».

²⁸ Cf. G. WEIGEL – *Testemunho de Esperança*, 38-39.

²⁹ Cf. JOÃO PAULO II, PAPA – *Dom e mistério*, 15.

³⁰ Cf. G. WEIGEL – *Testemunho de Esperança*, 54.

³¹ JOÃO PAULO II, PAPA – *Dom e mistério*, 31.

Durante 4 anos, Karol conviveu com estes homens e conheceu-os de perto, bem como as suas famílias, as suas condições de vida, os seus interesses e o seu valor humano. Além disso, era frequente o debate com os colegas de trabalho sobre diversos assuntos religiosos.

“Travei amizade com muitos operários. Às vezes, convidavam-me para ir a casa deles. Mais tarde, como sacerdote e depois como Bispo, baptizei os seus filhos e netos; abençoei os casamentos e fiz os funerais de muitos deles. Tive ainda ocasião para verificar quantos sentimentos religiosos se abrigavam neles, e quanta sabedoria de vida!”³²

Tal experiência revolucionou o seu modo de pensar³³. Compreendeu que o trabalho deveria ser entendido como uma participação na criatividade de Deus, visto fazer parte da própria essência do ser humano o domínio sobre a terra, domínio esse que lhe foi dado pelo próprio Deus³⁴.

Todas estas experiências, bem como um encontro inesperado durante a ocupação com Jan Tyranowski, um místico leigo, foram formando a espiritualidade de Karol Wojtyła, realçando a cruz como o centro da vida cristã e da vida humana³⁵. A santidade pessoal manifestada por Jan Tyranowski, que constituía um exemplo das possibilidades apostólicas de uma vocação laica, veio reforçar a ideia que Karol já tinha de que a santidade não estava exclusivamente reservada aos padres e consagrados, mas era vocação de todos na Igreja. Nessa linha afirmou mais tarde:

“Os leigos podem realizar a própria vocação no mundo e atingir a santidade, não apenas empenhando-se activamente a favor dos pobres e necessitados, mas também animando com espírito cristão a sociedade, mediante o cumprimento dos seus deveres profissionais e o testemunho de uma vida familiar exemplar. Tenho em mente não só os que ocupam postos de primeiro plano na sociedade, mas igualmente aqueles que sabem transformar em oração o seu quotidiano, pondo Cristo no centro das suas actividades. Será Ele mesmo a atrair todos a si, saciando a sua fome e sede de justiça (Cf. Mt5,6)”³⁶

Tudo isto contribuiu para a sua admiração pela vida laical, levando-o a pensar seriamente em abraçá-la. Contudo, após a morte do pai, Karol deparou-se com um discernimento vocacional, que durou cerca de ano e meio e o levou a abraçar o sacerdócio. Tal ideia foi-se intensificando em Karol, também como forma de viver na resistência à crescente degradação da dignidade humana, impulsionada pelas novas ideologias³⁷. Nessa resistência, deparou-se com autênticos modelos heróicos de vocação sacerdotal, tais como o

³² JOÃO PAULO II, PAPA – *Dom e mistério*, 31.

³³ A devoção católica de então considerava aquele trabalho duro como uma das penitências do pecado original.

³⁴ Cf. G. WEIGEL – *Testemunho de Esperança*, 54.

³⁵ Cf. G. WEIGEL – *Testemunho de Esperança*, 44.

³⁶ JOÃO PAULO II, PAPA – *Levantai-vos! Vamos!*. Lisboa: Dom Quixote, 2004, 103.

³⁷ Cf. G. WEIGEL – *Testemunho de Esperança*, 63.

Frei Maximiliano Kolbe ou o Cardeal Adam Sapieha³⁸, que vieram a desempenhar um papel relevante na orientação de Karol para o sacerdócio.

Além disso, sentiu-se fortemente fascinado pelo total desprendimento e entrega a Cristo do Frei Santo Alberto, que se tornou pobre com os pobres, “*como alguém que se dá a si próprio para servir os deserdados*”³⁹. Como tal, encontrou nele um forte apoio espiritual e um exemplo, que o ajudou a desprender-se das artes e a abraçar a vocação ao sacerdócio⁴⁰.

Também os heróicos salesianos da paróquia de Debniki e os carmelitas de Cracóvia, com quem havia feito um retiro durante o tempo de guerra, foram para ele deveras marcantes.

Além disso, são de referir também a sua participação no Rosário Vivo, movimento do qual fez parte, e a constante orientação do padre Kazimierz, confessor de Karol⁴¹, por quem manifestava uma grande admiração e com quem mantinha uma forte relação de amizade⁴².

É, contudo, oportuno salientar, por meio do testemunho do próprio Wojtyła, que tanto a família, como a paróquia da sua adolescência, foram peças fulcrais para o seu crescimento espiritual, e, de modo especial, para a sua devoção mariana.

*“A veneração à Mãe de Deus, na sua forma tradicional, recebi-a da família e da paróquia de Wadowice. Lembro-me de que, na igreja paroquial, havia uma capela lateral dedicada à Mãe do Perpétuo Socorro, aonde iam [...] os estudantes do liceu. [...] Além disso, em Wadowice, havia numa colina um mosteiro carmelita [...] Os habitantes de Wadowice acorriam ali em grande número, o que acabava por se traduzir numa generalizada devoção ao escapulário de Nossa Senhora do Carmo [...] E foi assim que, tanto na igreja paroquial como na do Carmelo, se formou a minha devoção mariana.”*⁴³

Tendo Karol decidido entrar no Seminário de Cracóvia, deveria frequentá-lo de modo clandestino, para que ninguém tivesse conhecimento da sua existência. Por isso continuou a desempenhar o seu trabalho na fábrica da Solvay durante os dois primeiros anos⁴⁴.

Ao entrar no seminário não virou as costas aos leigos, antes, pelo contrário, Wojtyła procurou manter sempre viva uma forte ligação com eles. Na verdade, sentia que, se por um lado e de algum modo, foram eles que o introduziram no caminho para o sacerdócio, ao indicarem-lhe, na dimensão do sacrifício, a verdade mais profunda e essencial do sacerdócio

³⁸ Cf. G. WEIGEL – *Testemunho de Esperança*, 45.

³⁹ JOÃO PAULO II, PAPA – *Dom e mistério*, 40.

⁴⁰ Cf. JOÃO PAULO II, PAPA – *Dom e mistério*, 43.

⁴¹ Cf. G. WEIGEL – *Testemunho de Esperança*, 63.

⁴² Cf. G. WEIGEL – *Testemunho de Esperança*, 33.

⁴³ JOÃO PAULO II, PAPA – *Dom e mistério*, 37.

⁴⁴ Cf. JOÃO PAULO II, PAPA – *Dom e mistério*, 21-23.

de Cristo⁴⁵, por outro, somente caminhando a seu lado poderia aprender a conhecer as suas ânsias e a servi-los.

*“Dos frequentes contactos com os leigos, tirei sempre muito proveito e aprendi muito; entre eles, contam-se simples operários, homens da cultura e da arte, grandes cientistas. De tais encontros nasceram amizades cordiais, muitas das quais ainda perduram. Graças a eles, a minha acção pastoral como que se multiplicou, superando barreiras e penetrando em ambientes, dificilmente acessíveis de outro modo. Efectivamente, acompanhou-me sempre a consciência profunda da urgente necessidade do apostolado dos leigos na Igreja.”*⁴⁶

c. Sacerdócio e Episcopado

Aquando do início do quinto ano, por decisão do Cardeal Sapieha, Karol Wojtyła foi ordenado sacerdote⁴⁷ e enviado poucos dias depois para Roma, a fim de aí completar os estudos⁴⁸. O Reitor do seminário de Cracóvia havia aconselhado o jovem Karol a ‘*aprender Roma, em si mesma*’ – e foi o que ele fez, visitando os monumentos mais importantes do Cristianismo e da sua história⁴⁹.

Nas férias do Natal e da Páscoa procurava conhecer outras cidades, não só italianas mas também de outros países da Europa, ainda que no centro da sua experiência permanecesse sempre Roma⁵⁰.

Tal experiência permitiu-lhe “*entrar em contacto com certas formas de vanguarda do apostolado*”⁵¹, sobretudo com o padre Jozef Cardijn⁵², que lhe falava da “*experiência humana particular que é o cansaço físico*”⁵³, experiência essa a que Karol Wojtyła já estava, de certo modo, habituado, por ter trabalhado na pedreira e na fábrica da Solvay. No fundo, através desta experiência, Karol pôde compreender mais profundamente como o sacerdócio está ligado à pastoral e ao apostolado dos leigos⁵⁴.

“A fábrica foi para mim um verdadeiro seminário [...] Nessa altura, não me dava conta da importância que isso haveria de ter em mim. Só mais tarde, quando, já sacerdote e durante os

⁴⁵ Cf. JOÃO PAULO II, PAPA – *Dom e mistério*, 47.

⁴⁶ JOÃO PAULO II, PAPA – *Dom e mistério*, 80.

⁴⁷ Wojtyła foi ordenado sacerdote na capela particular do Cardeal Sapieha na residência episcopal a 1 de Novembro de 1946.

⁴⁸ Cf. JOÃO PAULO II, PAPA – *Dom e mistério*, 23.

⁴⁹ Cf. JOÃO PAULO II, PAPA – *Dom e mistério*, 59-61.

⁵⁰ Cf. JOÃO PAULO II, PAPA – *Dom e mistério*, 61.

⁵¹ JOÃO PAULO II, PAPA – *Dom e mistério*, 61.

⁵² Nomeado Cardeal a 22 de Fevereiro de 1965.

⁵³ JOÃO PAULO II, PAPA – *Dom e mistério*, 62.

⁵⁴ Cf. JOÃO PAULO II, PAPA – *Dom e mistério*, 62-68.

estudos em Roma, pude, graças aos meus colegas do Colégio Belga, conhecer a experiência dos padres-operários e o movimento da Juventude Operária Católica (JOC), é que percebi que o contacto com o mundo do trabalho, considerado tão importante para a Igreja e para o sacerdócio no Ocidente, já o tinha incluído na minha experiência de vida.”⁵⁵

Graças ao contacto directo com a realidade na Bélgica, na França e na Holanda, Karol Wojtyła foi abrindo um horizonte europeu mais vasto no que dizia respeito ao fenómeno dos padres-operários, à pastoral das missões nos subúrbios de Paris, à sólida organização da Igreja e à pastoral na Holanda⁵⁶ e ao contacto com os imigrantes polacos trabalhadores nas minas Belgas e suas famílias⁵⁷.

Mais tarde, reconhecendo o contributo recebido pelo desvendar da Europa Ocidental, que se encontrava então ameaçada por um processo de secularização, Karol Wojtyła afirmou: *“Media o desafio que isto representava para a Igreja, chamada a fazer frente ao perigo ameaçador, através de novas formas de pastoral, abertas a uma presença mais ampla do laicado.”⁵⁸*

Wojtyła teve ainda a oportunidade de visitar a pequena igreja de Ars, onde S. João Maria Vianney dedicou inúmeras horas a confessar, a ensinar o catecismo e a fazer as suas homilias. Impressionado, Karol afirmou: *“nele se revela a força da graça que age na pobreza dos meios humanos [...] o seu testemunho constitui um acontecimento verdadeiramente revolucionário”⁵⁹*.

Terminou os exames do primeiro grau de doutoramento⁶⁰ a 14 de Junho de 1948, e defendeu a tese de doutoramento cinco dias depois, com o tema: *A Doutrina da Fé segundo São João da Cruz*, onde deu especial ênfase ao encontro pessoal do homem com Deus, sublinhando que isso não é exclusivo para místicos, mas o centro de todo o cristão⁶¹.

De regresso à Polónia⁶², foi nomeado coadjutor do pároco Mons. Kazimierz Buzala, em Niegowic. Durante um ano desempenhou o seu papel pastoral como coadjutor e professor, tendo-lhe sido confiadas cinco escolas primárias⁶³.

Depois foi transferido para S. Floriano, em Cracóvia, a fim de desempenhar a função de pároco, professor e assistente pastoral dos estudantes universitários, iniciando ali as conferências para a juventude universitária. Dois anos mais tarde, por indicação do arcebispo

⁵⁵ JOÃO PAULO II, PAPA – *Dom e mistério*, 30-31.

⁵⁶ Cf. JOÃO PAULO II, PAPA – *Dom e mistério*, 62.

⁵⁷ Cf. JOÃO PAULO II, PAPA – *Dom e mistério*, 65.

⁵⁸ JOÃO PAULO II, PAPA – *Dom e mistério*, 65.

⁵⁹ JOÃO PAULO II, PAPA – *Dom e mistério*, 66.

⁶⁰ O segundo foi-lhe atribuído em Janeiro de 1954 pela Faculdade de Teologia da Universidade Jagueloniana.

⁶¹ Cf. G. WEIGEL – *Testemunho de Esperança*, 76-77.

⁶² Regressa a 15 de Junho de 1948 à Polónia, chegando a Niegowic a 28 de Julho.

⁶³ Cf. JOÃO PAULO II, PAPA – *Dom e mistério*, 72.

de Cracóvia, foi enviado para o trabalho acadêmico, assumindo a cadeira de ética e de teologia moral⁶⁴.

A 4 de Julho de 1958 foi nomeado Bispo Auxiliar de Cracóvia, mas, mesmo assim, Wojtyła continuou bastante próximo dos jovens e das famílias, exercendo a sua pastoral com a mesma familiaridade e proximidade⁶⁵.

Karol Wojtyła esteve também presente em todas as sessões do Concílio Vaticano II, dando-lhe esta presença um sentido novo e muito concreto da universalidade da Igreja. E ele, que em 1962 chegou a Roma como um entre os muitos participantes do Concílio, tornou-se, em grande parte devido às suas ideias e intervenções, “*num dos homens da Igreja mais conhecidos do mundo para os seus pares e até provavelmente para a imprensa mundial*”⁶⁶.

Por isso não se estranhou que Wojtyła fosse nomeado arcebispo de Cracóvia, pelo Papa Paulo VI, em 30 de Dezembro de 1963, e fosse eleito Papa em 16 de Outubro de 1978.

1.2. A dedicação de Karol Wojtyła aos jovens, aos noivos e às famílias

Karol Wojtyła dedicou grande parte da sua vida aos jovens, aos noivos e às famílias, promovendo o *Amor*. Algo irónico, se tivermos em conta que o seu passado foi todo marcado pela morte, pela guerra e pelo sofrimento. Na verdade, Karol aprendeu o *Amor* de um modo dramático, com a perda prematura das pessoas que lhe eram mais caras⁶⁷: em primeiro lugar a da mãe, levando-nos a crer ser esse um dos motivos pelos quais a nostalgia pelo amor materno terá permanecido sempre muito viva nele; em seguida a do irmão, que havia sido para Karol um amigo muito próximo; depois as dos amigos e conhecidos que foram, ao longo dos anos, feitos prisioneiros ou mortos, vítimas da guerra e do regime; e, por fim, a do pai, que fora para ele ‘âncora’ e modelo a seguir.

Assim, enraizando o seu pensamento no *Amor*, Wojtyła, ao longo de toda a sua vida, dedicou-se especialmente aos jovens, e conseqüentemente aos noivos e às famílias⁶⁸. Devido à sua intensa experiência pessoal e de diálogo com os outros, Wojtyła estava bem consciente da necessidade de encarnar a realidade vivida pelas famílias e de as ajudar a viver a sua fé (cf. *FC 4*).

⁶⁴ Cf. JOÃO PAULO II, PAPA – *Dom e mistério*, 72-73.

⁶⁵ Cf. G. WEIGEL – *Testemunho de Esperança*, 88.

⁶⁶ G. WEIGEL – *Testemunho de Esperança*, 134.

⁶⁷ Cf. H. SUCHOCKA – “Giovanni Paolo II e l’amore umano”. *Amore umano* 1 (2007), 20.

⁶⁸ Cf. JOÃO PAULO II, PAPA – *Atravessar o limiar da esperança*. Lisboa: Ed. Planeta, 1994, 138.

Na verdade, interessando-se pela pastoral dos casais e dos noivos desde o início do seu ministério, destacou-se pela forma peculiar de falar do amor cristão com simplicidade e sem qualquer perturbação ou falso pudor⁶⁹.

Também o contexto cultural, social e político exerceu grande influência no pensamento de Wojtyła, pois a Igreja Polaca, profundamente ligada ao povo e à sua cultura, sempre animou e defendeu o povo. Esta defendeu o ser humano, a sua dignidade e os seus direitos fundamentais contra dois sistemas totalitários – o regime nazi e a ditadura comunista, com o seu ateísmo militante. Após um corajoso combate, a Igreja Polaca acabou por sair vitoriosa, devendo tal mérito ser atribuído, na sua maior parte, à família polaca⁷⁰.

Karol Wojtyła nascera e crescera absorvendo estes valores que o pai e, de modo especial, as exigências da vida, lhe iam ensinando, crescendo nele, de dia para dia, uma sensibilidade cada vez maior “*em relação à dignidade de cada pessoa humana e ao respeito pelos seus direitos, a começar pelo direito à vida*”⁷¹, tal como a sua preocupação pela família e pela juventude.

Deste modo, as suas iniciativas e as suas obras foram uma concretização constante dos valores e ideias absorvidos ao longo da sua experiência de vida.

Como seria de esperar, também a formação académica de Wojtyła teve um grande impacto na formação da sua mentalidade. Como tal, para além da sua experiência pessoal, salientou-se como fonte primária a Sagrada Escritura.

Esta teve uma incidência muito forte em todo o seu pensamento e em toda a sua obra, de modo especial o Livro do Génesis. Debruçando-se Wojtyła sobre a relação entre o homem e a mulher antes e depois da *queda* (*Gn 2,25 e Gn 3,7*), deu uma importância muito significativa ao *olhar*, pois considerava que aí reside o aspecto-chave que pode conduzir a um amor deformado.

a. Iniciativas mais significativas de Karol Wojtyła

Desde a sua juventude, Wojtyła foi integrando e promovendo diversas iniciativas que promovessem os valores humanos e cristãos que até então havia adquirido. Estas iniciativas acabariam por se tornar num enorme contributo para a sua precoce maturidade. Uma dessas

⁶⁹ Cf. Y. SEMEN – *A Sexualidade segundo João Paulo II*, 27.

⁷⁰ Cf. JOÃO PAULO II, PAPA – *Dom e mistério*, 77-78.

⁷¹ JOÃO PAULO II, PAPA – *Dom e mistério*, 78.

iniciativas foi o ter-se tornado membro, e depois presidente, da Congregação de Maria⁷², uma associação de jovens que incentivava a devoção à Mãe de Cristo.

Dedicação aos jovens

A atenção de Wojtyła esteve sempre, e cada vez mais, voltada para os jovens. Por isso, ele afirmou: “*além dos encontros com eles durante as visitas pastorais, dediquei sempre grande atenção ao mundo estudantil, particularmente o universitário*”⁷³. Durante as férias de Verão era frequente a sua participação nos acampamentos organizados pelos jovens dos diversos movimentos. A sua participação era bastante activa, pois não se limitava a contribuir para a sua organização, mas participava inclusive das suas escaladas nas montanhas. Além disso, unia-se aos seus cantos em redor da fogueira, pregava, falava com eles e, não raras vezes, celebrava-lhes a Santa Missa ao ar livre, mesmo já enquanto bispo⁷⁴.

Do mesmo modo, procurou sempre ter tempo para as crianças, inclusive no confessionário, pois considerava ser muito importante formar bem a consciência dos jovens desde a sua mais tenra infância⁷⁵.

E visto que sem a oração não é possível educar bem as crianças e os jovens, procurou sempre “*encorajar as famílias e as comunidades paroquiais a formar nas crianças o desejo de encontrar Deus na oração pessoal*”⁷⁶, de modo a que a pastoral das crianças pudesse continuar também durante a sua adolescência. Para isso fomentou entre os jovens a confissão frequente e a direcção espiritual, consciente de que estas ajudariam os jovens no discernimento da sua vocação e os protegeriam do extraviio no momento de entrar na vida adulta⁷⁷.

O grupo ‘Srodowisko’

Após ter assumido a capelania da universidade em S. Floriano, Wojtyła começou a formar um grupo de jovens, que mais tarde se viria a chamar *Srodowisko*. Este envolvia vários grupos de novos adultos e de jovens casais, com os quais o Padre Wojtyła viria a trabalhar

⁷² Grupo Rosário Vivo.

⁷³ JOÃO PAULO II, PAPA – *Levantai-vos! Vamos!*, 89.

⁷⁴ Cf. JOÃO PAULO II, PAPA – *Levantai-vos! Vamos!*, 89.

⁷⁵ Cf. JOÃO PAULO II, PAPA – *Levantai-vos! Vamos!*, 91-92.

⁷⁶ JOÃO PAULO II, PAPA – *Levantai-vos! Vamos!*, 92.

⁷⁷ Cf. JOÃO PAULO II, PAPA – *Levantai-vos! Vamos!*, 92.

clandestinamente. O primeiro deles autodenominava-se *Rodzinka*, ou ‘pequena família’, e teve início quando o Padre Wojtyła, no dia 2 de Fevereiro de 1951, criou um grupo coral para animar a eucaristia desse dia⁷⁸.

Rapidamente os diversos grupos do *Srodowisko* se foram expandindo em redes de diálogo intelectual, pelo que, tanto os jovens como os intelectuais mais velhos, foram participando em passeios, durante as férias, orientadas pelo Padre Wojtyła. Pouco a pouco, o *Srodowisko* foi assumindo um papel cada vez maior na formação das ideias e no sacerdócio de Karol Wojtyła⁷⁹.

No seio desse relacionamento foram nascendo amizades profundas, e um companheirismo que se contrapunha à falsidade da sociedade comunista de então. Devido à interdição dos sacerdotes poderem dirigir algum grupo, Wojtyła, a fim de não ser identificado pelo regime como padre, passou a ser tratado pelos jovens por ‘*Wujek*’, que significa ‘Tio’⁸⁰.

Intensificando o ministério sacramental da capelania, e nele envolvendo liturgicamente os estudantes, passou a ver cada vez mais a sua capelania como um sacerdócio de acompanhamento, um modo de acompanhar estes estudantes nas suas vidas, pois acreditava que a capelania devia estar presente na vida dos jovens, tanto no mundo como na igreja⁸¹.

No *Srodowisko*, Wojtyła viria a desenvolver as seguintes ideias⁸²:

- A vida não se pode fragmentar, não se pode dividir em grave e frívola, em verdadeira e em insignificante. Assim, o Homem deve aceitar a realidade no seu todo;
- O Cristianismo não existe somente para a sacristia e o santuário, nem tampouco é uma abstracção, pois o Reino de Deus é um chamamento para a acção;
- Jesus Cristo não era um Deus que pretendia ser homem, mas a encarnação de Deus que entrava totalmente no drama da condição humana;
- O amor não é contentarmo-nos com a satisfação dos outros, mas recebê-los como uma dádiva, e entregarmo-nos uns aos outros pelo bem de todos;
- A pessoa humana não pode ser desvalorizada ou diminuída devido à sua condição social, económica, étnica, etc.

Wojtyła passava grande parte do seu tempo livre com os leigos. As amizades, uma vez estabelecidas, eram para toda a vida, e estava sempre disponível para os seus amigos⁸³. E isto

⁷⁸ Cf. G. WEIGEL – *Testemunho de Esperança*, 86.

⁷⁹ Cf. G. WEIGEL – *Testemunho de Esperança*, 86.

⁸⁰ Cf. G. WEIGEL – *Testemunho de Esperança*, 87.

⁸¹ Cf. G. WEIGEL – *Testemunho de Esperança*, 87.

⁸² Cf. G. WEIGEL – *Testemunho de Esperança*, 94.

⁸³ Cf. G. WEIGEL – *Testemunho de Esperança*, 103.

não somente enquanto sacerdote, mas também enquanto Bispo, celebrando a Missa para os estudantes uma vez por mês, organizando retiros anuais de estudantes pela Quaresma e levando o grupo *Srodowisco* em passeios pelo campo⁸⁴.

Empenho episcopal

Enquanto Arcebispo, e depois Cardeal de Cracóvia, Wojtyła foi acentuando e valorizando, cada vez mais, a importância dos jovens e das famílias, não só com a publicação de reflexões sobre o matrimônio, a paternidade e a família, mas também com a promoção de eventos a eles ligados.

Logo, não é de estranhar que tenha ajudado a desenvolver redes de resistência ao comunismo, não através da violência, mas da resistência à cultura comunista da mentira, que contrastava com a verdade das suas convicções morais e religiosas. Dava assim expressão a uma visão da vida e do destino humanos completamente contrária às ideologias comunistas. Assim, acreditava que a Igreja tinha o papel de servir e defender a pessoa humana contra a perseguição e a humilhação⁸⁵.

Contudo, Wojtyła não se dedicou somente à juventude, mas empenhou-se, com grande afinco e atenção, à defesa da dignidade humana, bem como aos ministérios da família e da caridade, depositando aí a sua maior preocupação.

No intuito de preparar os jovens e os noivos para o casamento, criou um programa formativo que cobria toda a Arquidiocese. Com a ajuda de leigos, que ele mesmo ajudou a instruir, procurou fazer frente aos esforços do regime polaco – que pretendia destruir a vida familiar –, alargando esta forma de ajuda pastoral⁸⁶.

Assim, em 1967 organizou um curso intensivo, com a duração de um ano, de preparação para o casamento e para a vida familiar, debruçando-se sobre temas teológicos, filosóficos, psicológicos e médicos. Dois anos mais tarde, este curso foi transformado num Instituto para Estudos Familiares a nível da Arquidiocese, patrocinando conferências relacionadas com a família, tais como a teologia do casamento, a sexualidade humana, o cuidado infantil e a cura do stress pós-aborto. O Instituto veio a tornar-se o centro intelectual e de instrução do Departamento dos Cuidados Pastorais da Família, já criado em 1968 por Wojtyła⁸⁷.

⁸⁴ Cf. G. WEIGEL – *Testemunho de Esperança*, 88.

⁸⁵ Cf. G. WEIGEL – *Testemunho de Esperança*, 104.

⁸⁶ Cf. G. WEIGEL – *Testemunho de Esperança*, 165.

⁸⁷ Cf. G. WEIGEL – *Testemunho de Esperança*, 165.

Nos anos 70, o Instituto desenvolveu um programa cuja finalidade era preparar os estudantes para assumirem a função de instrutores e auxiliares nos programas de preparação para o casamento, a nível paroquial. Em 1974, o costume da preparação para o casamento estava já instituído em toda a diocese. Nesse mesmo ano, Wojtyła deu início a um fundo da Arquidiocese a fim de apoiar as mães solteiras que rejeitassem o aborto e optassem por educar sozinhas os seus filhos⁸⁸.

Em 1963, Wojtyła criou na sua arquidiocese as *Equipas de Caridade Paroquial*, cuja finalidade era assistir aos doentes, necessitados e idosos, independentemente das suas religiões. Em 1965 criou o Ministério Pastoral da Divisão da Caridade na Cúria Metropolitana, fazendo que cada paróquia desenvolvesse um programa educacional que aprofundasse a espiritualidade dos que já se encontravam comprometidos com o trabalho caritativo, e ajudasse na preparação e integração de outros membros⁸⁹.

b. Obras mais significativas de Karol Wojtyła

Todas as obras de Wojtyła foram embebidas na sua vivência diária. Assim, é compreensível depararmos-nos, nas suas primeiras obras, com um forte sentido patriótico, em defesa dos valores polacos, da liberdade e da justiça. Como tal, nas primeiras peças teatrais, o jovem dramaturgo debruçou-se sobre o porquê do sofrimento da Polónia⁹⁰.

Nas suas obras já mais amadurecidas, deparamos-nos com uma maior preocupação pelo homem em si. Estas encontram-se profundamente embebidas pelos valores da família, ainda que nem sempre de forma directa, e pelo amor para com o próximo e para com Deus, salientando-se sempre a dignidade e a liberdade humanas.

As peças teatrais

A sua primeira obra, escrita em Dezembro de 1939, chamada *David*, perdeu-se. Sabe-se, porém, que era um poema dramático, onde se conjugava a parte bíblica com a história polaca⁹¹.

⁸⁸ Cf. G. WEIGEL – *Testemunho de Esperança*, 165.

⁸⁹ Cf. G. WEIGEL – *Testemunho de Esperança*, 167.

⁹⁰ G. WEIGEL – *Testemunho de Esperança*, 58.

⁹¹ Cf. G. WEIGEL – *Testemunho de Esperança*, 57.

Escreveu *Job* na Primavera de 1940. Esta peça consistia na meditação sobre a justiça na história, sendo fruto da experiência da ocupação nazi da Polónia. Tal como na sua obra anterior, a peça segue de muito perto a história bíblica, encarnando Job o sofrimento da Polónia sob o jugo nazi⁹².

Também de inspiração bíblica, e muito semelhante às suas obras anteriores, a peça teatral intitulada *Jeremias*, escrita no Verão de 1940, debruça-se sobre os cenários da Polónia dos finais do séc. XVI. Wojtyła salientou o papel do padre jesuíta da contra-reforma Piotr Skarga, que lutou pela alma da nação.

O Irmão do Nosso Deus foi a primeira peça amadurecida de Wojtyła durante o seu último ano de seminário em Cracóvia. Fascinado pela vida de Frei Alberto⁹³, procurou retratar a luta travada no seu interior para descobrir e viver a sua vocação. A peça é profundamente vocacional, pelo que a luta que trava interiormente se transforma numa dádiva, num abandono do seu ego em prol do serviço e do desprendimento. Do mesmo modo, Wojtyła aproveitou as lutas do Frei Alberto para criticar a violência revolucionária, sublinhando a liberdade e a dignidade humana⁹⁴.

A Loja do Ourives é uma profunda meditação poética sobre o casamento, publicada por Karol Wojtyła no Natal de 1960, sob o pseudónimo de A. Jawien, e tem como fonte de inspiração os problemas concretos de diversos membros do Srodowisco.

Conta a história de três casamentos, cada um com características e dificuldades peculiares mas, ao mesmo tempo, bastante comuns na sociedade actual. Ao longo do drama sublinhou que o amor e a fidelidade não podem ser reduzidos a meras emoções, pois o alicerce deve assentar na capacidade humana para alcançar e agarrar a verdade moral das coisas. Como tal, o casamento é a realidade de duas pessoas transformadas pelo encontro e entrega mútua inicial, cujo amor é ícone da vida interior do Deus trinitário e da Sua relação com os homens, através da Encarnação do Seu filho⁹⁵.

Na verdade, esta obra permite-nos avaliar a riqueza da experiência que Wojtyła foi adquirindo ao longo do acompanhamento espiritual dos casais do Srodowisco⁹⁶.

⁹² Cf. G. WEIGEL – *Testemunho de Esperança*, 57.

⁹³ Frei Alberto dedicou a sua vida ao serviço dos pobres e desalojados, vivendo também ele numa pobreza extrema.

⁹⁴ Cf. G. WEIGEL – *Testemunho de Esperança*, 97-99.

⁹⁵ Cf. G. WEIGEL – *Testemunho de Esperança*, 99-101.

⁹⁶ Cf. Y. SEMEN – *A Sexualidade segundo João Paulo II*, 27-34

Os livros mais significativos

Amor e Responsabilidade foi o primeiro livro escrito por Wojtyła. Fruto da sua experiência pastoral, contou para a sua elaboração com o sentido crítico dos seus estudantes, com quem debateu os assuntos em questão, ora em grupo, ora em privado. Na verdade, neste livro espelhava-se nitidamente a vivência de homens e mulheres que procuravam viver em plenitude a sua vida matrimonial.

Sendo sobre a ética sexual e marital, teve como objectivo dar resposta às necessidades pastorais de então. No fundo, este livro consiste numa síntese de várias dimensões, fruto da sua experiência pastoral no domínio da preparação para o casamento⁹⁷.

Dando-se conta da necessidade e do direito que os homens e as mulheres jovens tinham, não só de instrução mas também de afirmação e celebração das suas vocações para o casamento, Wojtyła iniciou então um percurso de desenvolvimento e de reapresentação da ética social da Igreja⁹⁸.

Para tal, apresentou a sexualidade como um bem, que deve ser exercido na liberdade, inserindo a moralidade sexual no contexto de um Amor que é uma expressão de responsabilidade, não só pessoal, mas perante um outro ser humano e perante Deus⁹⁹. Como tal, situou o centro do problema moral sexual no saborear o prazer sexual sem todavia tratar a pessoa como um mero objecto de prazer¹⁰⁰.

A sua primeira publicação provocou inúmeras críticas, pois a sexologia era um tema demasiado delicado e ousado para ser abordado por um jovem bispo. Contudo, Wojtyła não vacilou perante os seus opositores e defendeu que os padres e os bispos têm a responsabilidade pastoral de falar cândida e humildemente com o seu povo sobre o desejo e a satisfação sexual¹⁰¹.

O livro *Pessoa e Acto* é talvez a sua obra mais densa e uma das mais sofisticadas. Tentou expor nela a base filosófica do ensinamento sobre a liberdade do Vaticano II e da sua relação com a verdade¹⁰². Para tal, ao contrário das correntes modernas, que apresentam a auto-afirmação como indicador da liberdade, Wojtyła defendeu o auto-domínio como o

⁹⁷ Cf. G. WEIGEL – *Testemunho de Esperança*, 119.

⁹⁸ Cf. G. WEIGEL – *Testemunho de Esperança*, 119.

⁹⁹ Cf. G. WEIGEL – *Testemunho de Esperança*, 120.

¹⁰⁰ Cf. K. WOJTYŁA – *Amor e responsabilidade: Estudo ético*. São Paulo: Ed. Loyola, 1982, 51.

¹⁰¹ Cf. G. WEIGEL – *Testemunho de Esperança*, 122.

¹⁰² Cf. G. WEIGEL – *Testemunho de Esperança*, 146-147.

indicador de uma liberdade genuinamente humana, pois é na acção moral que a mente, o espírito e o corpo se juntam na unidade que constitui uma pessoa¹⁰³.

A **tese de Doutoramento** de Wojtyła teve como tema ‘*A Doutrina da Fé segundo São João da Cruz*’ e como orientador o padre Garrigou-Lagrange. Nela interpretou o ensinamento de São João da Cruz de modo a salientar que o objectivo da vida cristã consiste em tornar-se ‘*Deus por participação*’. Na verdade, a natureza pessoal do encontro humano com Deus, encontro esse que não é exclusivo dos místicos, deve ser o centro de cada vida cristã.

Essa experiência mística deve revelar e guiar o homem pelo caminho a seguir para alcançar e estar em comunhão com Deus. Como tal, chega-se ao conhecimento de Deus do mesmo modo que se conhece outra pessoa – através de uma entrega mútua –, pois quando duas pessoas apaixonadas começam a viver *dentro uma da outra*, sem perderem as suas próprias identidades únicas, Deus começa a viver dentro delas. Elas fazem a sua morada em Deus, sem que a diferença radical que existe entre Deus e os homens se tenha perdido¹⁰⁴.

De facto, Wojtyła sublinhou que somente é possível ao homem conhecer o outro sob o prisma do chamamento mútuo à comunhão com Deus, caso contrário estará a afastá-lo do que em si existe de mais profundo e verdadeiramente humano¹⁰⁵.

A Encíclica *Humanae Vitae*

Ainda que Wojtyła não tenha sido o autor, há também que fazer referência à **Encíclica *Humanae Vitae***, pois veio a desempenhar, na sua elaboração, um papel muito importante.

Ainda que ele tenha sido nomeado para fazer parte da Comissão Papal, devido a questões burocráticas não lhe foi possível participar no encontro de Junho de 1966, onde foram debatidos os pontos cruciais para a futura elaboração do documento. Mesmo assim, criou a sua própria comissão diocesana em Cracóvia e elaborou um documento que enviou ao Papa Paulo VI.

Neste documento tentou desenvolver uma nova estrutura para a posição clássica da Igreja sobre a moralidade conjugal e o controlo da fertilidade. Como tal, salientava que a castidade marital só encontraria sentido caso estivesse fundada na auto-entrega mútua, que transcende a própria pessoa e alcança o seu carácter verdadeiramente humano na sua abertura à possibilidade de uma nova vida¹⁰⁶.

¹⁰³ Cf. G. WEIGEL – *Testemunho de Esperança*, 148.

¹⁰⁴ Cf. G. WEIGEL – *Testemunho de Esperança*, 76.

¹⁰⁵ Cf. G. WEIGEL – *Testemunho de Esperança*, 77.

¹⁰⁶ Cf. G. WEIGEL – *Testemunho de Esperança*, 174-175.

Infelizmente, o fundamento que justificava e exaltava a castidade marital não foi tido em conta na elaboração da Encíclica *Humanae Vitae* e, em 1968, com a sua publicação, a contestação geral foi bem evidente. Aliás, foi rejeitada por muitos clérigos e pela grande maioria dos fiéis, por causa da incompreensão do documento¹⁰⁷.

Se as perspectivas delineadas pela comissão diocesana de Cracóvia tivessem sido tidas em consideração na redacção da encíclica, ainda que não deixasse de ter sido contestada, não teria sido possível acusá-la de biologista, legalista ou reveladora de insensibilidade pastoral. Foi só enquanto Papa que Wojtyła teve a oportunidade de clarificar as ideias apresentadas por esta Encíclica.

O Concílio Vaticano II

As intervenções de Wojtyła nas sessões do **Concílio Vaticano II** foram bastante importantes para o seu desenvolvimento. Na verdade, antes mesmo do Concílio ter início, Wojtyła enviara um *ensaio* para a comissão pré-preparatória, questionando-se acerca da condição humana nos nossos dias, bem como o que esperam da Igreja os homens e mulheres desta era¹⁰⁸. Como tal, a principal questão a debater seria a pessoa humana, já que “*o mundo queria ouvir o que a Igreja tinha a dizer sobre a pessoa e a condição humana*”¹⁰⁹.

Wojtyła referiu mais tarde que a santificação do homem, ao longo da vida, vai-se dando, em muitos casos, de uma forma indirecta. Como tal, o padre, ao envolver-se com o mundo da cultura e do trabalho, deve apresentar “*o sagrado de modo a parecer adequado aos homens de hoje*”¹¹⁰. As suas experiências com os jovens casais deviam, através das suas propostas, incentivar a um apostolado laical, de modo que estes se tornassem verdadeiras testemunhas do humanismo cristão, principalmente em jurisdições onde o clero não os conseguia alcançar¹¹¹.

Portanto, a proposta de Wojtyła consistia simplesmente em insistir na questão de que o humanismo deve estar adequado às aspirações dos homens e das mulheres da época, e que este devia ser o epicentro das preocupações do Concílio¹¹².

¹⁰⁷ Não houve em toda a história da Igreja uma Encíclica mais controversa do que a *Humanae Vitae*.

¹⁰⁸ Cf. *ACTA synodalia Sacrosancti Concilii Oecumenici Vaticani II*. Cura et studio Archivi Oecumenici Vaticani II. Vaticano: Typis Polyglottis Vaticanis. Vol.1.2, 1970, 741-748.

¹⁰⁹ G. WEIGEL – *Testemunho de Esperança*, 135.

¹¹⁰ *ACTA synodalia Sacrosancti Concilii Oecumenici Vaticani II*. Vol.1.2, 1970, 741-748.

¹¹¹ Cf. *ACTA synodalia Sacrosancti Concilii Oecumenici Vaticani II*. Vol.3.4, 1974, 788-789.

¹¹² Cf. *ACTA synodalia Sacrosancti Concilii Oecumenici Vaticani II*. Vol.3.4, 1974, 788-789.

Na primeira sessão do Concílio, ainda que as suas intervenções tenham sido relativamente breves, foram vários os aspectos salientados por Wojtyła. Na verdade, ele fez uma breve intervenção, reflectindo a sua própria experiência pastoral, solicitando que o ritual do baptismo insistisse na obrigação dos pais e dos padrinhos em instruir a criança na fé; fez uma intervenção escrita, pedindo uma ênfase mais personalista e pastoral na salvação das almas; queria que fosse dada uma noção de maior visibilidade à vocação laical; propôs ainda que sempre que se debatesse Maria, se sublinhasse primeiramente a sua maternidade na Igreja¹¹³.

Na segunda sessão Wojtyła fez algumas breves, mas importantes, intervenções. Durante o debate sobre a Igreja como o Povo de Deus, salientou que Deus deverá ser sempre o centro de tudo. Noutra intervenção sublinhou que o objectivo da Igreja é a santidade, pelo que todos os cristãos baptizados tinham uma vocação para a santidade, que não estava reservada ao clero ou à hierarquia, mas aberta a todos, para que, santificados por Cristo na verdade, e fossem enviados ao mundo.

Aliás, Wojtyła salientou que a santidade para a qual foram chamados os cristãos era uma partilha sublime da santidade da Santíssima Trindade, do próprio Deus¹¹⁴.

Já como arcebispo de Cracóvia, na terceira e quarta sessões do Concílio, as suas intervenções foram mais extensas e tiveram uma incidência muito mais significativa. Na terceira sessão acolheu com agrado a minuta do texto revisto referente ao Decreto sobre o Apostolado dos Leigos, pois identificava correctamente a fonte do apostolado leigo na dignidade e na responsabilidade baptismal de todos os cristãos e não no facto de alguns leigos pertencerem a movimentos apostólicos específicos. Do mesmo modo, recomendou o diálogo dentro da Igreja entre clero e leigos, de modo a dar-se uma abertura mútua em completa sinceridade.

Foi grande a insistência, por parte de Wojtyła, para que os jovens e o seu apostolado único fossem incluídos no documento conciliar sobre os leigos¹¹⁵. Sublinhou, contudo, que a questão de um apostolado revitalizado dos leigos não passava por transformar leigos em quase clérigos, preocupados em primeiro lugar com a vida interna da Igreja, mas em converter os leigos em apóstolos no mundo da cultura e do trabalho¹¹⁶.

¹¹³ Cf. *ACTA synodalia Sacrosancti Concilii Oecumenici Vaticani II*. Vol.1.4, 1971, 598-599.

¹¹⁴ Cf. *ACTA synodalia Sacrosancti Concilii Oecumenici Vaticani II*. Vol.2.4, 1972, 340-342.

¹¹⁵ Além de outras intervenções, salienta-se *ACTA synodalia Sacrosancti Concilii Oecumenici Vaticani II*. Vol.3.4, 1974, 789.

¹¹⁶ Cf. *ACTA synodalia Sacrosancti Concilii Oecumenici Vaticani II*. Vol.3.4, 1974, 788.

1.3. De Karol Wojtyła a João Paulo II

Tendo em conta que, de um modo geral, o pontificado de João Paulo II acabou por não trazer grandes novidades à sua personalidade e ao seu modo de agir¹¹⁷, deparamo-nos com uma progressão, em vez de uma mudança. As suas ideias e experiência de vida, enquanto jovem sacerdote e bispo, acabariam por ser ‘*transportadas*’ para o seu pontificado. Contudo, mais do que uma mera continuação, este acabou por ser um ‘*ampliar à escala mundial*’ dos seus projectos levados a cabo anteriormente.

Como tal, o pontificado de João Paulo II teve a sua raiz naquilo que foi a experiência pessoal de Karol Wojtyła. Por isso, deve ser compreendido à luz de um homem marcado pela vida, cuja história não pode ser ignorada. João Paulo II continuou a ser Karol Wojtyła, e isso é evidente se nos debruçarmos sobre as iniciativas e os documentos mais significativos ao longo do seu pontificado.

a. Iniciativas mais significativas do seu Pontificado

Durante o seu pontificado foram inúmeras as iniciativas que manifestaram a constante preocupação e o cuidado especiais de João Paulo II para com os jovens e as famílias. A sua maioria, senão mesmo a sua totalidade, teve a sua raiz na sua vivência e nos conhecimentos passados.

João Paulo II promoveu inúmeras iniciativas de modo a fomentar nos jovens e nas famílias o revivescer do sentido de pertença à Igreja e o acolher dos seus ensinamentos. De entre elas destacam-se alguns acontecimentos mais significativos: as catequese sobre a Teologia do Corpo, a criação do Instituto Pontifício para os Estudos sobre o Matrimónio e a Família, a instituição do Conselho Pontifício para a Família, a criação das Jornadas Mundiais da Juventude e a criação dos Encontros Mundiais das Famílias.

A Teologia do Corpo

Entre 1979 e 1984 João Paulo II dedicou as suas catequese de quarta-feira, num total de 129 catequese, ao tema da *Teologia do Corpo*, com o título “*O amor humano no plano*

¹¹⁷ Não podemos balizar a vida de Wojtyła e dizer que a partir do seu pontificado tudo foi diferente e distinto do que foi anteriormente. Recorreu às suas vivências anteriores e foi coerente àquilo que sempre defendeu.

divino”, ou, com maior precisão, “*A redenção do corpo e a sacramentalidade do matrimónio*”. As suas reflexões, baseadas nas Sagradas Escrituras, debruçaram-se sobre quem era o homem no princípio, quem ele é agora (depois do pecado original) e quem será nos tempos que virão. Neste contexto, centrou-se na vocação ao casamento e ao celibato, como preparação para o Reino dos Céus.

Procurou, assim, dar resposta a questões fundamentais da consciência do homem e da mulher, bem como às difíceis interrogações levantadas pelo mundo actual relativamente ao matrimónio, à procriação e ao celibato. De entre os temas abordados, destacam-se: o sentido real da vida, a importância da diferença sexual, o chamamento à comunhão, a importância do matrimónio e do celibato, o verdadeiro significado do amor e a pureza do coração.

Divididas em duas partes, a primeira parte das catequeses da *Teologia do Corpo* foi dedicada à análise das *palavras de Cristo*, enquanto a segunda foi dedicada à análise do sacramento do matrimónio, baseando-se na carta aos Efésios (*Ef 5,22-33*) e ao livro do Génesis (*Gn 2,24*). Estas reflexões foram levadas a cabo tendo em consideração a dimensão da aliança e da graça, bem como a dimensão do sinal.

Debruçou-se também sobre a análise da encíclica *Humanae Vitae*, visto esta ter suscitado inúmeras reacções, confirmando assim a importância e a dificuldade das interrogações colocadas. Por isso, “*todas as reflexões sobre a redenção do corpo e da sacramentalidade do matrimónio parecem constituir um amplo comentário à doutrina contida na mesma encíclica Humanae Vitae*”¹¹⁸.

Ao longo das suas catequeses, foi reafirmando a exortação apostólica *Familiaris consortio*, incentivando também a uma análise mais aprofundada dos aspectos bíblicos e personalistas da doutrina contida na *Humanae Vitae*.

Será, contudo, de salientar a ousadia e a novidade de João Paulo II. Na verdade, ainda que, enquanto sacerdote e Bispo de Cracóvia, se tivesse dedicado à teologia do corpo, ao matrimónio, à sexualidade e à família, foi a primeira vez, em toda a história da Igreja, que um Papa se debruçou sobre estas questões, através de ensinamentos com uma notável amplitude¹¹⁹.

¹¹⁸ JOÃO PAULO II, PAPA – Alocução da Audiência Geral de quarta-feira [28/11/1984]. *L'Osservatore Romano*. Ed. Portuguesa. 15:49 (1984).

¹¹⁹ Cf. Y. SEMEN – *La famiglia secondo Giovanni Paolo II*. Milano: San Paolo, 2012.

O Instituto e o Conselho Pontifício para a Família

Em 1981 João Paulo II criou o Instituto Pontifício para os Estudos sobre o Matrimónio e a Família, no intuito de proporcionar a toda a Igreja um contributo de reflexão filosófica, teológica e pastoral sobre a verdade acerca da pessoa, o matrimónio e a família, com a ajuda das diversas ciências humanas.

Portanto, veio a permitir que sacerdotes, religiosos e até mesmo leigos, pudessem aprofundar o seu conhecimento sobre o matrimónio e a família à luz da fé, não excluindo a ajuda das diversas ciências humanas, a fim de desempenharem um serviço académico e pastoral cada vez mais qualificado.

Este projecto teve a sua inspiração nas décadas de 60 e 70, quando, na altura, Wojtyła criou um Instituto para Estudos Familiares a nível da Arquidiocese de Cracóvia, posteriormente transformado no Centro Intelectual e de Instrução do Departamento dos Cuidados Pastorais da Família.

A criação deste Instituto consistia, à imagem daquilo que João Paulo II havia feito enquanto Arcebispo de Cracóvia, mas agora a nível da Igreja Universal, em promover e desenvolver o estudo e o conhecimento dos diversos assuntos relacionados com a família. De facto, era para ele bastante evidente a urgência em se formarem novos e mais formadores qualificados, a fim desses também poderem posteriormente evangelizar e catequizar convenientemente o Povo de Deus nas suas dioceses.

A 13 de Maio de 1981 foi instituído o **Pontifício Conselho para a Família**¹²⁰, em substituição do já existente Comité para a Família¹²¹, a fim de promover o ministério pastoral e do apostolado da família, aplicando os ensinamentos e as orientações do Magistério da Igreja.

Para isso, foi incumbido de ajudar as famílias cristãs a cumprir a sua missão educativa e apostólica como resposta à realização do Evangelho da família no mundo contemporâneo, de modo a que possam desempenhar cada vez melhor as funções que lhes são próprias.

Assim, esforçando-se por estar a par das condições humanas e sociais da instituição familiar nas diversas regiões, procuram dar apoio à Igreja local, divulgando diversas iniciativas que possam ajudar à pastoral familiar.

¹²⁰ Cf. JOÃO PAULO II, PAPA – Motu próprio *Famiglia a Deo Instituta*, AAS 73 (1981).

¹²¹ O Comité para a Família foi criado em 1973 pelo Papa Paulo VI.

Deste modo, João Paulo II tinha como objectivo criar um Conselho que se encarregasse de aprofundar, promover e ver reconhecidos e defendidos, não somente os direitos da família, mas as próprias famílias.

Jornadas Mundiais da Juventude e da Família

Por ocasião do Ano Santo da Redenção foi celebrado, em 1984, na Praça de São Pedro, no Vaticano, o **Encontro Internacional da Juventude** com João Paulo II. Nesse evento, o Papa entregou aos jovens uma Cruz e um Ícone de Maria com o Menino ao colo, que viriam a tornar-se os principais símbolos das Jornadas Mundiais da Juventude.

Em Março de 1985 houve outro encontro internacional de jovens no Vaticano e, nesse mesmo ano, João Paulo II anunciou a instituição da **Jornada Mundial da Juventude**, que deveria acontecer todos os anos em âmbito diocesano, e a cada dois ou três anos em encontros internacionais.

A primeira Jornada Mundial da Juventude Oficial teve lugar em Roma em 1986, e, no ano seguinte, saindo de Roma, realizou-se em Buenos Aires.

O Papa dedicou o ano de 1994 à família, tendo escrito a 2 de Fevereiro desse mesmo ano a Carta às Famílias. À semelhança do que havia feito anteriormente com a Juventude, criou os **Encontros Mundiais da Família**, que se deviam realizar a cada três anos, tendo ocorrido nesse mesmo ano em Roma o primeiro desses encontros.

Estes encontros foram criados com o objectivo de reforçar os vínculos sagrados da família em todo o mundo. Tal como sucede nas Jornadas Mundiais da Juventude, a cada encontro é atribuído um tema, que procura sublinhar, neste caso, a boa notícia da família e evidenciar o seu valor intrínseco para o bem da sociedade.

Estes encontros remetem-nos, devido às inúmeras similitudes, para os encontros anuais, que Wojtyła sempre acompanhou, não só dos jovens pertencentes ao grupo Srodowisco, mas também das inúmeras famílias que daí foram nascendo.

Na verdade, ainda que João Paulo II visse um grande potencial escondido por detrás destes encontros, pois a sua experiência anterior assim o fazia prever, estaria longe de imaginar a adesão e as proporções que as Jornadas acabariam por tomar. Por isso, não é de admirar que estas se tenham tornado numa das marcas mais significativas e identificadoras do seu pontificado.

b. Documentos mais significativos do seu Pontificado

Foram inúmeros os documentos escritos ao longo do Pontificado de João Paulo II que manifestaram a sua constante e especial preocupação e o seu cuidado para com os jovens e as famílias. Assim sendo, é possível identificarmos toda esta sua dedicação nos seus documentos, ainda que em alguns deles essa abordagem não seja tão directa.

E porque nem todos os documentos têm a mesma importância, será pertinente debruçar-nos sobre alguns deles, mais concretamente sobre aqueles directamente relacionados com o estudo do matrimónio como caminho de santificação, tais como: a *Familiaris consortio*, a *Carta dos Direitos da Família*, a *Christifideles Laici* e a *Carta às Famílias*.

No entanto, não é nossa intenção aprofundar muito o conteúdo de cada documento, mas somente o contexto em que surgiu e de que trata cada um deles. O aprofundamento dos diversos temas será feito nos capítulos seguintes.

Consideramos também importante salientar que, na sua maioria, os assuntos desenvolvidos por João Paulo II acabaram por não ser uma completa novidade, mas antes, o desenvolvimento de ideias já existentes, não excluindo, contudo, a novidade proveniente da contínua aprendizagem e da influência daqueles que o foram rodeando e que com ele foram trabalhando.

Familiaris consortio

A *Familiaris consortio* foi considerada a “*Magna Carta da doutrina e do ensinamento pastoral da Igreja no que se refere à família e ao seu serviço à vida*”¹²², pois realçou a identidade da família fundada no matrimónio, e, chamando à atenção sobre as pesadas mas fascinantes tarefas das famílias cristãs, procurou dar resposta aos novos desafios com que estas se deparam. Na verdade, este documento fornece os elementos essenciais para a elaboração de uma eclesiologia da família, apresentando uma vasta visão do sacramento do matrimónio, bem como a inclusão de um traçado de antropologia trinitária, introduzida pela doutrina bíblica da *imago Dei*.

Surgiu como fruto do Sínodo dos Bispos, que se reuniu em Outubro de 1980, o primeiro Sínodo do Pontificado de João Paulo II, tendo-se centrado sobre as tarefas da família

¹²² CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A FAMÍLIA – *Congresso teológico-pastoral: A Familiaris consortio no seu XX aniversário: Dimensão antropológica e pastoral* [20/12/2001]. [Http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/family/documents/rc_pc_family_doc_20011220_xx-familiaris_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/family/documents/rc_pc_family_doc_20011220_xx-familiaris_po.html) [31/10/2014].

cristã no mundo de hoje. Foi precedido pelo Sínodo sobre a Evangelização, que deu origem à Exortação Apostólica *Evangelii nuntiandi*, e pelo Sínodo sobre a Catequese, que inspirou a Exortação Apostólica *Catechesi tradendae*. Por isso, pode ser visto como a continuação dos dois Sínodos precedentes, visto que “a família cristã, de facto, é a primeira comunidade chamada a anunciar o Evangelho à pessoa humana em crescimento e a levá-la, através de uma catequese e educação progressiva, à plenitude de maturidade humana e cristã” (FC 2).

Sendo comunidade de vida e de amor conjugal, numa fidelidade sem reservas, o homem e a mulher são chamados a uma mútua doação plena e a um amor aberto à vida, e, assim, além de não se poderem separar o amor e o empenho recíproco dos cônjuges na missão procriadora que lhes foi confiada, esta deverá encontrar o seu lugar apropriado no matrimónio¹²³.

Como tal, a exortação *Familiaris consortio* acabou por salientar algumas tarefas sobre as quais a família se deve debruçar: a formação de uma comunidade de pessoas, o serviço à vida, a participação no desenvolvimento da sociedade e a missão evangelizadora.

Como era de esperar, após a publicação da *Familiaris consortio*, foram-se verificando, com o tempo, diversas transformações e crescentes ameaças ao núcleo da família cristã. Contudo, essas dificuldades foram servindo como estímulo para aprofundar a mensagem que está no centro da *Familiaris consortio*: a Boa Nova sobre a família (cf. FC 51).

Por isso, é normal que ao longo dos anos seguintes João Paulo II tenha publicado outros documentos, a fim de dar resposta às exigências que iam surgindo.

Carta dos Direitos da Família

A ***Carta dos Direitos da Família*** teve origem no pedido feito pelo Sínodo dos Bispos ocorrido em Roma em 1980 sob o tema: “os desafios da família cristã no mundo de hoje”. João Paulo II acolheu o pedido do Sínodo¹²⁴, tendo posteriormente confiado à Santa Sé a missão de preparar a *Carta dos Direitos da Família*, direccionada não só às entidades governamentais e às próprias famílias, mas também a todos os homens e mulheres interessados na missão da família no mundo contemporâneo¹²⁵.

¹²³ Cf. CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A FAMÍLIA – *Congresso teológico-pastoral* [20/12/2001].

¹²⁴ Apresentou, ainda que de modo sintético na FC 46, os direitos da família. Direitos esses que depois viriam a ser mais aprofundados e expostos nesta Carta.

¹²⁵ Cf. JOÃO PAULO II, PAPA – Carta dos Direitos da Família [22/10/1983]. [Http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/family/documents/rc_pc_family_doc_19831022_family-rights_it.html](http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/family/documents/rc_pc_family_doc_19831022_family-rights_it.html) [31/10/2014].

A Carta não pretendeu ser uma mera exposição de teologia dogmática ou moral sobre o matrimónio e a família. Antes procurou apresentar a todos, cristãos ou não, uma formulação dos direitos fundamentais inerentes à família.

Expressos na consciência do homem e nos valores comuns a toda a humanidade, os direitos enunciados na carta surgem, em última análise, daquela Lei inscrita pelo Criador no coração de cada pessoa. Como tal, os direitos propostos são um apelo profético a favor da instituição familiar, a qual deve ser respeitada e defendida de todas as usurpações.

Na verdade, grande parte dos direitos apresentados nesta Carta podem ser encontrados noutros documentos, quer da Igreja, quer da comunidade internacional.

Neles salienta-se a defesa e a valorização da família, porque esta, como sujeito jurídico, é uma dimensão que atravessa toda a história e que fez da família o primeiro lugar no qual se aprende a estar junto. Por isso, num tempo em que o desenvolvimento é dirigido em particular aos direitos individuais, é preciso reconhecer a subjetividade, de modo a que se tenha em conta o *nós* da família¹²⁶.

Como tal, esta Carta vem pedir à comunidade eclesial, bem como às diversas entidades civis e estatais, que a família seja reconhecida como um sujeito que tem um valor, uma vocação e direitos, e também tem deveres¹²⁷.

Christifideles Laici

A **Exortação Apostólica *Christifideles Laici*** foi fruto do Sínodo dos Bispos ocorrido em 1987, sobre a “*Vocação e Missão dos fiéis leigos na Igreja e no Mundo*”, tendo sido publicada a 30 de Dezembro de 1988, festa da Sagrada Família.

O Documento foi direccionado, de modo especial, a católicos leigos dos nossos tempos. Foi, portanto, escrito no intuito de “*criar e alimentar uma tomada de consciência mais decidida do dom e da responsabilidade, que todos os fiéis leigos, e cada um deles em particular, têm na comunhão e na missão da Igreja*” (CL 2).

Neste documento, João Paulo II pretendeu fincar o *mistério* da dignidade dos fiéis leigos na Igreja, pois, porque são filhos de Deus e membros do mesmo Corpo, todos são chamados à santidade, devendo essa santificação dar-se no mundo, local onde devem estar inseridos (cf. CL 16-17).

¹²⁶ Cf. JOÃO PAULO II, PAPA – Carta dos Direitos da Família [22/10/1983].

¹²⁷ Cf. JOÃO PAULO II, PAPA – Carta dos Direitos da Família [22/10/1983].

Ao mesmo tempo, o seu ministério deverá traduzir-se numa plena *comunhão* através da participação na vida da Igreja. Todos são chamados por Deus a viver o Evangelho e ser missionários no mundo, a começar pela família, que é o primeiro espaço para o empenhamento social. Como tal, todos os fiéis leigos são corresponsáveis na missão de toda a Igreja, segundo a índole secular que lhes é específica.

Por isso, sublinhou a exortação, que cada um é chamado a dar, segundo o carisma que recebeu, o próprio contributo para o advento do Reino de Deus, como bom administrador da multiforme graça de Deus (cf. *CL* 56), pois nenhum talento deve ser enterrado (cf. *Mt* 25,24-27).

Na verdade, o Sínodo sobre a vocação e a missão dos leigos, que depois originou a Exortação *Christifideles Laici*, traduziu-se num simples apelo: *Ide também vós para a minha vinha para que deis fruto, e fruto que permaneça* (Cf. Jo15,16).

Carta às Famílias

No ano de 1994, através das suas viagens apostólicas, das audiências habituais, em pronunciamentos a bispos em visita *ad limina*, entre outras iniciativas, João Paulo II abordou incansavelmente a problemática e a beleza da família.

Contudo, o contributo mais significativo que João Paulo II deu à Igreja e ao Mundo, no Ano Internacional da Família, foi, sem dúvida, a ***Carta às Famílias*** de 2 de Fevereiro de 1994. Não fez dela um tratado exaustivo, mas, com frequência, acabou por recorrer a outros pronunciamentos já feitos ao longo do seu ministério apostólico.

Como tal, reafirmou o desígnio de Deus a respeito do casamento e da família, o sentido da paternidade e maternidade, o acolhimento dos filhos, e as suas educação e formação para serem *‘filhos de Deus’*. Ao longo de toda a carta, salientou a centralidade da família em relação à civilização do amor. De facto, para João Paulo II, a família e a civilização do amor estão organicamente unidas, pois *“a família depende realmente e por diversos motivos da civilização do amor, onde encontra as razões do seu ser família. E, ao mesmo tempo, a família é o centro e o coração da civilização do amor”* (CF 13).

Do mesmo modo, na segunda parte da *Carta*, voltou a afirmar a presença do *esposo* no seio da família, convidando todos a viver esse grande mistério, a exemplo de Maria e José. Salientou também três temas bastante actuais: o nascimento, o perigo e o acolhimento. Na verdade, referia-se, mais concretamente, ao mistério da criança que, sobretudo nos dias de hoje, precisa de ser acolhida, e que pode correr grandes perigos.

Ao terminarmos este primeiro capítulo, torna-se para nós evidente a influência das vivências pessoais de Karol Wojtyła para a sua dedicação à defesa dos valores da família, de modo especial os dos esposos. As suas inúmeras iniciativas e obras são prova desse mesmo esforço que, ao longo da sua vida e ainda hoje, vão dando muito fruto.

Seria um erro grosseiro da nossa parte julgar Wojtyła como alguém incapacitado para falar acerca destas temáticas apenas porque teve uma fraca experiência pessoal familiar, pois os seus pais faleceram bastante cedo, ou porque nunca foi casado. Na verdade, se observarmos com atenção, verificamos que a sua vida acabou por ser uma extraordinária escola de aprendizagem, não apenas na sua juventude, mas também enquanto sacerdote, bispo e Papa.

CAPÍTULO II

DEUS CHAMA OS ESPOSOS À SANTIDADE

Todos os homens são chamados por Deus à santidade e, como tal, os esposos e a família não são excepção a esse chamamento. Na verdade, esta é “*a primeira e fundamental vocação que o Pai, em Jesus Cristo por meio do Espírito Santo, lhes dirige: a vocação à santidade, isto é, à perfeição da caridade*” (CL 16).

De facto, porque é na família, primeira e fundamental estrutura a favor da ‘*ecologia humana*’, que o homem recebe as primeiras e determinantes noções acerca da verdade e do bem, e aprende o que significa amar e ser amado (cf. CA 39), esta torna-se o local ideal para que a pessoa humana possa crescer na santidade a que é chamada por Deus desde o princípio da Criação.

A família deve ser o primeiro lugar de encontro com Deus, visto ser chamada por Deus a construir dia a dia a sua felicidade na comunhão¹²⁸.

Os esposos podem então estar seguros de que é vontade de Deus que eles sejam verdadeiramente santos e que, para tal, lhes concede os meios necessários para alcançar tal estado de graça. Do mesmo modo, a fim de mais facilmente poderem compreender a vocação a que são chamados, apresenta-lhes como exemplo e modelo de vida a Sagrada Família.

2.1. ‘Projecto’ querido por Deus

A família é um ‘*projecto*’ querido por Deus e está interiormente ordenada a complementar-se em Cristo (cf. FC 3), pois Deus quis o homem desde o princípio, e ama-o desde a sua concepção no seu coração.

Provocando no homem o dinamismo do doar-se, insere em cada um a vocação ao amor e à comunhão que nasce do prévio olhar e doação de amor de Deus, que deve ser correspondido livremente pelo homem (cf. FC 4).

*“O matrimónio e a família não são obra apenas do homem, mas correspondem a um projecto eterno de Deus [...] Deus quis tornar o homem partícipe das suas prerrogativas mais altas, que são o Seu amor pelos homens e a sua faculdade criadora. Por isso, ele tem uma transcendente relação com Deus, enquanto vem d’Ele e está ordenado para Ele.”*¹²⁹

¹²⁸ Cf. JOÃO PAULO II, PAPA – Homília em La Paz: Santa Missa para as Famílias [10/5/1988]. *L’Osservatore Romano*. Ed. Portuguesa. 19:21 (1988).

¹²⁹ JOÃO PAULO II, PAPA – Discurso aos bispos Italianos da Emília Romanha, em visita «ad limina» [2/5/1986]. *L’Osservatore Romano*. Ed. Portuguesa. 17:20 (1986) §3.

Criando-os Homem e Mulher, são levados a procurar compreender melhor o mistério da criação do homem a partir do mistério trinitário e da aliança entre Deus e a humanidade em Cristo, pois, criados à imagem e semelhança de Deus, são também chamados ao amor.

Assim, unidos pela consciência do dom e pela recíproca consciência do significado esponsal dos seus corpos, os esposos são chamados a viver o *'belo Amor'*¹³⁰, constituindo e gerando novas famílias, fundadas no amor.

Para tal, será necessário os esposos encontrarem-se com Cristo, de modo a assim se revelar o sentido pleno da sua vocação esponsal, através do sacramento do amor nupcial de Cristo, manifestado na sua doação sobre a cruz.

E porque Deus dá a cada homem e faz dele uma família, entregando o homem a si mesmo, irá confiá-lo à família e à sociedade. Assim, através da comunhão de pessoas, concretizada no matrimónio, o homem e a mulher darão início a uma nova família, que deve ter como modelo originário a Paternidade de Deus, a fim de, através dos sacramentos, pertencerem à grande família de Deus, que é a Igreja.

a. Porque Deus os ama e quer que sejam felizes

“O homem é amado por Deus! Este é o mais simples e o mais comovente anúncio de que a Igreja é devedora ao homem. A palavra e a vida de cada cristão podem e devem fazer ecoar este anúncio: Deus ama-te, Cristo veio por ti, para ti Cristo é ‘Caminho, Verdade, Vida!’”
(CL 34)

Com estas palavras João Paulo II estimula o homem a anunciar esta relação de Amor entre Deus e o Homem, não somente por palavras, mas principalmente com a sua própria vida.

Deus é o grande amante, o primeiro amante, que quer que o homem exista. Na verdade, antes mesmo de o criar, Deus já o amava, pois já o havia gerado no Seu coração. Além disso, o homem é a *“única criatura sobre a terra a ser querida por Deus por si mesma”* (GS 24).

Por isso, na Carta às Famílias, João Paulo II não hesitou em salientar que *“Deus quis o homem desde o princípio — e Deus o quer em cada concepção e nascimento humano. Deus quer o homem como um ser semelhante a Si, como pessoa”* (CF 9).

¹³⁰ Expressão usada pela primeira vez por João Paulo II a 01 de Maio de 1979: *“Tu és a Mãe do belo Amor”*. Cf. JOÃO PAULO II, PAPA – Homilia no Santuário do Divino Amor [1/5/1979]. *L'Osservatore Romano*. Ed. Portuguesa. 10:19 (1979) §4.

Deus quer que todo o homem seja feliz e quer satisfazer as suas necessidades mais profundas. Como tal, mais do que uma mãe, Deus sabe aquilo de que cada um necessita para ser feliz e, porque nos ama com um amor infinitamente maior, nos dará em abundância aquilo de que necessitamos para sermos felizes (cf. *Lc* 12,22-32). Para isso convida todos os homens a uma íntima amizade com Ele, pois sabe que essa realização somente n'Ele encontra o pleno cumprimento. Somente em Deus o homem alcançará a felicidade plena (cf. *CF* 9).

Comunicando aos homens o seu amor, Jesus provoca neles o dinamismo do doar-se. Assim, o amor que nasce da infinita liberdade de Deus, na sua doação aos homens, insere-se no agir de cada homem, que lhe permite amar, doando-se segundo uma medida nova e extraordinária, ou seja, divina¹³¹.

Na *Familiaris consortio*, João Paulo II sublinhou a vocação ao amor dada por Deus a toda a humanidade:

“Deus é amor e vive em si mesmo um mistério de comunhão pessoal de amor. Criando-a à sua imagem e conservando-a continuamente no ser, Deus inscreve na humanidade do homem e da mulher a vocação, e, assim, a capacidade e a responsabilidade do amor e da comunhão. O amor é, portanto, a fundamental e originária vocação do ser humano.” (*FC* 11)

Como tal, a vocação a seguir Jesus na perfeição do amor nasce do seu prévio olhar e doação de amor, que deve ser por todos correspondido livremente, implicando um impulso a amar e uma promessa de plenitude no amor¹³². De facto, o itinerário da fé não é senão uma iluminação do amor, a plena realização da vocação ao amor que nasce do Dom divino, que é uma exigência interna da existência de cada homem e que é capaz de construir uma vida em plenitude¹³³. Por isso, apenas neste horizonte da verdade é possível ao homem *“compreender, com toda a clareza, a sua liberdade e o seu chamamento ao amor e ao conhecimento de Deus como suprema realização de si mesmo”* (*FR* 107).

Chamado, pois, a responder àquele chamamento escatológico de Deus, através de uma doação de si mesmo a Deus, descobre-se *“em Deus todo o mundo das relações, constitutivas da sua ordem perene”*¹³⁴. Esta extraordinária vocação revela, na verdade, o mistério invisível da origem, do acto criador de Deus que cria o homem, o encaminha para Ele e o acompanha com o dom do Espírito¹³⁵.

¹³¹ Cf. L. MELINA – “La verità dell’amore: Veritatis splendor”. *Amore umano* 1 (2007), 239.

¹³² Cf. L. MELINA – “La verità dell’amore: Veritatis splendor”. *Amore umano* 1 (2007), 239

¹³³ J. PÉREZ-SOBA – “La credibilità dell’amore: Fides et Ratio”. *Amore umano* 1 (2007), 224.

¹³⁴ JOÃO PAULO II, PAPA – *Man and Woman He Created Them: A Theology of the Body*, Pauline, 2011, 83.

¹³⁵ Cf. J. NORIEGA – “La vocacione al dono di sé”. *Amore umano* 1 (2007), 195-196.

O amor é essencial à vida e, como tal, o homem “*não pode viver sem amor. Ele permanece para si próprio um ser incompreensível e a sua vida é destituída de sentido, se não lhe for revelado o amor, se ele não se encontra com o amor, se o não experimenta e se o não torna algo seu próprio, se nele não participa vivamente*” (RH 10). Por isso, o homem somente quando ama é capaz de ver o bom e o belo e querer tudo como Deus o quer¹³⁶.

O princípio do pecado original residiu, e ainda reside, no orgulho do homem que não aceita reconhecer que depende do seu Criador, mas que quer ser deus de si mesmo¹³⁷. Contudo, se o homem se colocasse nos braços de Deus, seria certamente menos triste pela caducidade da vida e ser-lhe-ia mais fácil afastar-se das seduções que o mundo lhe apresenta. E então amaria verdadeiramente, deixando de parte os seus interesses egoístas¹³⁸.

O homem deseja sempre algo mais além da simples vida, por maiores que sejam as suas promessas, as suas atrações e distrações. Não deseja somente ser rico e estimado: deseja amar e ser amado, deseja ser ‘*a coisa mais importante*’ para alguém e acolher o outro com alegria no coração. A essência da existência humana está na procura do outro, já que o homem possui a vocação de ser *amante*, no sentido mais pleno e profundo da palavra.

Assim, ainda que não tenha completa consciência disso, o homem, no seu íntimo, procura Deus, e fá-lo incansavelmente, porque somente n'Ele pode encontrar o cumprimento das próprias aspirações à verdade, ao bem e ao belo¹³⁹. O desejo de querer Deus fá-lo nunca estar satisfeito com o que tem e o que é, visto somente Deus o poder saciar totalmente.

Contudo, ainda que o homem viva numa crescente relação de amor com Deus, o conhecimento de Deus e, conseqüentemente, a plenitude da felicidade somente estarão ao seu alcance quando ressuscitar para a vida eterna, pois somente aí O verá tal como Ele é (cf. *1Cor13,12; 1Jo 3,2*).

De facto, a vida em plenitude não se refere à quantidade de experiências ou bens que o homem acumula ao longo da vida. O próprio Jesus coloca uma questão pertinente: “*Que serve ao homem ganhar o mundo inteiro, se depois perde a sua alma?*” (*Mc 8,36*). Esta questão leva-nos a compreender que, mesmo que possuísse o mundo inteiro, o homem apenas valeria por aquilo que é e não por aquilo que tem (cf. *GS 35; CL 37*). Não se trata, de facto, de *fazer* ou de *ter* o máximo, mas de *ser* mais¹⁴⁰.

¹³⁶ Cf. J. BURGGRAF – “Madre del bell’amore”. *Amore umano* 1 (2007), 267.

¹³⁷ Cf. Y. SEMEN – *A Sexualidade segundo João Paulo II*, 81.

¹³⁸ Cf. J. BURGGRAF – “Madre del bell’amore”. *Amore umano* 1 (2007), 268.

¹³⁹ Cf. JOÃO PAULO II, PAPA – Homilia em Sandomierz [12/6/99]. *L’Osservatore Romano*. Ed. Portuguesa. 30:26 (1999) §2.

¹⁴⁰ Cf. J. BURGGRAF – “Madre del bell’amore”. *Amore umano* 1 (2007), 267.

No entanto, também a própria Natureza é lugar onde tudo fala do Criador, da Sua sabedoria e do Seu infinito amor. Por isso, inspirado no exemplo de São Francisco de Assis, também o homem é chamado a aprender a parar e a contemplar a beleza da criação de Deus¹⁴¹. Assim, contemplando e meditando sobre as obras do Criador, será capaz de se abrir ao louvor, ao silêncio e à contemplação do mistério divino e a amar o mundo com mais paixão¹⁴².

b. “Homem e Mulher os criou”

João Paulo II empenhou-se em compreender melhor o mistério da criação do homem a partir do mistério trinitário e a partir da aliança entre Deus e a humanidade em Cristo. Para tal, foi buscar a inspiração ao Génesis, ao Concílio Vaticano II e à tradição teológica revista e renovada pelos exegetas e pela filosofia contemporânea. Os frutos da sua reflexão encaixam na progressão que vai da *Familiaris Consortio* à *Carta às Famílias*, passando pela *Mulieris dignitatem*.

Ao abordar na *Familiaris consortio* o tema do desígnio de Deus sobre o matrimónio e a família, focou um aspecto deveras importante: “*Deus criou o homem à sua imagem e semelhança: chamando-o à existência por amor, chamou-o ao mesmo tempo ao amor*” (FC 11). Também na *Carta Apostólica Mulieris Dignitatem* (cf. MD 7) e na *Carta às Famílias* (cf. CF 6) salientou este chamamento à comunhão de amor.

Tais afirmações trouxeram consigo uma novidade que ao longo de vários séculos foi quase esquecida¹⁴³, novidade essa que consistiu em salientar a dinâmica da comunhão das pessoas, que fez sobressair a vocação originária ao amor. E porque Deus é amor e em si mesmo vive um mistério de comunhão pessoal de amor, “*inscreve na humanidade do homem e da mulher a vocação, e, assim, a capacidade e a responsabilidade do amor e da comunhão*” (FC 11).

Nas suas catequeses, João Paulo II deteve-se com frequência na narrativa da Criação¹⁴⁴. Salientou nelas que Eva não é um mero ‘*objecto*’ para Adão, mas “*carne da minha carne e osso dos meus ossos*” (Gn 2,23). E embora estivessem nus, “*não sentiam vergonha*”

¹⁴¹ Cf. JOÃO PAULO II, PAPA – Carta Apostólica *Bula Inter sanctus*, AAS 71 (1979).

¹⁴² Cf. JOÃO PAULO II, PAPA – IV Encontro dos Presidentes das comissões episcopais da Europa para a Família e a vida [28/7/2003]. *L’Osservatore Romano*. Ed. Portuguesa. 34:31 (2003) §1-2.

¹⁴³ Durante muitos anos não se fez referência a esta vocação ao amor. Antes, era visto como concupiscência da carne e do espírito.

¹⁴⁴ De modo especial em Gn 2,23-25.

(Gn 2,25), pois nem a mulher era para o homem ‘*objecto*’, nem ele o era para ela. A inocência interior tornava impossível que dalguma maneira um fosse tido pelo outro como mero ‘*objecto*’, pois estavam unidos pela consciência do dom, e tinham recíproca consciência do significado esponsal dos seus corpos, em que se exprimia a liberdade do dom e se manifestava toda a riqueza interior da pessoa como sujeito, que João Paulo II designou por ‘*belo amor*’. Com a perda dessa inocência interior, ambos se deram conta da sua nudez (cf. Gn 3,7-10) e que se tornaram susceptíveis de serem ‘*coisificados*’ e reduzidos à condição de meios¹⁴⁵, tornando-se um para o outro um mero ‘*objecto*’ e fonte de vergonha¹⁴⁶.

Contudo, a tentação a que cederam e o conseqüente pecado original não os privaram completamente da capacidade do ‘*belo amor*’. Antes, foram constantemente chamados a retornar a esse ‘*belo amor*’, onde se lhes havia sido revelada a sacramentalidade da criação, proveniente da fonte divina da santidade¹⁴⁷.

*“A inocência original, ligada à experiência do significado esponsal do corpo, é a santidade mesma que permite ao homem exprimir-se de modo profundo com o próprio corpo, isto precisamente mediante o ‘dom sincero’ de si mesmo. A consciência do dom condiciona, neste caso, ‘o sacramento do corpo’: o homem sente-se, no seu corpo de varão e de mulher, sujeito de santidade.”*¹⁴⁸

Como tal, conscientes do significado do próprio corpo, o homem e a mulher são chamados a viver no mundo como sujeitos de verdade e amor¹⁴⁹.

Sendo o homem a unidade dual homem-mulher (cf. MD 6), já que Eva foi extraída de Adão para ser diferente, apesar de ter a essência pessoal em comum com ele, a diferença sexual entre ambos veio, não só introduzir a alteridade na própria pessoa, mas, ao mesmo tempo, apontar a sua insuficiência estrutural, abrindo-a para fora de si (cf. CF 6). Por isso, Deus afirma: “*Não é conveniente que o homem esteja só; vou dar-lhe uma auxiliar semelhante a ele*” (Gn 2,18) e também “*a mulher deixará a sua casa e serão uma só carne*” (Gn 2,24). De facto, é vontade de Deus que a família se constitua e que se gerem novas famílias fundadas no amor, dando-se numa entrega de si mesmo ao outro de modo a serem um só. Para tal será necessário que os esposos vejam um no outro esse cumprimento do desígnio de Deus (Cf. Gn 2,18.23).

¹⁴⁵ Cf. Y. SEMEN – *A Sexualidade segundo João Paulo II*, 85.

¹⁴⁶ Cf. JOÃO PAULO II, PAPA – Alocução da Audiência Geral de quarta-feira [20/2/1980]. *L’Osservatore Romano*. Ed. Portuguesa. 11:8 (1980) §1.

¹⁴⁷ Cf. JOÃO PAULO II, PAPA – Alocução da Audiência Geral de quarta-feira [20/2/1980] §5.

¹⁴⁸ JOÃO PAULO II, PAPA – Alocução da Audiência Geral de quarta-feira [20/2/1980] §5.

¹⁴⁹ Cf. JOÃO PAULO II, PAPA – Alocução da Audiência Geral de quarta-feira [20/2/1980] §6.

Ao criá-los varão e mulher, Deus deu igual dignidade ao homem e à mulher, com direitos e responsabilidades próprios da pessoa humana (cf. *FC* 22). Como tal, deve haver um mútuo respeito pela igual dignidade, nutrindo um pelo outro uma caridade delicada e forte igual à que Cristo nutre pela Igreja (cf. *FC* 25).

A diferença sexual deverá permitir que ambos aprendam o *eu* através do *outro* e o *outro* através do *eu*, e assim compreendam quanto a existência do outro é um dom para si e quanto a própria existência é um dom que Deus lhe concedeu¹⁵⁰. O *outro* torna-se condição irrenunciável para que exista o *eu*, e como tal, o *eu* é impelido a sair de si mesmo em direcção ao *tu*¹⁵¹, visto que “o homem não é um ser autossuficiente e tem objectivamente necessidade de um outro para se completar ontologicamente e se realizar”¹⁵².

Através da experiência da necessidade e do desejo do *outro*, ecoa neles a plenitude vivida na Unitrindade de Deus¹⁵³, porque foram criados à Sua imagem (cf. *Gn* 1,27). Por isso, ambos se deparam com a necessidade de se encontrarem com Cristo para assim se revelar o sentido pleno da sua vocação¹⁵⁴.

O acento posto sobre o encontro do casal com o Cristo redentor no sacramento do matrimónio aponta um elemento chave que transforma a perspectiva tradicional com a abertura a uma profunda participação na vida trinitária. Manifestando o seu amor de Esposo da humanidade, através da linguagem humana e corpórea dos esposos, Deus ama o amor humano ao ponto de o tornar sacramento do seu próprio amor nupcial¹⁵⁵.

De facto, Cristo, como novo Adão (cf. *ICor* 15, 45), não vem condenar o primeiro Adão e a primeira Eva, mas redimi-los.

Por isso, Cristo insere a comunhão conjugal na sua doação sobre a cruz, Ele que é Esposo da Igreja e a enriquece com o dom do seu Espírito: “*O matrimónio dos baptizados torna-se assim o símbolo real da Nova e Eterna Aliança, decretada no Sangue de Cristo. O Espírito, que o Senhor infunde, doa um coração novo e torna o homem e a mulher capazes de se amarem, como Cristo nos amou*” (*FC* 13).

Assim, caminhando juntos, os novos casais dão início à família como união dos dois e, através do sacramento do matrimónio, como nova comunidade em Cristo (cf. *CF* 20).

¹⁵⁰ Cf. J. NORIEGA – “La vocacione al dono di sé”. *Amore umano* 1 (2007), 200-201

¹⁵¹ Cf. A. SCOLA – *Homem-Mulher: O caso decisivo do Amor*. Lisboa: Principia, 2005, 11-12.

¹⁵² Y. SEMEN – *La famiglia secondo Giovanni Paolo II*, 29.

¹⁵³ Deus Pai dá o seu próprio ser ao Filho que, acolhendo totalmente esse dom e restituindo-o, é gerado. A reciprocidade entre os dois é tão perfeita que o fruto desta relação é o próprio Deus, na pessoa do Espírito Santo.

¹⁵⁴ Cf. J. NORIEGA – “La vocacione al dono di sé”. *Amore umano* 1 (2007), 198.

¹⁵⁵ Cf. M. OUELLET – “La ‘communio personarum’ nella famiglia e nella chiesa: Familiaris Consortio”. *Amore umano* 1 (2007), 37.

c. Deus dá-lhes uma família e faz deles uma família

João Paulo II, na carta dirigida às famílias, salientou o papel fundamental que a família é chamada a desempenhar, visto ser a primeira e a mais importante das numerosas estradas existentes, uma via comum da qual o ser humano não se pode afastar (cf. *CF 2*).

Normalmente o homem nasce no seio de uma família, devendo-lhe o próprio facto de existir. Por isso, caso venha a faltar a família logo à nascença, a sua carência acompanhá-lo-á inevitavelmente ao longo de toda a vida, de forma inquietante e dolorosa (cf. *CF 2*).

Tal sucede porque o gerar de uma nova vida deve ser fruto de uma relação de amor – é vontade de Deus que assim seja. Essa nova vida deverá nascer num ambiente familiar que a acolha e a ame, pois é fruto desse amor primário, que é o dos esposos.

Deste modo, Deus entrega o homem a si mesmo, confiando-o à família e à sociedade. Portanto, os pais deverão consciencializar-se de que Deus quer cada homem por si mesmo, devendo a vontade dos pais harmonizar-se com o querer de Deus (cf. *CF 9*).

Será então, através da comunhão de pessoas, concretizada no matrimónio, que o homem e a mulher darão início à família. Como tal, o homem é chamado a sair da família de origem a fim de criar um novo núcleo familiar, a sua própria vocação de vida. No entanto, tal pode-se verificar mesmo que opte por ficar sozinho, já que a família permanecerá como o seu horizonte existencial (cf. *CF 2*).

Quando, desta comunhão, cujo modelo originário é a Paternidade de Deus, nasce um novo homem, este traz consigo ao mundo uma particular imagem e semelhança do próprio Deus. Além disso, os pais tornam-se cooperadores de Deus Criador na concepção e no gerar de um novo ser humano (cf. *FC 28*), pois a geração é a continuação da criação de Deus (cf. *CF 9*).

De facto, aquando da sua concepção, o homem já se encontra unido primariamente com a eternidade de Deus, e só depois, com a paternidade e a maternidade humanas, que estão sujeitas à lei do tempo e da caducidade. Por isso Deus afirma: “*Antes de te haver formado no ventre materno, Eu já te conhecia; antes que saíesses do seio de tua mãe, Eu te consagrei*” (*Jer 1,5*).

Este chamamento de Deus à vida, que abre o homem para a eternidade, foi-nos revelado abertamente por Cristo, ao projectar “*a luz do seu Evangelho sobre o viver e o morrer humano e, portanto, sobre o significado da família humana*” (*CF 9*).

Por isso, criados por Deus à Sua imagem e semelhança e remidos pelo sangue de Cristo, somos chamados a tornar-nos ‘*filhos no Filho*’ e templos vivos do Espírito, e temos

por destino a vida eterna na comunhão beatífica com Deus (cf. *CL* 37), pois ainda que a família seja inicialmente fundada e vivida na terra, é destinada a recompor-se no Céu¹⁵⁶.

Na verdade, a pessoa humana não se limita a ser inserida numa família humana, mas também na Família de Deus, que é a Igreja. Por isso, João Paulo II afirmou na *Familiaris consortio*:

“No matrimónio e na família constitui-se um complexo de relações interpessoais – vida conjugal, paternidade-maternidade, filiação, fraternidade – mediante as quais cada pessoa humana é introduzida na «família humana» e na «família de Deus», que é a Igreja.” (FC 15)

De facto, a família dos cristãos, alicerçada no matrimónio, é chamada a ter um papel muito importante na edificação da Igreja, visto que na família, mediante o baptismo e a educação na fé, a pessoa humana é introduzida também na família de Deus (cf. *FC* 15).

Como tal, o matrimónio cristão, sendo sinal eficaz da redenção de Cristo que reconstitui a família na sua unidade, insere a pessoa humana na grande família da Igreja.

Por isso, João Paulo II, consciente da dupla vertente que deve constituir a família cristã – família humana e família de Deus –, afirma que *“a Igreja encontra assim na família, nascida do sacramento, o seu berço e o lugar onde pode actuar a própria inserção nas gerações humanas, e estas, reciprocamente, na Igreja” (FC 15).*

2.2. Os esposos são chamados à santidade

Todos os homens são chamados a ser santos em todas as suas acções. E sendo a Igreja em Cristo um mistério, ela deve ser vista como sinal e instrumento de santidade. De facto, na Igreja todos recebem e partilham a comum vocação à santidade. Por isso, independentemente do seu estado ou ordem, todos *“são chamados à plenitude da vida cristã e à perfeição da caridade” (LG 40)* e *“têm por obrigação tender à santidade e à perfeição do próprio estado” (LG 42)*, pois todos são membros da mesma Igreja.

Deus quer garantir a santidade do matrimónio e da família (cf. *CF* 20). E, sendo a vocação à santidade componente essencial da nova vida baptismal e elemento constitutivo da sua dignidade, não só deve ser compreendida como uma simples exortação moral, mas também vivida como uma obrigação irrenunciável (cf. *CL* 17).

¹⁵⁶ Cf. JOÃO PAULO II, PAPA – Discurso aos bispos Italianos da Emília Romanha, em visita «ad limina» [2/5/1986] §3.

Por isso, o sacramento do matrimónio, que retoma e especifica a graça santificante do baptismo, é a fonte e o meio de santificação para os esposos. Isto porque o amor conjugal é purificado e santificado em virtude do mistério da morte e ressurreição de Cristo, onde se encontra inserido o matrimónio cristão (cf. *FC 56*). Contudo, esse dom não se esgota na celebração do matrimónio, mas acompanha-os ao longo de toda a sua vida (cf. *FC 56*).

Como tal, a realidade humana em que a família se insere deve ser vivida no Senhor, pois somente Este é o caminho de santificação para todos os membros da família, assim como a plenitude da realidade familiar e a possibilidade de presença e actuação de Deus no mundo.

Porque é através da família que passa a história da salvação da humanidade, os esposos encontram-se no centro do grande combate entre o bem e o mal, entre o amor e quanto a este se opõe. Por isso, é-lhes “*confiado o dever de lutar sobretudo para libertar as forças do bem, cuja fonte se encontra em Cristo Redentor do homem*” (*CF 23*).

Contudo, não estão sós e desamparados, mas Deus, porque ama e protege as famílias, coloca à sua disposição os meios para que possam perseverar nos desafios constantes do seu dia-a-dia. Deste modo, poderão corresponder à vocação da santidade a que são chamadas, vivendo também elas o reflexo da relação sponsal entre Cristo e a Igreja, a fim de que o seu amor conjugal possa ser autêntico e assumido no amor divino.

Contudo, somente acolhendo o Evangelho se poderá realizar plenamente a esperança que o homem legitimamente põe no matrimónio e na família. De facto, é fundamental a escuta da Palavra de Deus para que esta, ressoando no coração da família, frutifique.

a. Unidos ao coração trinitário de Deus

O mistério do amor humano não se pode compreender verdadeiramente senão à luz do mistério do coração trinitário de Deus. Como tal, somente será possível para a família criar sólidos alicerces se estes assentarem sobre a verdade do amor humano, cuja fonte é o coração trinitário de Deus¹⁵⁷.

Daí João Paulo II ter salientado num dos seus livros a necessidade que o homem tem de Deus, a fim de ver cumpridas as suas aspirações à verdade: “*O homem procura Deus porque n'Ele, e só n'Ele, pode encontrar o próprio cumprimento, o cumprimento das próprias aspirações à verdade, ao bem e ao belo*”¹⁵⁸.

¹⁵⁷ Y. SEMEN – *La famiglia secondo Giovanni Paolo II*, 61-63.

¹⁵⁸ JOÃO PAULO II, PAPA – Homília em Sandomierz [12/6/99] §2.

Convidou, por isso, os esposos a viver a sua união num clima de fé, pois, como ele mesmo afirmou, “*o amor cristão não é só fruto do próprio querer ou do próprio sentir, mas é também, e sobretudo, efeito da vida de graça, que opera na existência dos esposos*”¹⁵⁹.

Os esposos amam-se com o coração humano, mas desejariam poder dizer também que se amam com o coração de Cristo e no coração de Cristo, já que é o próprio Cristo que ama neles e por meio deles. Este amor de Cristo torna-se um grande conforto para os esposos, quer nas suas responsabilidades como primeiros educadores dos filhos, quer nas alegrias castas e profundas da união a dois, quer nas ocasiões de prova. De facto, como já referimos, foi o próprio Deus que os uniu, que quis e que abençoou o seu amor, pois quer amar neles e através deles¹⁶⁰.

Aliás, João Paulo II tinha plena consciência de que somente quando o amor se radica na fé, se torna possível interpretar os sinais dos tempos, que são a expressão histórica deste duplo amor (cf. *FC* 6). Pois, quando o amor se limita à fragilidade das forças humanas, não consegue resistir às dificuldades, enquanto, se estiver radicado em Deus, terá forças para permanecer fiel e temperar-se nas provações¹⁶¹.

Por isso, João Paulo II exortou os esposos a viverem o matrimónio cristão como uma verdadeira “*experiência de fé, que deve ser feita em conjunto, num itinerário sério de formação e de testemunho, que culmina no dia do ‘sim’, mas que se prolonga por toda a vida*”¹⁶².

Esta comunhão entre Deus e os homens tem pleno cumprimento em Jesus Cristo que, assumindo a natureza humana e no sacrifício que faz de si mesmo na cruz, ama e se doa aos homens como Esposo e Salvador, unindo-os a Si como membros do Seu próprio corpo. E é então, através desta doação de amor que Jesus faz à humanidade, que se lhes revela a verdade originária do matrimónio e os torna capazes de a realizarem inteiramente (cf. *FC* 13).

Por isso, na Encíclica *Dives in Misericordia*, João Paulo II não hesitou em afirmar aquela que é provavelmente uma das suas afirmações mais fortes sobre o amor:

“*Crer no Filho crucificado significa ‘ver o Pai’, significa crer que o amor está presente no mundo e que o amor é mais forte do que toda a espécie de mal em que o homem, a humanidade e o mundo estão envolvidos. Crer neste amor significa acreditar na misericórdia.*” (*DM* 7)

¹⁵⁹ JOÃO PAULO II, PAPA – Discurso aos casais na catedral de Taranto [28/10/1989]. *L’Osservatore Romano*. Ed. Portuguesa. 20:45 (1989) §2.

¹⁶⁰ Cf. JOÃO PAULO II, PAPA – Discurso aos casais na catedral de Taranto [28/10/1989] §2.

¹⁶¹ Cf. JOÃO PAULO II, PAPA – Discurso aos casais na catedral de Taranto [28/10/1989] §2.

¹⁶² JOÃO PAULO II, PAPA – Discurso aos casais na catedral de Taranto [28/10/1989] §2.

Por isso, Jesus infunde na família o Espírito Santo, capaz de transformar os seus corações e os tornar capazes de se amarem como Cristo nos amou.

Principalmente nos esposos, este amor atinge aquela plenitude para a qual está interiormente ordenado, ou seja, o modo próprio e específico com que participam e são chamados a viver a mesma caridade com que Cristo se doou na Cruz. Como tal, e porque estão interiormente ordenados a complementarem-se em Cristo, os esposos devem ser verdadeiramente dois numa só carne e num só espírito (cf. *FC* 13).

Permanecendo assim unidos no mesmo espírito, a presença de Cristo no seio das famílias, nas suas casas, no seu amor e nas suas escolhas será sempre a luz que as ilumina e a consolação que as alegra¹⁶³, pois, do mesmo modo, necessitam da graça de Cristo para serem curadas das feridas do pecado (cf. *GS* 47) e conduzidas ao conhecimento pleno e à realização integral dos desígnios de Deus (cf. *FC* 3).

Contudo, a plena realização da comunhão dos esposos não é possível sem os dons do Espírito Santo, e de modo especial do dom da piedade, pois é ele que os leva a reconhecerem que dependem de Deus, e a admitir que a vida é obra de Deus. Como tal, João Paulo II sugeriu que os esposos acolham esse dom do Espírito Santo, pois é esse dom que lhes permitirá reconhecer que não são senhores de tudo, mas que dependem de Deus como Pai e como fonte de vida. Então, iluminados pelo dom da piedade, qualquer acto conjugal faz dos esposos ministros, servidores do dom da vida, realçando ainda mais a dignidade e a grandeza do acto conjugal¹⁶⁴.

Compreendendo então a necessidade vital do homem de permanecer unido ao coração trinitário de Deus, João Paulo II encontrou na afirmação “*Deus é Amor*” (*1Jo* 4,16) a chave que serviu de base ao desenvolvimento das três encíclicas trinitárias (*Redemptor hominis*, *Dives in misericordia* e *Dominum et vivificantem*). De facto, esta chave torna-se também para nós fundamental, não só se quisermos compreender todo o seu magistério, mas também a forma como ele próprio interpretou o mistério do mal físico (dor, sofrimento e morte) e o mal moral (pecado). E, por isso, João Paulo II não hesitou em atribuir ao Espírito a missão de transformar o sofrimento do homem em amor salvífico, através da participação no amor dolente do crucificado, que sara os corações¹⁶⁵.

¹⁶³ Cf. JOÃO PAULO II, PAPA – Alocução da Audiência Geral de quarta-feira [19/9/1979]. *L'Osservatore Romano*. Ed. Portuguesa. 10:38 (1979).

¹⁶⁴ Cf. Y. SEMEN – *A Sexualidade segundo João Paulo II*, 138

¹⁶⁵ Cf. A. SCOLA – “Il mistero divino dell’amore nell’insegnamento di Giovanni Paolo II”. *Amore umano* 1 (2007), 32-33.

b. Fortalecidos pelos Sacramentos da Igreja

Como já referimos, Deus chama todas as famílias a viver em santidade, inseridas na sociedade e no mundo. Como tal, não deixa os esposos abandonados a si mesmos, mas, porque os ama e protege, coloca à sua disposição os meios para que possam perseverar nos desafios constantes do dia-a-dia. Esses meios, a que todas as famílias deverão recorrer, são os Sacramentos que são administrados pela Igreja, os quais têm a função de fortalecer todos os membros da família na Fé, na Esperança e na Caridade, de modo a poderem enfrentar os diversos desafios, levando-os assim a uma cada vez maior aproximação a Deus e aos homens.

Ainda que a vocação à santidade tenha a sua raiz no Baptismo, ela é constantemente proposta pelos restantes sacramentos, já que, *“revestidos de Jesus Cristo e impregnados do Seu Espírito, os cristãos são santos e, por isso, são habilitados e empenhados em manifestar a santidade do seu ser na santidade de todo o seu operar”* (CL 16).

Contudo, ainda que todos os sete sacramentos tenham uma função importante para a sua edificação e a perseverança dos esposos e de toda a família, optámos por neste estudo nos debruçar somente sobre o sacramento do matrimónio.

Este, juntamente com o Baptismo, tem a particular função de inserir os esposos na Nova e Eterna Aliança, ou seja, na Aliança nupcial de Cristo com a Igreja. Se através do Baptismo, verificamos o renascimento do homem e a sua íntima união com Deus, no matrimónio os esposos, unindo-se num vínculo indissolúvel e abençoado por Deus, tornam-se, também eles, um só corpo. E porque fundada por Deus, a íntima comunidade de vida e de amor conjugal é elevada e assumida pela caridade nupcial de Cristo, sustentada e enriquecida pela Sua força redentora (cf. FC 13).

Não é de estranhar que João Paulo II saliente constantemente na sua Teologia do Corpo que a Imagem de Deus se encontra não só no homem e na mulher individualmente, mas, de um modo especial, no matrimónio, onde a união esponsal dos corpos se torna sinal original e efectivo, através do qual a santidade entrou no mundo, e é, simultaneamente, o fundamento de toda a ordem sacramental, ou seja, é o protótipo dos sacramentos da Nova Aliança¹⁶⁶.

Por isso, João Paulo II não hesitou, na *Exortação Apostólica Christifideles Laici*, em recorrer às palavras de Santo Agostinho para definir esta união santificadora da Nova Aliança, que se dá, não só no Baptismo, mas também no matrimónio dos esposos: *“Alegremo-nos e*

¹⁶⁶ Cf. Y. SEMEN – *La famiglia secondo Giovanni Paolo II*, 41-45

agradeçamos: tornámo-nos não só cristãos, mas Cristo! Maravilhai-vos e alegrai-vos: Cristo nos tornámos” (CL 17).

Aprofundando a relação esponsal entre Cristo e a Igreja, damos-nos conta de que Cristo, Cabeça da Igreja, que é o Seu Corpo, a ama incessantemente, como Salvador. Por sua vez, a Igreja recebe de Cristo o dom da Salvação, fruto de um amor levado ao extremo, e sente-se obrigada a viver esse amor redentor e esponsal¹⁶⁷. De facto, só na medida em que a Igreja, Esposa de Cristo, se deixa amar por Ele e O ama, é que se torna Mãe fecunda no Espírito (Cf. CL 17).

Esta comparação da Igreja a uma esposa, bela e sem defeitos, salienta os atributos e as qualidades morais que devem guiar as relações de amor entre marido e mulher. Como tal, neste amor solícito pelo bem integral do outro, deve acentuar-se a unidade moral, que leva à identificação de um com o outro, mantendo cada um a sua própria subjetividade, tornando-se o corpo humano objecto de desvelo amoroso de parte a parte, devido à dignidade do mesmo corpo humano.

Assim sendo, a analogia da Igreja ao corpo de Cristo cria um sentido profundo da sacralidade do corpo humano, principalmente do corpo daqueles que se uniram para formar uma só carne através do matrimónio¹⁶⁸.

Esta analogia permite-nos penetrar mais profundamente na substância do mistério, como uma continuação das declarações do Antigo Testamento, apresentando o amor do Povo de Deus, escolhido por Ele¹⁶⁹.

Ajuda-nos também a ilustrar a verdade essencial do matrimónio, e assim compreender a obrigação moral de o matrimónio corresponder à vocação cristã dos esposos, na medida em que nele se reflete o amor de Cristo para com a Igreja e, do mesmo modo, o amor da Igreja para com Cristo¹⁷⁰.

De facto, o próprio Cristo é uma dádiva: Ele deu-se a Si mesmo à Igreja como sua noiva, vem ao encontro dos esposos cristãos através do sacramento do matrimónio e permanece com eles. E assim como Cristo amou a Igreja e se entregou por ela, também os esposos, chamados por Deus a viverem uma ‘*vida nova*’ e animados pelo Espírito Santo, se deverão amar fielmente e para toda a vida, entregando-se um ao outro e aos filhos.

¹⁶⁷ Cf. JOÃO PAULO II, PAPA – Alocução da Audiência Geral de quarta-feira [18/8/1982]. *L’Osservatore Romano*. Ed. Portuguesa. 13:34 (1982).

¹⁶⁸ Cf. JOÃO PAULO II, PAPA – Alocução da Audiência Geral de quarta-feira [1/9/1982]. *L’Osservatore Romano*. Ed. Portuguesa. 13:36 (1982).

¹⁶⁹ Cf. JOÃO PAULO II, PAPA – Alocução da Audiência Geral de quarta-feira [15/9/1982]. *L’Osservatore Romano*. Ed. Portuguesa. 13:38 (1982).

¹⁷⁰ Cf. JOÃO PAULO II, PAPA – Alocução da Audiência Geral de quarta-feira [18/8/1982].

Por isso este amor conjugal deve ser autêntico e assumido no amor divino, para que, dirigido e enriquecido pela força redentora de Cristo e pela acção salvadora da Igreja, os esposos possam caminhar eficazmente para Deus e ser ajudados e fortalecidos na sua missão parental (cf. GS 48).

Não é de estranhar que João Paulo II tenha apresentado o matrimónio como “*lugar único, que torna possível esta doação segundo a sua verdade total*” (FC 11) e que salientasse também que este representa “*o pacto de amor conjugal ou escolha consciente e livre, com a qual o homem e a mulher recebem a comunidade íntima de vida e de amor, querida pelo próprio Deus*” (FC 11).

Como tal, o matrimónio apresenta o homem como cabeça da mulher, e a mulher, por seu turno, como corpo do homem. Esta necessária união mútua da cabeça com o corpo manifesta a relação de amor entre os esposos, que se unem para formar uma só carne¹⁷¹.

Esta analogia desperta-nos para um grande mistério, pois traz consigo uma boa nova e dá início à obra da salvação, como fruto da graça que santifica o homem para a vida eterna, na união com Deus. Esta é, de facto, a base para a sacramentalidade do matrimónio, enquanto manifesta e realiza no homem, por meio de um sinal, este grande mistério da salvação¹⁷².

Por isso, sendo o matrimónio dos esposos um sacramento¹⁷³, é posto em relação com o sinal visível da união de Cristo com a Igreja e dá ao plano eterno do amor de Deus uma dimensão histórica, tornando-o fundamento de toda a ordem sacramental¹⁷⁴. Sendo, de facto, memorial, actualização e profecia, João Paulo II não hesita em afirmar:

*“Sendo memorial, o sacramento dá-lhes a graça e o dever de fazerem memória das grandes obras de Deus e darem testemunho delas junto dos próprios filhos; sendo actualização, dá-lhes a graça e o dever de executarem no presente, um para com o outro e para com os filhos, as exigências dum amor que perdoa e resgata; sendo profecia, dá-lhes a graça e o dever de viverem e testemunharem a esperança do futuro encontro com Cristo.”*¹⁷⁵

Não foi então de estranhar que João Paulo II tivesse salientado que, porque os esposos participam no matrimónio a dois, como casal, “*o efeito primeiro e imediato do matrimónio não é a graça sacramental propriamente, mas o vínculo conjugal cristão, uma comunhão a*

¹⁷¹ Cf. JOÃO PAULO II, PAPA – Alocução da Audiência Geral de quarta-feira [25/8/1982]. *L’Osservatore Romano*. Ed. Portuguesa. 13:35 (1982).

¹⁷² JOÃO PAULO II, PAPA – Alocução da Audiência Geral de quarta-feira [8/9/1982]. *L’Osservatore Romano*. Ed. Portuguesa. 13:37 (1982).

¹⁷³ Ou seja, é sinal sensível e eficaz que significa e produz a graça salvífica de Deus.

¹⁷⁴ JOÃO PAULO II, PAPA – Alocução da Audiência Geral de quarta-feira [29/9/1982]. *L’Osservatore Romano*. Ed. Portuguesa. 13:40 (1982).

¹⁷⁵ JOÃO PAULO II, PAPA – Discurso a dois Grupos internacionais de Cientistas [3/11/1979]. *L’Osservatore Romano*. Ed. Portuguesa. 10:46 (1979) §3.

dois tipicamente cristã porque representa o mistério da Encarnação de Cristo e o Seu Mistério de Aliança” (FC 13).

c. Acolhendo o Evangelho em seus corações

João Paulo II estava plenamente consciente de que somente acolhendo o Evangelho a esperança que os esposos legitimamente põem no matrimónio e na família poderá encontrar a sua plena realização (cf. FC 3). Como tal, é necessário que o Evangelho esteja intrinsecamente enraizado no seio matrimonial e familiar.

O seu acolhimento consiste em viver segundo o Espírito e frutificando na santificação. Suscitando e exigindo à família, e a cada membro individualmente, *o seguimento e imitação de Jesus Cristo*, eles encontram no Evangelho a força e o modelo a seguir para alcançarem tal meta.

Assim, na *Christifideles Laici*, João Paulo II sublinhou que o seguimento e a imitação de Cristo implicam o acolhimento do Evangelho e a sua vivência concreta:

“A vida segundo o Espírito, cujo fruto é a santificação, suscita e exige de todos e de cada um dos batizados o seguimento e imitação de Jesus Cristo, no acolhimento das Suas Bem-aventuranças, na escuta e meditação da Palavra de Deus, na consciente e activa participação na vida litúrgica e sacramental da Igreja, na oração individual, familiar e comunitária, na fome e sede de justiça, na prática do mandamento do amor em todas as circunstâncias da vida e no serviço aos irmãos, sobretudo os pequeninos, os pobres e os doentes.” (CL 16)

De facto, a vocação dos fiéis leigos à santidade consiste, não na sua alienação das realidades temporais e das actividades terrenas, mas na sua inserção e participação nelas, vivendo assim o Evangelho encarnado na sua vida quotidiana (cf. CL 17).

Por isso, João Paulo II viu nas palavras do Apóstolo São Paulo a exortação a todos os fiéis, independentemente do seu estado, a que tenham sempre Jesus como centro da sua vida, em todas as suas palavras e obras, dando, por meio d'Ele, graças a Deus Pai (cf. Col 3, 17). De facto, já o próprio Concílio Vaticano II havia reconhecido nessas palavras de São Paulo um forte apelo dirigido também aos fiéis leigos, salientando que *“nem os cuidados familiares nem outras ocupações profanas devem ser alheios à vida espiritual” (AA 4).*

Somente assim os fiéis leigos poderão responder correctamente à sua vocação laical, já que as actividades da vida quotidiana são ocasião de união com Deus e de cumprimento da Sua vontade. Além disso, são também um serviço à humanidade, pois o Evangelho deve ter como fim levar todos os homens à comunhão com Deus em Cristo (cf. CL 17).

Estando João Paulo II ciente de que o Evangelho é fundamental para a orientação das famílias, centrou todas as suas catequeses e ensinamentos no Evangelho e na Sagrada Escritura. Por isso, não hesitou em reforçar a necessidade da escuta da Palavra de Deus, pois somente assim a Palavra poderá ressoar no coração da família e dar fruto.

Nesse sentido, ele recorre frequentemente a textos bíblicos como o Génesis, o Cântico dos Cânticos, a Carta aos Efésios, os Evangelhos, etc...

Contudo, há que salientar não só os ensinamentos explícitos de Jesus, mas também as Suas diversas parábolas, que são contributo precioso para o seguro caminhar das famílias para a santidade a que são chamadas.

De facto, inspiradas pelo mandamento do Amor (cf. *Jo* 15,9-17), as famílias serão capazes de viver e dar testemunho das Bem-aventuranças (cf. *Mt* 5,1-12) anunciadas por Jesus. E porque o modelo constantemente usado por Jesus é próximo da realidade vivida pelas famílias, as parábolas por Ele usadas permitem a estas fazer um justo discernimento do caminho que são chamadas a seguir. De entre as diversas parábolas, salientam-se algumas mais significativas que, estando directamente ligadas ao ambiente familiar, permitem compreender qual o exemplo a seguir: *o Pai misericordioso* (cf. *Lc* 15,11-32), *o filho obediente e o filho desobediente* (cf. *Mt* 21,28-32), *coragem e desprendimento* (cf. *Mt* 10,32-39) e *a confiança na oração* (cf. *Lc* 11,9-13).

Contudo, é no livro dos Actos dos Apóstolos que nos deparamos com a chave do que deve ser a vivência de cada família e de cada cristão que, inseridos no mundo, devem procurar viver unidos em Igreja: “*Eram assíduos ao ensino dos Apóstolos, à união fraterna, à fracção do pão e às orações*” (*Act* 2,42).

Nesta passagem bíblica são colocados em evidência quatro aspectos muito importantes que os fiéis assumiam nas suas vidas com assiduidade, e que ainda hoje são pilares fundamentais para a sã edificação das famílias:

- o *ensino dos Apóstolos*, ou seja, o ensino da palavra de Jesus, pois era este o ensinamento e não outro, colocando assim nos Apóstolos a autoridade e a função de conduzirem o povo de Deus até Cristo;

- a *união fraterna*, que convida a pôr os seus bens à disposição de todos e a viver no mesmo espírito fraterno como verdadeiros irmãos em Cristo, salientando que é necessário que morra o individualismo para que ressuscite a solidariedade e que morra o egoísmo para que se regenere a doação recíproca, pois quem perder a sua vida por causa de Cristo há-de salvá-la (cf. *Lc* 9,24);

- a *fracção do pão*, que culmina na celebração da Eucaristia, sinal da total doação e sacrifício de Cristo na Cruz;

- as orações, que “*brotam da Santidade de Deus e são, ao mesmo tempo, a resposta a essa santidade, pelo que o tempo dedicado ao encontro íntimo com Deus é sempre o mais bem empregue*”¹⁷⁶.

Como tal, a última mensagem relativa às famílias proferida por escrito por João Paulo II no IV Encontro Mundial das Famílias, decorrido em Manila, foi extraordinariamente apelativa:

“Com a ajuda de Deus, *fazei do Evangelho a regra fundamental da vossa família, e da vossa família uma página do Evangelho escrita para o nosso tempo!*”¹⁷⁷

2.3. A exemplo da Sagrada Família

Quem lê os escritos, ou escuta as palavras de João Paulo II, dá-se conta da sua frequente referência à Família de Nazaré – e não é por mero acaso.

De facto, a família, que é chamada a ser o sinal do amor profundo entre Cristo e a sua Igreja, a fim de viver autenticamente a realidade cristã a que é chamada, deve contemplar e imitar a Sagrada Família de Nazaré.

A união com Deus, a confiança na Providência, a fidelidade ao dever quotidiano e o amor recíproco aberto para os outros são alguns dos grandes valores humanos e cristãos que se podem encontrar naquela feliz família, onde o Filho de Deus nasceu e viveu a Sua vida humana¹⁷⁸.

Como tal, João Paulo II incentivou as famílias a não deixarem de contemplar a Virgem de Nazaré (a “*Mãe do ‘belo amor’, que acompanha os homens de todos os tempos [...] até à casa do Pai*”¹⁷⁹), São José (o justo que mereceu a particular confiança de Deus¹⁸⁰) e Jesus (que, mesmo sendo Deus, encarnou numa família humana e lhe foi submisso).

João Paulo II fez uma grande referência a esta temática na Exortação Apostólica *Familiaris consortio*, inserindo-a, com naturalidade, na linha do seu magistério. Este, contudo, não foi o seu único documento sobre este assunto. Também a 15 de Agosto de 1989

¹⁷⁶ JOÃO PAULO II, PAPA – *Dom e mistério*, 101

¹⁷⁷ JOÃO PAULO II, PAPA – Discurso no IV Encontro Mundial das Famílias em Manila [25/1/2003]. *L’Osservatore Romano*. Ed. Portuguesa. 34:5 (2003).

¹⁷⁸ Cf. JOÃO PAULO II, PAPA – Alocução da Audiência Geral de quarta-feira [2/1/1980]. *L’Osservatore Romano*. Ed. Portuguesa. 11:1 (1980).

¹⁷⁹ JOÃO PAULO II, PAPA – *Beati i puri di cuore*, 4.

¹⁸⁰ Cf. JOÃO PAULO II, PAPA – Alocução da Audiência Geral de quarta-feira [21/3/1979]. *L’Osservatore Romano*. Ed. Portuguesa. 10:12 (1979).

ofereceu à Igreja uma Exortação Apostólica denominada *Redemptoris custos*, onde se debruçou sobre a figura e a missão de São José na vida de Cristo e da Igreja.

São também significativas as inúmeras sessões acerca da Teologia do Corpo, em que sublinhou a importância da Sagrada Família para a compreensão nuclear das famílias cristãs.

a. A Sagrada Família soube aceitar a vontade de Deus

Como seria de esperar, João Paulo II acentuou com frequência a total entrega e disponibilidade, por parte da Sagrada Família, para cumprir a vontade de Deus, mesmo que isso implicasse abdicar dos seus projectos pessoais e até da própria vontade.

Maria havia desposado José, pelo que, segundo o costume de Israel, era já seu esposo, ainda que não coabitassem. Ambos já teriam delineado os seus próprios projectos de vida para a nova família que tinham começado a constituir. Contudo, Deus interveio nesta família com uma iniciativa própria e peculiar (cf. *CF* 20).

“O anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galileia chamada Nazaré, ²⁷a uma virgem desposada com um homem chamado José, da casa de David; e o nome da virgem era Maria. Ao entrar em casa dela, o anjo disse-lhe: «Salve, ó cheia de graça, o Senhor está contigo.» Ao ouvir estas palavras, ela perturbou-se e inquiria de si própria o que significava tal saudação. Disse-lhe o anjo: «Maria, não temas, pois achaste graça diante de Deus. Há-de conceber no teu seio e dar à luz um filho, ao qual porás o nome de Jesus. Será grande e vai chamar-se Filho do Altíssimo. O Senhor Deus vai dar-lhe o trono de seu pai David, reinará eternamente sobre a casa de Jacob e o seu reinado não terá fim.» Maria disse ao anjo: «Como será isso, se eu não conheço homem?» O anjo respondeu-lhe: «O Espírito Santo virá sobre ti e a força do Altíssimo estenderá sobre ti a sua sombra. Por isso, aquele que vai nascer é Santo e será chamado Filho de Deus. [...] Maria disse, então: «Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra.»” (Lc 1,26-35.38)

Maria foi chamada a ser a Mãe do Filho de Deus. E ainda que, na verdade, não tivesse total consciência das consequências provenientes da sua aceitação, Maria aceitou abraçar e fazer seus os projectos de Deus, colocando-se ao seu inteiro dispor.

Com o seu ‘*Sim*’, o Verbo de Deus tornou-se filho do homem em Maria, sua Mãe (cf. *CF* 20). “*Maria tornou-se Mãe do belo amor*” (*CF* 20).

Também José teve um papel importante a assumir. Após constatar que em Maria foi concebida uma nova vida que não provinha dele, José, como homem justo e respeitador da Lei antiga, pretendeu deixar Maria em segredo (cf. *Mt* 1, 19). No entanto, foi-lhe comunicado num sonho que deveria acolher Maria, sua esposa, pois O que ela concebeu foi obra do Espírito Santo (cf. *Mt* 1,20). Na verdade, o repúdio não estaria de acordo com a sua vocação,

e seria contrário ao amor esponsal que o unia a Maria. E para que este recíproco amor esponsal fosse plenamente o ‘*belo amor*’, José deveria acolher Maria e o Filho d’Ela sob o tecto da sua casa, em Nazaré (cf. *CF* 20).

Deus confiou a José o mistério, por cuja realização o povo de Israel tinha esperado tanto tempo, e confiou-lhe tudo aquilo de que dependeria a realização de tal mistério na história do Povo de Deus. Assim, José tornou-se o homem da divina eleição, o homem de particular confiança. Contudo, esta tarefa foi desempenhada por ele com particular simplicidade e humildade, manifestando-se em José uma profunda espiritualidade, tornando-se assim encarnação perfeita da paternidade na família humana e sagrada ao mesmo tempo¹⁸¹.

José, obedecendo à vontade de Deus, agiu segundo o que lhe fora mandado (cf. *Mt* 1,24). E nesse cumprimento está toda a descrição da vida de José e a característica plena da sua santidade.

José permaneceu sempre ao lado de Maria. Não somente no período anterior ao nascimento de Jesus e na circunstância da Natividade, mas também no momento da Sua apresentação no Templo e na chegada dos Reis Magos.

Perante o drama do massacre dos recém-nascidos em Belém, José foi de novo chamado e ensinado por Deus sobre o que deveria fazer¹⁸².

Durante toda a vida oculta da Sagrada Família de Nazaré, o Filho de Deus esteve oculto a todos os homens, mesmo aos mais próximos. É reconhecido por todos como filho de Maria e de José, o carpinteiro (cf. *Mt* 13,55 e cf. *Mt* 4,16-22). Só Maria e José conheciam o Seu Mistério, vivendo-o dia-a-dia e guardando tudo nos seus corações.

Também Maria e José permaneceram ocultos em Cristo, no Seu mistério e na Sua missão, especialmente José, que deixou o mundo antes de Jesus se revelar publicamente¹⁸³. No entanto as suas vidas podem-se traduzir numa constante escuta e disponibilidade para cumprir sempre e em todas as circunstâncias a vontade de Deus.

Ao completar doze anos Jesus foi com seus pais a Jerusalém. Quando eles, após terem perdido Jesus, o encontraram no Templo de Jerusalém, ouviram estas palavras misteriosas de Jesus, sem nada entenderem: “*Não sabíeis que devia estar em casa de meu Pai?*” (*Lc* 2,49). Uma vez mais, guardaram e meditaram tudo em seus corações, especialmente Maria.

Também o próprio Jesus, ainda que seja Deus, apresentou-se obediente, não só à vontade do Pai Celeste (cf. *Jo* 6,38), mas também a seus pais terrenos (cf. *Lc* 2,51), com a

¹⁸¹ Cf. JOÃO PAULO II, PAPA – Alocução da Audiência Geral de quarta-feira [21/3/1979].

¹⁸² Cf. JOÃO PAULO II, PAPA – Alocução da Audiência Geral de quarta-feira [21/3/1979].

¹⁸³ Cf. JOÃO PAULO II, PAPA – Alocução da Audiência Geral de quarta-feira [21/3/1979].

mesma atitude com que um filho deve ser submisso a seus pais. Mesmo durante a sua dolorosa Paixão, Jesus entregou-se totalmente à vontade do Pai, de modo que fosse feita a vontade do Pai e não a Sua (cf. *Mt* 26,39).

b. A Sagrada Família viveu em especial consagração

Os sinais concretos mais expressivos do Reino de Deus, que condicionam toda a existência da Sagrada Família, são as virtudes e os privilégios divinos, aceites sempre conscientemente por José e Maria com todas as consequências inerentes às suas funções de progenitores de Jesus.

De facto, é necessário exaltar a total consagração ao projecto de Deus por parte de Maria (através da sua virgindade) e da parte de José (através da sua castidade perfeita).

José foi convidado a envolver-se no mistério ocorrido em Maria e a partilhá-lo para sempre. Deste modo, José e Maria foram verdadeiramente esposos, não só diante de Deus, mas também diante da sociedade religiosa e civil¹⁸⁴.

João Paulo II, consciente desta perfeita e radical consagração a Deus por parte de Maria e José, debruçou-se sobre este tema em todos os seus documentos referentes à família, e de modo especial na *Familiaris consortio* e na *Carta às Famílias*.

Na *Carta às Famílias*, João Paulo II salientou que o mistério da Sagrada Família ficou inscrito profundamente no amor esponsal do homem e da mulher, e indirectamente na genealogia de cada família humana, pois encontra na Sagrada Família a sua expressão mais alta. E como tal, a família é colocada no centro da Nova Aliança (cf. *CF* 20).

Citando Paulo VI, João Paulo II afirmou na *Redemptoris custos* que o matrimónio se tornou numa nova realidade com o casal formado por José e Maria, pois Deus deu início à obra da salvação com esta união virginal e santa, na qual se manifesta a Sua vontade onipotente *de purificar e santificar a família*, que é santuário do amor humano e berço da vida. Deste modo, a Família de Nazaré constitui o vértice, do qual a santidade se expande por toda a terra (cf. *RC* 7).

“No momento culminante da história da salvação, quando Deus manifestou o seu amor pela humanidade, mediante o dom do Verbo, deu-se exactamente o matrimónio de Maria e José, em que se realizou com plena ‘liberdade’ o ‘dom esponsal de si’ acolhendo e exprimindo um tal amor.” (RC 7)

¹⁸⁴ Cf. S. SPREAFICO – *Famiglia Cristiana, Chiesa Domestica: Oggetto e soggetto di evangelizzazione attraverso la parrocchia*. Roma: ISC, 1991, 56.

De facto, Maria e José reviveram a experiência do *'belo amor'* descrita no Cântico dos Cânticos, que corresponde à beleza do amor e do ser humano que, em virtude do Espírito Santo, é capaz de tal amor. Ou seja, a beleza do homem e da mulher como irmão e irmã, como noivos e como esposos. Na verdade, porque vêm de Deus, são chamados a tornar-se um dom recíproco, tornando-se marido e mulher, e, ao mesmo tempo, irmão e irmã (cf. *CF 20*).

Maria foi a primeira a entrar na dimensão do grande mistério, e nela introduziu também o seu esposo José. Eles tornaram-se, assim, os *primeiros modelos* do *'belo amor'*, reflectindo-se neles a beleza do amor dado por Deus aos homens (cf. *CF 20*).

Os evangelistas Mateus e Lucas, dando conta das circunstâncias extraordinárias em que teve lugar o nascimento de Jesus, deixam transparecer a dramática prova afectiva a que José é sujeito. Este jovem apaixonado, que não era, certamente, o velhinho decrépito que nos é apresentado por grande parte da iconografia popular, abraça sem reservas, embora sem o compreender, o destino da sua jovem esposa. Assim, de José, na dedicação gratuita e apaixonada a quem lhe foi confiado para a vida, floresce uma nova fecundidade. A mesma experimentada por Maria, aos pés da Cruz, ao ouvir a voz do Seu filho que lhe confia João (cf. *Jo 19,25-26*). Podemos imaginar como João terá olhado para Maria e como Maria terá tratado João, depois daquele convite.

Na verdade, a castidade vivida pela Sagrada Família vem manifestar uma forma de possuir com um *'desprendimento interior'* que, ao mesmo tempo, acarreta consigo uma enorme força afectiva.

c. Proporcionando um ambiente familiar propício

Jesus Cristo escolheu nascer e crescer no seio de uma família, submisso a Maria, sua Mãe, e a José, o carpinteiro. Deste modo, revelou plenamente o homem a si mesmo (*CF 2*), pois *"nascido da Virgem Maria, tornou-se verdadeiramente um de nós, semelhante a nós em tudo, excepto no pecado"* (*GS 22*).

Na verdade, a Encarnação do Verbo de Deus está em estreita relação com cada família humana e não apenas com a de Nazaré (*CF 2*), visto que Ele não se fez apenas homem, mas quis nascer numa família humana. *"Fez-se homem e veio habitar connosco"* (*Jo 1,14*) pela acção do Espírito Santo no seio da Virgem Maria, que estava noiva de José, e quis chamar pai a José e mãe a Maria.

Por isso, João Paulo II não hesitou em salientar com insistência a verdadeira família humana do Filho de Deus. Nela realçou não só a maternidade de Maria, mas também a plena

autenticidade da paternidade humana de José, em virtude do vínculo matrimonial que o une a Maria (cf. RC 7) e da autenticidade da missão paterna na família (cf. RC 21).

De facto, concebendo o Verbo eterno de Deus, a Virgem Maria experimentou a máxima participação possível no serviço à vida. Do mesmo modo, juntamente com José nesta total doação de amor gratuito e dedicação, procurou educar Jesus, inserindo-o, ao mesmo tempo, no contexto familiar.

Jesus quis escolher o tipo de família mais comum, mais adequada ao seu plano trinitário, que fosse modelo para toda a humanidade e para a Igreja. Como tal, o Filho de Deus pediu aos seus pais humanos que, livre e conscientemente, estivessem em radical sintonia com a Sua Missão salvífica, vivendo a realidade da família humana no modo mais perfeito segundo o projecto de Deus-Trino.

Naquele tempo, a família judaica absolutizava os seus valores em função de si mesma, pois pertencia ao povo da Aliança. Na verdade, ela considerava-se realizada se possuísse bens e muitos filhos e se estes fossem obedientes (cf. *Sir* 3,1-16). Era, contudo, uma convicção errónea que colocava Deus ao serviço da família e não o inverso.

Contrariando esse costume, a Sagrada Família de Nazaré foi concebida como Reino de Deus e, como tal, foi chamada a superar-se constantemente, colocando o próprio Cristo e a sua missão como sua razão, seu centro e seu último objectivo de ser e de viver¹⁸⁵.

Deus quis chamar José e Maria ao pleno exercício das funções parentais, de modo a ajudar Jesus no amadurecimento da sua personalidade. Maria e José deveriam viver todo o clima sponsal-familiar constituído pela comunhão interpessoal, pelos gestos de amor, pela recíproca educação, pela prática religiosa, pelo exercício da profissão, pelas amizades extra familiares, etc...

Por isso, a Família de Nazaré deveria apresentar-se como exemplo para todas as famílias cristãs que desejassem ser lugar de Deus e, como tal, Igreja Doméstica, onde prevalecesse a lei suprema do Amor de Deus Trino acima de qualquer outro valor.

O projecto de Deus exigia que a Sagrada Família de Nazaré fosse verdadeiramente riquíssima de amor e pobre de tudo o resto¹⁸⁶. Esse é, na verdade, o anúncio antecipado, traduzido na prática da vida, da felicidade do Evangelho: “*Felizes os pobres em espírito, porque deles é o reino dos céus*” (*Mt* 5,3).

José, Maria e Jesus foram materialmente pobres e trabalharam arduamente com as suas mãos. Além disso, formaram uma família aberta, mas, ao mesmo tempo, o seu mistério

¹⁸⁵ Cf. S. SPREAFICO, *Famiglia Cristiana, Chiesa Domestica*, 55-57.

¹⁸⁶ Cf. S. SPREAFICO, *Famiglia Cristiana, Chiesa Domestica*, 56.

foi sigilosamente guardado. Ainda que bem inseridos na sociedade, estavam abertos aos horizontes eternos de Deus.

No entanto, foram muitas as tribulações e os perigos que se abateram sobre a Sagrada Família desde o nascimento de Jesus.

Após a perseguição de Herodes e a fuga para o Egito, a Sagrada Família regressou a Nazaré e iniciou um longo período de uma existência escondida, dedicada ao cumprimento fiel e generoso dos deveres quotidianos, em ambiente de silêncio, de contemplação, de preparação e na obediência (cf. *Mt 2, 1-23; Lc 2, 39-52*).

Mais tarde, com a morte de José, Jesus veio a conhecer a condição de orfandade, o que seguramente terá desenvolvido nele uma forte consciência da necessidade do papel parental.

Tendo o Filho de Deus decidido viver a quase totalidade da sua existência com José e Maria, a Sua vida oculta com os seus pais constitui hoje um mistério insondável para todos os cristãos.

Sendo a vida da Sagrada Família assinalada não pela espectacularidade dos actos, mas pela extraordinariedade do amor com que se fazia as coisas comuns, não admira que os pensamentos e o coração da Igreja, a sua oração e o seu culto se dirijam para esta família tão especial. Na verdade, é nela que a Igreja encontra a inspiração e o apoio necessários para cada família viver a sua vocação matrimonial, familiar e parental de forma solícita, simples e serviçal.

A Sagrada Família é o ponto de referência indispensável para qualquer família que pretenda ser verdadeiramente cristã, não somente por ser modelo, mas também por ser sua eficaz protectora:¹⁸⁷

“Por misterioso desígnio de Deus, nela viveu o Filho de Deus escondido por muitos anos: é, pois, protótipo e exemplo de todas as famílias cristãs. E aquela Família, única no mundo, que passou uma existência anónima e silenciosa numa pequena localidade da Palestina; que foi provada pela pobreza, pela perseguição, pelo exílio; que glorificou a Deus de modo incomparavelmente alto e puro, não deixará de ajudar as famílias cristãs, ou melhor, todas as famílias do mundo, na fidelidade aos deveres quotidianos, no suportar as ânsias e as tribulações da vida, na generosa abertura às necessidades dos outros, no feliz cumprimento do plano de Deus a seu respeito.” (FC 86)

Por isso, inspirada em Jesus, Maria e José, cada família é chamada a ser igreja doméstica, porque inscrita nas relações familiares, e a encontrar neles a ajuda necessária para se tornar numa Sagrada Família.

¹⁸⁷ Cf. S. SPREAFICO, *Famiglia Cristiana, Chiesa Domestica*, 58.

Ao concluirmos o segundo capítulo, verificamos que Deus, porque ama incondicionalmente os esposos, convida-os a viver numa comunhão de amor à imagem e semelhança da vida trinitária das Pessoas Divinas, de modo a que o seu amor não seja somente com o coração humano mas, unidos a Deus, seja também com o coração de Deus e no coração de Deus.

Como tal, os esposos deverão então, a exemplo da Sagrada Família, acolher o Evangelho em seus corações, de modo a que a esperança que põem no matrimónio e na família possa encontrar a sua plena realização.

CAPÍTULO III

PELO CAMINHO ÉTICO E ESPECÍFICO DA VIDA CONJUGAL

João Paulo II teve plena consciência de que não basta a acção de Deus para que os esposos vivam em santidade, mas é preciso também, da parte deles, uma resposta a esse convite inicial feito por Deus.

Deus, de facto, prepara o caminho, mas são os esposos que o deverão percorrer, inseridos na sociedade, não abandonados a si mesmos, mas ambos unidos como esposos, apoiando-se um no outro, e, ao mesmo tempo, permitindo que Deus caminhe a seu lado, que Deus faça parte da sua relação e da sua vida.

Assim, esta dará seguramente muito fruto, não somente na relação esponsal e nos filhos, mas também no seio familiar, na sociedade, na paróquia onde estão inseridos e em toda a Igreja Universal.

3.1. Doando-se a si mesmos

Já enquanto simples sacerdote, Karol Wojtyła salientava frequentemente, nos seus documentos relacionados com a família, que “*o amor esponsal consiste no dom da pessoa*”¹⁸⁸. Doação essa de si que se configura como o chamamento a responder a um amor que o precede e que o chama a sair de si, levando-o a procurar alcançar, de forma incansável, uma crescente perfeição de vida.

De facto, o efeito primeiro e imediato do matrimónio não é propriamente a graça sacramental, mas o vínculo conjugal cristão, uma comunhão a dois como casal, como representação do mistério da Encarnação de Cristo e da Sua Aliança.

a. Numa recíproca doação livre e autêntica de si

Porque na doação livre e sincera de si o homem reencontra o amor de Deus em Cristo¹⁸⁹, somente através dessa doação o homem se poderá encontrar plenamente (cf. GS 24). Como tal, porque é o único ser capaz de doar-se e de amar¹⁹⁰, o homem é chamado a tornar-se

¹⁸⁸ K. WOJTYŁA – *Amor e responsabilidade*, 69.

¹⁸⁹ Cf. JOÃO PAULO II, PAPA – *Man and Woman He Created Them*, 35

¹⁹⁰ Cf. C. CAFFARRA – “La verità e fecondità del dono”. *Amore umano* 1 (2007), 192

algo maior do que aquilo que na verdade é, pois, assim como o amor divino pretende abraçar o homem na liberdade, também o amor humano deverá abraçar o amado na liberdade¹⁹¹.

Esta, contudo, não se pode dar sem a verdade (cf. *VS* 87), pois ou estas se conjugam juntas ou juntas sucumbirão (cf. *FR* 90)¹⁹².

Os esposos são então chamados a renovar livre e constantemente o ‘*sim*’ que professaram no matrimônio, ‘*sim*’ esse que deve ser vivido e sentido no mais profundo do coração de cada um deles, manifestando o verdadeiro sentimento de amor que os une.

Deus conhece o íntimo de cada um e, como tal, esta resposta deverá ser dada com o coração e não apenas com a boca ou a mente. A doação deverá ser sincera, completa e desinteressada, de modo que o ‘*eu*’ deixe de existir¹⁹³ para passar a existir um ‘*nós*’ (cf. *Gn* 2,24). Por isso, requer-se sempre um sério discernimento e uma clara consciência do compromisso que se assume.

Como tal, é inadmissível a existência de um amor sem verdade e liberdade pois, ainda que todo o homem viva para o amor, somente pode estar aberto ao amor aquele que pretende ver a verdade e está interiormente disposto a acolhê-la¹⁹⁴. O culminar desse livre e verdadeiro acolhimento está nitidamente presente em Cristo crucificado, que “*revela o sentido autêntico da liberdade, vive-o em plenitude da doação total de si e chama os discípulos a tomar parte da sua própria liberdade*” (*VS* 85).

Chamados então à plena realização da vocação ao amor, mediante o dom recíproco de si no matrimônio, esta doação plena e livre ao outro deve radicar-se na corporeidade, cujas inclinações têm um profundo sentido pessoal esponsal que encaminha para esta doação¹⁹⁵.

O verdadeiro amor conduz-nos para fora de nós no sentido da afirmação do outro, e tem como ponto de partida perceber que um outro necessita de mim¹⁹⁶. Por isso, o amor não consiste em realizar-se através do outro, mas em doar-se ao outro para o bem dele e no recebê-lo como dom¹⁹⁷.

E porque amar significa dar crédito e levar ao livre cumprimento o dom inicial de um encontro pessoal, até à plenitude da comunhão¹⁹⁸, isto implica que se dê com intenção de

¹⁹¹ Cf. J. NORIEGA – “La vocacione al dono di sé”. *Amore umano* 1 (2007), 203.

¹⁹² Cf. L. MELINA – “La verità dell’amore: Veritatis splendor”. *Amore umano* 1 (2007), 237.

¹⁹³ Contudo, deverá entender-se não em sentido antropológico, mas antes sociológico, pois a pessoa irá conservar sempre a sua individualidade, não deixando de existir enquanto pessoa e enquanto indivíduo.

¹⁹⁴ Cf. L. MELINA – “La verità dell’amore: Veritatis splendor”. *Amore umano* 1 (2007), 242

¹⁹⁵ Cf. J. NORIEGA – “La vocacione al dono di sé”. *Amore umano* 1 (2007), 197-198.

¹⁹⁶ Cf. Y. SEMEN – *A Sexualidade segundo João Paulo II*, 30

¹⁹⁷ Cf. Y. SEMEN – *A Sexualidade segundo João Paulo II*, 15.

¹⁹⁸ Cf. L. MELINA – “La verità dell’amore: Veritatis splendor”. *Amore umano* 1 (2007), 244

reciprocidade, doando-se, mas, ao mesmo tempo, acolhendo e aceitando o outro, bem como descobrindo-se a si mesmos e o amor de Deus que habita neles¹⁹⁹.

Na verdade, esta doação recíproca deve gerar, não a posse do outro, mas uma pertença recíproca²⁰⁰, que se configura como um autêntico bem para ambos: o bem da comunhão. Neste bem comum encontra sentido a submissão mútua, que não é a submissão ao capricho do outro²⁰¹, mas a referida por São Paulo na *Carta aos Efésios* (cf. *Ef* 5,21-33).

Contudo, como sublinhou João Paulo II, esta carta deve ser entendida no conjunto e como coroamento daquilo que na Palavra de Deus se ensina sobre o corpo humano, que é ordenado para o dom interpessoal e a união no matrimônio. Como tal, realça a dignidade do corpo humano segundo Deus, pelo que devemos honrar e respeitar tal dignidade, em nós e nos outros²⁰².

Então, este ‘*temor*’, que deve inspirar a relação mútua entre os esposos, não quer dizer medo mas sim reverência ou piedade, proveniente da consciência profunda do mistério de Cristo. Os esposos devem então, em pé de igualdade, viver com amor e confiança a doação pessoal recíproca, ‘*no temor de Cristo*’, mantendo sempre os olhos fixos no modelo, que é a relação de amor Cristo-Igreja²⁰³.

Por isso, também o amor esponsal deverá implicar acolhimento e comunicação como o de Cristo. Acolhendo-se mutuamente como são, amados em si mesmos por Deus em Cristo, comunicam a vida que Jesus comunicou à Igreja, sua esposa²⁰⁴.

Na verdade, o matrimônio não hesita em apresentar o homem como cabeça da mulher e a mulher como corpo do homem, sinal da relação de amor dos esposos através da necessária união mútua da cabeça com o corpo, formando assim uma só carne²⁰⁵.

Nesta plena doação e comunhão, o amor humano transforma-se em beleza e o próprio Espírito Santo os prepara para as bodas eternas do cordeiro²⁰⁶.

¹⁹⁹ Cf. J. NORIEGA – “La vocacione al dono di sé”. *Amore umano* 1 (2007), 199-200.

²⁰⁰ Cf. JOÃO PAULO II, PAPA – *Man and Woman He Created Them*, 53

²⁰¹ Cf. J. NORIEGA – “La vocacione al dono di sé”. *Amore umano* 1 (2007), 201.

²⁰² Cf. JOÃO PAULO II, PAPA – Alocução da Audiência Geral de quarta-feira [28/7/1982]. *L’Osservatore Romano*. Ed. Portuguesa. 13:31 (1982).

²⁰³ Cf. JOÃO PAULO II, PAPA – Alocução da Audiência Geral de quarta-feira [28/7/1982].

²⁰⁴ Cf. J. NORIEGA – “La vocacione al dono di sé”. *Amore umano* 1 (2007), 202.

²⁰⁵ Cf. JOÃO PAULO II, PAPA – Alocução da Audiência Geral de quarta-feira [25/8/1982].

²⁰⁶ Cf. J. NORIEGA – “La vocacione al dono di sé”. *Amore umano* 1 (2007), 202.

b. Com um coração casto

Para compreender a profundidade da reflexão sobre a doação de si, é necessário relacionar o dom de si com a castidade. De facto, não se podem dissociar o matrimónio e a castidade consagrada da vida humana, visto que se iluminam e completam mutuamente. Ou seja, o matrimónio ajuda-nos a compreender a continência pelo Reino e a continência ilumina particularmente o matrimónio visto à luz do mistério da Criação e da Redenção²⁰⁷. Além disso, ambos, “*na sua respectiva forma própria, são uma concretização da verdade mais profunda do homem, do seu ser à imagem de Deus*” (FC 11).

Por isso, João Paulo II não hesitou em salientar na *Familiaris consortio* a íntima relação entre o matrimónio e a castidade, vivida na virgindade e no celibato:

“A virgindade e o celibato pelo Reino de Deus não só não contradizem a dignidade do matrimónio, mas a pressupõem e confirmam. O matrimónio e a virgindade são os dois modos de exprimir e de viver o único Mistério da Aliança de Deus com o seu povo. Quando não se tem apreço pelo matrimónio, não tem lugar a virgindade consagrada; quando a sexualidade humana não é considerada um grande valor dado pelo Criador, perde significado a renúncia pelo Reino dos Céus.” (FC 16)

De facto, o matrimónio e a castidade consagrada, ainda que correspondam a escolhas e vocações diferentes, não se opõem, mas explicam-se e completam-se reciprocamente.

Tanto o matrimónio como a castidade consagrada fazem parte de uma única vocação comum – a doação de si mesmo – e, como tal, também a vocação para o celibato deve ser entendida como uma forma de matrimónio, na medida em que é uma forma de dom da pessoa²⁰⁸.

A castidade consagrada evidencia o que é eterno e mais profundamente pessoal na vocação esponsal, o que, na dimensão temporal, corresponde à dignidade do dom pessoal, ligada ao significado nupcial do corpo, na sua masculinidade ou feminilidade²⁰⁹. Assim, através da total doação de si a Deus, ao optar pela castidade, a pessoa procura concentrar todo o seu amor em Deus, como preparação para a doação definitiva de Deus na ressurreição da carne²¹⁰.

Na verdade, todos os baptizados são chamados à castidade, levando uma vida casta, segundo o seu estado de vida particular. As pessoas casadas são chamadas a viver a castidade

²⁰⁷ Cf. JOÃO PAULO II, PAPA – Alocução da Audiência Geral de quarta-feira [31/3/1982]. *L'Osservatore Romano*. Ed. Portuguesa. 13:14 (1982) §6.

²⁰⁸ Cf. Y. SEMEN – *A Sexualidade segundo João Paulo II*, 73-74.

²⁰⁹ Y. SEMEN – *A Sexualidade segundo João Paulo II*, 114.

²¹⁰ Cf. JOÃO PAULO II, PAPA – *Man and Woman He Created Them*, 83.

conjugal, enquanto as outras devem praticar a castidade na continência²¹¹ (cf. *CEC* §2348-2349).

A castidade conjugal acaba por ser caminho de liberdade e de santidade para os esposos, permitindo-lhes alcançar uma comunicação mais profunda e uma verdadeira liberdade, e assim desenvolverem todas as dimensões da linguagem do corpo e evitarem que o acto conjugal se torne apenas uma forma de libertação das tensões sexuais do corpo²¹². Como tal, a castidade conjugal irá possibilitar uma maior comunhão na comunicação entre os esposos, especialmente quando o acto conjugal dá lugar ao afecto, à ternura e às expressões não especificamente sexuais da comunicação entre os esposos²¹³.

Esta irá permitir desenvolver gradualmente a capacidade de perceber, amar e concretizar os significados da linguagem do corpo, de modo a enriquecer o diálogo sponsal dos esposos, purificando-o e simplificando-o, permitindo, ao mesmo tempo, controlar a excitação e a emoção e dar lugar ao verdadeiro amor²¹⁴.

Por isso, o exercício da castidade deve ser também o caminho de santidade própria dos esposos, não estando esta reservada exclusivamente à vida religiosa.

No dom que fazem do seu próprio corpo na expressão mais concreta do acto sexual, reconhecem o outro como pessoa, como riqueza e como apelo a uma transcendência na comunhão. Este é, seguramente, um caminho de santidade que apela à oblação concreta do corpo na fecundidade do amor.

Contudo, não é apesar de, e muito menos contra, a sua sexualidade, mas por e na sua sexualidade que os esposos são chamados a progredir na santidade. Para tal, são chamados a fazer do acto conjugal, não um meio de se libertar das tensões do instinto ou da paixão do desejo, mas um acto de dom total na castidade²¹⁵.

Tal irá implicar uma *aprendizagem do domínio de si* e exigir que os esposos procedam segundo uma opção consciente e livre (cf. *CEC* §2238-2239).

Porque o domínio de si é uma obra de grande fôlego, este nunca poderá considerar-se total e definitivamente adquirido. Antes, como adverte o Catecismo da Igreja Católica, implica um esforço constante em todas as idades da vida (cf. *CEC* §2342).

²¹¹ Também os *noivos* são chamados a viver a castidade na continência, de modo a fazerem a descoberta do respeito mútuo, a aprendizagem da fidelidade e da esperança de se receberem um ao outro de Deus, a fim de reservarem para o tempo do matrimónio as manifestações de ternura específicas do amor conjugal. Cf. *CEC* §2350.

²¹² A castidade não significa nem a recusa nem a falta de estima pela sexualidade humana, mas a energia espiritual que defende o amor do egoísmo e da agressividade, voltando-o para a sua plena realização. Cf. *FC* 33.

²¹³ Cf. Y. SEMEN – *A Sexualidade segundo João Paulo II*, 133-134.

²¹⁴ Cf. Y. SEMEN – *A Sexualidade segundo João Paulo II*, 134.

²¹⁵ Cf. Y. SEMEN – *A Sexualidade segundo João Paulo II*, 136

Como tal, João Paulo II salienta que os esposos cristãos devem procurar nas pessoas virgens e consagradas o bom exemplo e o testemunho da fidelidade à sua vocação até à morte (cf. *FC* 16) e, assim edificados, vivam a sua fidelidade esponsal (cf. *NI* 9) e se tornem também eles testemunhas da fidelidade e da ternura de Deus (cf. *CEC* §2346).

c. Com fidelidade e perseverança

Porque a doação recíproca no amor conjugal é definitiva, esta exigirá também uma definitiva indissolubilidade e fidelidade (cf. *FC* 13). Contudo, não é de esperar que se consume de imediato no homem toda uma doação e entrega à vocação familiar, mas deve ser algo crescente e edificante, de modo a que seja vivido cada vez com maior solidez e afecto.

Não basta, portanto, começar o caminho proposto por Deus, mas é necessário perseverar nele até ao fim. Deste modo, o *sim* dado ao chamamento de Deus e ao cônjuge na celebração matrimonial deverá ser constantemente renovado, de modo a que esse *sim* seja cada vez mais verdadeiro e sentido. Por isso, a resposta dada não é estagnada e completa, mas cada vez mais convicta, de modo a intensificar-se ao longo da vida.

Contudo João Paulo II teve plena consciência de que o caminho que cada um é chamado a percorrer não é tarefa fácil, mas antes repleto de desafios, dificuldades e até perseguições. Para tal, centrou-se no exemplo de Jesus e os Apóstolos:

*“Jesus não preparava os seus apóstolos para sucessos fáceis. Falava claramente, falava das perseguições que esperavam os Seus confessores. Ao mesmo tempo, construía a certeza da fé. Ao Pai aprouve dar o Reino àqueles doze homens da Galileia, e, por intermédio deles, a toda a humanidade. Punha-os de sobreaviso quanto ao facto de, sobre o caminho da missão, para a qual os dirigia, os esperarem contrariedades e perseguições, porque Ele próprio era perseguido.”*²¹⁶

De facto, o Evangelho não é a promessa de sucessos fáceis, nem tampouco promete uma vida cómoda. Exige fidelidade e perseverança. Contudo, ao mesmo tempo, revela uma grande promessa: a promessa da vida eterna para quem perseverar até ao fim, a promessa da vitória mediante a fé.

Por isso, a exemplo dos apóstolos, também a família deverá ser fiel e perseverante nas provações. Ela irá descobrir dentro de si mesma ‘zonas de sombra’ que deverão ser evangelizadas, e resistências que hão-de ser vencidas²¹⁷.

²¹⁶ JOÃO PAULO II, PAPA – *Atravessar o limiar da esperança*, 99.

²¹⁷ Cf. J. FLECHA – *A Família, lugar de evangelização*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2007, 73.

À medida em que a estabilidade e o aprofundamento do amor familiar forem aumentando, irão também aumentando as adversidades e as dificuldades do dia-a-dia, pelo que a exigência será cada vez maior. E porque vive neste mundo sob diversas pressões, a família nem sempre é capaz de se manter imune ao obscurecimento dos valores fundamentais, nem conservar uma consciência crítica da cultura familiar hodierna, perdendo assim um papel activo na construção de um humanismo familiar autêntico (cf. *FC* 7).

Colocando as suas alegrias e tristezas, venturas e sofrimentos do dia-a-dia nas mãos de Deus, a família é chamada a depositar toda a sua Fé e Esperança n'Ele.

*“Foi o próprio Deus que vos uniu! Foi Ele que quis e abençoou o vosso amor! É Ele que pode e quer amar em vós e através de vós! O amor, se for abandonado só à fragilidade das forças humanas, não resiste às dificuldades; mas, se estiver radicado em Deus, sabe permanecer fiel e temperar-se na prova.”*²¹⁸

Deus cumula cada homem com os dons e as graças necessários para ‘*combater o bom combate*’. Tais dons e graças são, de modo especial, concedidos por meio dos sacramentos administrados pela Igreja, a fim de que, *revestidos de Cristo* (cf. *Gl* 3,27), os homens possam ser capazes de enfrentar os desafios do dia-a-dia.

É reconfortante saber que Deus não abandona nenhum dos seus filhos nem permitirá que qualquer deles seja tentado acima das suas forças. Antes, chamando-os a ser perseverantes até ao fim, Deus não os abandonará, pois lhes dará a graça necessária para se irem enraizando na fé e no amor, de modo a resistirem aos ataques do demónio (cf. *FC* 19-20). A família poderá contar sempre com a ajuda de Deus, pois, mesmo que tenha sido infiel e se tenha afastado de Deus, Ele permanecerá sempre fiel (cf. *2Tm* 2,13).

*“Os esposos devem estar certos que Deus não deixará de lhes conceder aquelas graças que são próprias do sacramento do matrimónio, e ainda mais necessárias nas dificuldades actuais. Nelas os esposos encontrarão a luz e a força para resolver os seus problemas pessoais; com elas saberão viver uma caridade verdadeiramente plena e universal; a caridade para com Deus em primeiro lugar, de quem devem desejar a glória e a dilatação do Reino; a caridade para com os filhos em segundo lugar, à luz do princípio paulino que «a caridade... não procura o próprio interesse» (1Cor 13,5); a caridade recíproca, por fim, pelo que cada um procura o bem do outro e lhe prevê os bons desejos, sem impor arbitrariamente a própria vontade. Isto mostra como a espiritualidade matrimonial requer um coerente empenho moral e um longo caminho para a santificação, que se nutre das alegrias e dos sacrifícios de cada dia.”*²¹⁹

²¹⁸ JOÃO PAULO II, PAPA – Discurso aos casais na catedral de Taranto [28/10/1989] §2.

²¹⁹ JOÃO PAULO II, PAPA – Discurso aos bispos Italianos da Emília Romanha [2/5/1986] §3.

A família tem, na verdade, uma função primordial na edificação do Reino de Deus, tendo cada um sido escolhido e dotado com os dons necessários para o cumprimento da sua missão específica. E para que os esposos possam levar a cabo esta missão, deverão aprender a reconhecer o *para sempre* (indissolubilidade) e a exclusividade (fidelidade) do amor, estando abertos a acolher uma nova vida (fecundidade). De facto, porque chamados a desejar a definitividade do seu amor como um dever, juram amar-se até que a morte os separe. E tendo os olhos postos no amor sempre fiel de Deus, Ele que é exemplo e modelo das relações do amor fiel que deve existir entre os esposos (cf. *FC 12*), estes serão capazes de responder pronta e fielmente ao convite feito por Deus a cada um deles através do outro amante²²⁰.

Também os filhos, estando envolvidos nesse mesmo amor, se transformam em sinal visível e crescente do amor dos esposos, radicado no amor de Deus. Esta espiritualidade matrimonial requer um coerente empenho moral e um longo caminho para a santificação, que se nutre das alegrias e dos sacrifícios de cada dia²²¹, exigindo também uma pronta e generosa disponibilidade à compreensão, à tolerância, ao perdão e à reconciliação (cf. *FC 21*).

Neste sentido, João Paulo II recordou constantemente aos jovens casais que “*não existe pleno amor se não for acompanhado pela fidelidade, pelo acordo, pela generosidade e pela paciência*”²²². Somente numa plena comunhão das mentes e dos corações²²³ os casais poderão contemplar como é verdadeiramente belo viverem juntos, juntamente com os filhos, e, transformando a sua vida num sacramento, tornar-se sinal evidente do amor recíproco e total entre Cristo e a Igreja²²⁴.

3.2. Numa relação de Amor

O amor deve ocupar o centro da vida familiar, pois, sendo esta constituída como íntima comunidade de vida e de amor, é sua missão guardar, revelar e comunicar o amor (cf. *FC 17*). Através de um autêntico amor recíproco, cada um dos esposos deve empenhar-se com todo o seu ser em ajudar o outro²²⁵.

²²⁰ Cf. A. SCOLA – “Il mistero divino dell’amore nell’insegnamento di Giovanni Paolo II”. *Amore umano* 1 (2007), 27

²²¹ Cf. JOÃO PAULO II, PAPA – Discurso aos bispos Italianos da Emília Romanha [2/5/1986].

²²² JOÃO PAULO II, PAPA – Alocução da Audiência Geral de quarta-feira [12/9/1979]. *L’Osservatore Romano*. Ed. Portuguesa. 10:37 (1979).

²²³ Cf. JOÃO PAULO II, PAPA – Homilia em Nairobi [18/8/1985]. *L’Osservatore Romano*. Ed. Portuguesa. 16:36 (1985).

²²⁴ Cf. JOÃO PAULO II, PAPA – Alocução da Audiência Geral de quarta-feira [12/9/1979].

²²⁵ Cf. JOÃO PAULO II, PAPA – Discurso aos bispos Italianos da Emília Romanha [2/5/1986] §3.

De facto, a vida matrimonial exige que os esposos façam constantes e generosos esforços para aprofundarem a sua comunhão conjugal e assim viverem uma íntima unidade de vida e amor²²⁶, pois a família somente estará em comunhão quando os esposos estiverem em comunhão.

Este vínculo deve ser alimentado e fortalecido na constante relação de amor, não só entre os esposos, mas também entre os esposos e Deus. Consequentemente, esta relação alastrar-se-á à família e a toda a sociedade que os envolve.

Contudo, a forma de se relacionarem não deverá ser igual para com todos, mas deverá haver um certo grau de intimidade e profundidade com cada pessoa ou família.

Se a relação afectiva e caritativa se destaca pela sua universalidade, e não apenas pela relação entre os esposos e os familiares mais próximos, já a relação sexuada é própria dos esposos, que se entregam um ao outro nos seus corpos.

Por fim, a relação transcendente entre si remete os esposos para uma relação com Deus, não de forma isolada, mas ao mesmo tempo, relacionando-a também com a família e a sociedade. Ao abrirem os seus corações a Deus, permitindo que Deus esteja presente e faça parte das suas vidas, imediatamente isso transparecerá na sua relação com a família e com toda a sociedade.

a. Relação afectiva e caritativa

João Paulo II salientou, de modo especial na *Familiaris consortio*, o mandamento do amor que deve ser o sustento e ânimo de toda e qualquer família. Esta, de facto, é chamada ao acolhimento, ao respeito e ao serviço para com todos os homens, considerados na sua dignidade de pessoas e de filhos de Deus.

Tal deverá verificar-se em primeiro lugar no seio da relação sponsal e familiar, através de um empenho quotidiano na promoção de uma autêntica comunidade de pessoas, fundada e alimentada por uma íntima comunhão de amor (cf. *FC* 64).

Do mesmo modo, deve também ampliar-se a toda a comunidade eclesial, dentro da qual a família cristã está inserida, bem como a todos os homens, porque todos somos irmãos, dando uma particular atenção aos pobres, fracos, sofredores e injustiçados, pois neles, de modo especial, a caridade encontra o rosto de Cristo e um irmão a amar e a servir. Como tal,

²²⁶ Cf. JOÃO PAULO II, PAPA – Homilia em Nairobi [18/8/1985].

ao edificar a Igreja pela caridade, a família cristã estará a colocar-se também ao serviço dos homens e do mundo (cf. *FC* 64).

Porque fundada e vivificada pelo amor, a família tem como principal tarefa viver fielmente a realidade da comunhão num constante empenho por fazer crescer uma autêntica comunidade de pessoas (cf. *FC* 18). Por isso, não será de estranhar que João Paulo II tenha afirmado com tanta insistência:

“O homem não pode viver sem amor. Ele permanece para si próprio um ser incompreensível e a sua vida é destituída de sentido, se não lhe for revelado o amor, se ele não se encontra com o amor, se o não experimenta e se o não torna algo seu próprio, se nele não participa vivamente.” (RH 10)

Por isso, o amor entre os esposos e entre os membros da mesma família deve ser animado e impelido por um dinamismo interior e incessante, de modo a conduzi-los a uma comunhão sempre mais profunda e intensa (cf. *FC* 18). De facto, sendo o amor recíproco fundamento e alma da *comunidade* conjugal e familiar, dele depende o futuro de cada núcleo familiar, visto o amor ser a verdadeira fonte da unidade e da força da família (cf. *CF* 20).

Porque é comunhão e comunidade de pessoas, a família encontra no amor a fonte e o estímulo incessante para acolher, respeitar e promover cada um dos seus membros na altíssima dignidade de pessoas, isto é, de imagens vivas de Deus, cuja plenitude somente pode ser alcançada mediante a doação sincera de si mesmas (cf. *FC* 22). Assim, cada membro da família encontrará no amor recíproco a compreensão e a realização do papel que é chamado a desempenhar.

Os esposos deverão ser verdadeiros amigos, respeitando-se e amando-se mutuamente nas suas diferenças. Estas, por seu lado, deverão levar a uma unidade muito maior entre os esposos e no seio da própria família.

É, contudo, de salientar a situação delicada das crianças, cujas dignidade, respeito e direitos devem ser preservados, tanto mais quanto mais pequena e desprovida, doente, sofredora ou diminuída for a criança (cf. *FC* 26).

Do mesmo modo, também os anciãos devem tomar parte activa e responsável no seio familiar (onde não podem ser excluídos ou tidos como um peso inútil), e devem respeitar a autonomia da nova família (cf. *FC* 27).

Parte integrante desta relação caritativa é a educação, elemento fundamental para a construção da comunhão, e muito salientado por João Paulo II. Deve existir intercâmbio educativo entre os próprios esposos, pais e filhos, avós e netos e também entre a família e a sociedade onde estão inseridos, no qual cada um deles dá e recebe, ensina e aprende.

“Todos os membros da família, cada um segundo o dom que lhe é peculiar, possuem a graça e a responsabilidade de construir, dia após dia, a comunhão de pessoas, fazendo da família uma ‘escola de humanismo mais completo e mais rico’: é o que vemos surgir com o cuidado e o amor para com os mais pequenos, os doentes e os anciãos; com o serviço recíproco de todos os dias; com a co-participação nos bens, nas alegrias e nos sofrimentos.” (FC 21)

De facto, o intercâmbio educativo engloba toda a família, ainda que o dever de educar tenha as suas raízes na vocação primordial dos esposos para a participação na obra criadora de Deus. Gerando um filho no e por amor, os pais assumem o dever de o ajudar a viver uma vida plenamente humana. Como tal, o papel educativo dos pais, fruto do amor pelos filhos, deve ser assumido como *essencial, original, primário, insubstituível e inalienável*. E assim, enraizados no amor, sobressairão a docilidade, a constância, a bondade, o serviço, o desinteresse e o espírito de sacrifício, que são os frutos mais preciosos do amor (cf. FC 36).

“Mediante o amor, o respeito e a obediência aos pais, os filhos dão o seu contributo específico e insubstituível para a edificação de uma família autenticamente humana e cristã. Isso ser-lhes-á facilitado se os pais exercerem a sua autoridade irrenunciável como um ‘ministério’ verdadeiro e pessoal, ou seja, como um serviço ordenado ao bem humano e cristão dos filhos, ordenado particularmente a proporcionar-lhes uma liberdade verdadeiramente responsável; e se os pais mantiverem viva a consciência do ‘dom’ que recebem continuamente dos filhos.” (FC 21)

Os pais cristãos devem propor aos filhos os conteúdos necessários para o amadurecimento gradual das suas personalidades sob os pontos de vista cristão e eclesial (cf. FC 39). Como tal, e porque os pais devem educar os filhos para o amor como dom de si, devem também oferecer-lhes uma clara e delicada *educação sexual* e, conseqüentemente, *educá-los para a castidade* (cf. FC 37).

Compete à família formar os homens no amor e educá-los a agir com amor em todas as relações humanas, de modo que o amor se abra a toda a comunidade, permeado do sentido de justiça, de responsabilidade e de respeito para com os demais²²⁷.

Também a relação intergeracional deve ser fomentada, já que aos anciãos é dada a particular missão de testemunhar o passado e de transmitir sabedoria para os jovens e para o futuro (cf. FC 27). Em inúmeras famílias são os avós quem transmite os primeiros rudimentos da fé aos netos. Do mesmo modo, muitas são as famílias que encontram nos seus anciãos a compreensão e o conforto, enchendo-as de coragem através do conselho bondoso, da oração silenciosa e do testemunho do sofrimento, acolhido com paciente abandono (cf. CA 13).

²²⁷ Cf. JOÃO PAULO II, PAPA – Mensagem da V Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos às Famílias cristãs no mundo contemporâneo [25/10/1980]. *L’Osservatore Romano*. Ed. Portuguesa. 11:44 (1980) §12.

“Os anciãos ajudam a contemplar os acontecimentos terrenos com mais sabedoria, porque as vicissitudes os tornaram mais experimentados e amadurecidos. [...] Os anciãos, graças à sua experiência amadurecida, são capazes de propôr aos jovens conselhos e ensinamentos preciosos.” (CA, 10)

Reconhecendo o precioso valor dos anciãos no seio familiar e social, estes devem ser tratados com respeito e amor, de modo a que continuem a sentir-se parte viva e integrante da sociedade (cf. CA, 12).

b. Relação sexuada

Durante muitos séculos, a questão do prazer associado ao exercício da sexualidade foi um tema mal resolvido no seio da Igreja e transmitiu algum pessimismo relativamente ao valor moral do acto sexual²²⁸.

Foi finalmente João Paulo II quem colocou, sem quaisquer receios, no centro da sua reflexão e do seu magistério, o fenómeno erótico como tal, a fim de analisar todas as suas implicações²²⁹, procurando salientar que a sexualidade não significa aquilo que duas pessoas fazem, mas aquilo que duas pessoas são.

Destacou que o instinto sexual é um dom de Deus, e que este dom, além de poder ser oferecido pelo homem de modo exclusivo a Deus, como já verificámos, através de um voto de castidade, pode também ser oferecido, como dom de amor, e não como acto fortuito, ao seu cônjuge.

Passam então a estar em causa dois seres humanos que não devem sofrer, mas que se devem amar, desejar a felicidade do outro e oferecer-se a si mesmos pelo bem do outro. Portanto, o amor e o desejo não devem ser vistos como duas realidades separadas, mas como complemento mútuo, pois se se respeitar o desejo no amor, não se violará o amor²³⁰.

A pessoa não dá qualquer coisa que pertença ao regime do ter, uma propriedade sua ou qualidade, mas dá-se a si própria, enquanto se dá na totalidade do corpo. E porque o corpo é expressão da pessoa, a actividade sexual pode ser entendida como uma linguagem interior e pessoal²³¹. Por isso, a celebração do sacramento do matrimónio terá o seu total cumprimento

²²⁸ Basta recordar que os Padres da Igreja do século IV viam o casamento como uma concessão à fraqueza da carne. Cf. Y. SEMEN – *A Sexualidade segundo João Paulo II*, 19.

²²⁹ Cf. A. SCOLA – “Il mistero divino dell’amore nell’insegnamento di Giovanni Paolo II”. *Amore umano* 1 (2007), 25-27.

²³⁰ Cf. Y. SEMEN – *A Sexualidade segundo João Paulo II*, 28.

²³¹ Cf. J. NORIEGA – “La vocacione al dono di sé”. *Amore umano* 1 (2007), 201.

no acto sexual, acto que é próprio e exclusivo dos esposos, pela linguagem dos corpos, expressão da totalidade do sacramento e plena doação recíproca dos esposos²³².

O corpo humano tem, de facto, um significado esponsal, pelo que não foi feito apenas para a procriação, mas deve ser celebrado, amado e respeitado²³³. O corpo humano, com o seu sexo e pelo seu sexo, é feito para a comunhão dos cônjuges, comunhão essa que deve ser total e verdadeira²³⁴, senão, em vez de conduzir os esposos à comunhão mútua e com Deus, a simples união dos corpos poderia fazê-los afastarem-se um do outro, e também do próprio Deus²³⁵.

“A sexualidade, mediante a qual o homem e a mulher se doam um ao outro com os actos próprios e exclusivos dos esposos, não é em absoluto algo puramente biológico, mas diz respeito ao núcleo íntimo da pessoa humana como tal. Esta realiza-se de maneira verdadeiramente humana, somente se é parte integral do amor com o qual homem e mulher se empenham totalmente um para com o outro até à morte. A doação física total seria falsa se não fosse sinal e fruto da doação pessoal total, na qual toda a pessoa, mesmo na sua dimensão temporal, está presente.” (FC 11)

Como tal, o acto sexual requer que cada um dos esposos tenha em conta o outro, a sua sensibilidade específica e o seu ritmo próprio na progressão para o prazer. Ou seja, cada um deve estar mais atento ao outro do que a si mesmo e deve fazer prova de uma autêntica atitude altruísta na gestão do acto sexual²³⁶. Para tal deve haver equilíbrio e respeito da vontade um do outro, através de harmonia de mentalidade e comportamento, sendo necessário cultivarem um para com o outro as virtudes da paciência, simpatia e tempo (cf. FC 34).

O acto sexual não diz respeito apenas ao amor conjugal, ainda que este seja o mais importante, mas está também ligado à sua potencial fecundidade. Na verdade, porque a fecundidade deve ser fruto desse amor, a ligação entre a união sexual conjugal e a fertilidade não é um mero dado natural, mas é dotada de um intrínseco significado²³⁷.

“Toda a vida no matrimónio é dom; mas isso torna-se singularmente evidente quando os esposos, oferecendo-se reciprocamente no amor, realizam aquele encontro que faz dos dois uma só carne. Eles vivem, então, um momento de especial responsabilidade, também em razão da potencialidade procriadora conexas com o acto conjugal. Os esposos podem, naquele momento, tornar-se pai e mãe, dando início ao processo de uma nova vida humana, que depois se desenvolverá no seio da mulher.” (CF 12)

²³² Cf. Y. SEMEN – *A Sexualidade segundo João Paulo II*, 98.

²³³ Cf. Y. SEMEN – *A Sexualidade segundo João Paulo II*, 21.

²³⁴ Cf. Y. SEMEN – *A Sexualidade segundo João Paulo II*, 72-73.

²³⁵ Cf. Y. SEMEN – *A Sexualidade segundo João Paulo II*, 132.

²³⁶ Cf. Y. SEMEN – *A Sexualidade segundo João Paulo II*, 131-132.

²³⁷ C. CAFFARRA – “La verità e fecondità del dono”. *Amore umano* 1 (2007), 192.

Quando a união sexual conjugal é potencialmente fecunda, esta não perde a sua íntima verdade e bondade, que consiste no ser dom recíproco de si mesmos por parte dos cônjuges. Por isso, nem a fecundidade pode ser ignorada, nem tampouco qualquer dos dois pode ser ‘usado’ em vista da fecundidade²³⁸.

Do mesmo modo, porque a ditadura do desejo priva o filho da sua dignidade de pessoa, já que a lógica do desejo destrói a lógica do dom²³⁹, o filho deve ser fruto do amor e não do simples prazer. E assim o matrimónio será capaz de se realizar plenamente como família. Daí que se compreende que o acto sexual não pode ser privado do seu pleno e justo sentido mediante intervenções artificiais nem por acções que ponham em causa essa fecundidade²⁴⁰.

Os esposos, recorrendo à contracepção, “*comportam-se como ‘árbitros’ do plano divino e manipulam e aviltam a sexualidade humana, e com ela a própria pessoa e a do cônjuge, alterando desse modo o valor da doação total*” (FC 32), pois a contracepção separa os significados unitivo e procriativo do acto sexual. Contudo, quando recorrem aos períodos de infecundidade, agem como ministros do plano de Deus e tiram verdadeiro usufruto da sexualidade, sem manipulações nem alterações (cf. FC 32).

c. Relação transcendente

Consciente de que não basta o amor entre os esposos, mas que é necessário que a relação entre eles e com os outros seja aberta a Deus, João Paulo II insistiu, ao longo de toda a vida, na necessidade dos esposos se dedicarem com afinco à relação transcendente. Ou seja, Deus deve ser parte fundamental da vida dos esposos, ou, melhor ainda, o fundamento de toda a família.

Sendo a família chamada a realizar a sua vocação cristã de baptizados em Igreja, tal implicará uma constante luta espiritual, de modo que, para sair vencedora, necessita de ser fortalecida pelo Senhor, pelo vigor do seu poder²⁴¹, alcançado mediante uma atitude de humildade, de espírito orante e de plena confiança no amor de Deus.

²³⁸ C. CAFFARRA – “La verità e fecondità del dono”. *Amore umano* 1 (2007), 192.

²³⁹ C. CAFFARRA – “La verità e fecondità del dono”. *Amore umano* 1 (2007), 192.

²⁴⁰ Cf. Y. SEMEN – *A Sexualidade segundo João Paulo II*, 126.

²⁴¹ Cf. JOÃO PAULO II, PAPA – Alocução da Audiência Geral de quarta-feira [4/8/1982]. *L’Osservatore Romano*. Ed. Portuguesa. 13:32 (1982).

Por isso, consciente da necessidade que os esposos têm de estar unidos a Deus para permanecerem fiéis nas dificuldades do dia-a-dia e para animarem toda a família, João Paulo II recomendou-lhes que vivam a sua união num clima de fé e humildade²⁴².

*“O amor cristão não é só fruto do próprio querer ou do próprio sentir, mas é também e sobretudo efeito da vida de graça, que opera na existência dos esposos. Eles, como cristãos, amam-se, sim, com o coração humano, mas ao mesmo tempo, desejaria dizer, amam-se também com o coração de Cristo e no coração de Cristo.”*²⁴³

Os esposos juram ser fiéis e amar-se e honrar-se reciprocamente, tanto na prosperidade como na provação, por toda a sua vida. Contudo, tal só é possível na dimensão do ‘*belo amor*’, que se aprende, sobretudo, rezando. É por meio da oração, que comporta sempre uma espécie de *interior ocultação com Cristo em Deus* (cf. *Col 3,3*), que a família se abre à acção do Espírito Santo, fonte do belo amor, de modo a que possa derramar o Seu amor no coração dos esposos, dispostos a ouvirem e a conservarem a palavra de Deus, a exemplo da Sagrada Família (cf. *CF 20*).

Os esposos são então chamados a reconhecer a finalidade transcendente do seu amor. A sua total doação recíproca deve levar à abertura ao Espírito, que se dá aos esposos como fonte e vértice do seu amor mútuo.

O amor dos esposos é fruto do Espírito, que age no coração dos crentes (cf. *FC 63*) e só acolhendo e correspondendo a esse dom do Espírito os esposos serão capazes de viver a sexualidade humana segundo o plano de Deus e como sinal do amor unitivo e fecundo de Cristo pela Igreja (cf. *FC 33*).

Enquanto espírito encarnado, o homem é chamado ao amor na sua totalidade unificada – alma e corpo. Ainda que o amor se radique nos laços naturais da carne e do sangue, deve desenvolver-se e encontrar o seu aperfeiçoamento na instauração e maturação dos laços ainda mais profundos e ricos do espírito (cf. *FC 21*).

Abrindo-se ao Espírito, este transforma o amor conjugal no próprio amor de Deus, levando-os a amar-se um ao outro, não somente em seu nome, mas no nome de Cristo. Por isso, a recepção do sacramento e a participação no seu mistério de comunhão trinitária, na fé em Cristo, tornam o casal como ‘*Igreja doméstica*’²⁴⁴.

“O Espírito Santo, que se infunde na celebração dos sacramentos, é a raiz viva e o alimento inexaurível da comunhão sobrenatural que estreita e vincula os crentes com Cristo, na

²⁴² Cf. JOÃO PAULO II, PAPA – Discurso aos casais na catedral de Taranto [28/10/1989] §2.

²⁴³ JOÃO PAULO II, PAPA – Discurso aos casais na catedral de Taranto [28/10/1989] §2.

²⁴⁴ Cf. M. OUELLET – “La ‘communio personarum’ nella famiglia e nella chiesa: Familiaris Consortio”. *Amore umano* 1 (2007), 44-47.

unidade da Igreja de Deus. Uma revelação e actuação específica da comunhão eclesial é constituída pela família cristã que também, por isto, se pode e deve chamar 'Igreja doméstica'." (FC 21)

Transformando o seu lar numa *Igreja doméstica*, a família deve fomentar a oração familiar, oração que deve ser *feita em comum*, onde o marido e a mulher, bem como os pais e os filhos, rezam juntos. Comunhão que é fruto e exigência da comunhão dada pelos sacramentos do baptismo e do matrimónio (cf. FC 59).

A família, tornando-se então sinal da intervenção do amor de Deus, abandona-se confiantemente nas mãos do Pai comum que está nos céus, e assim, a dignidade e a responsabilidade da família serão vividas com a ajuda incessante de Deus, que não faltará, se implorada com humildade e confiança na oração (cf. FC 59).

Por isso, é obrigação dos pais educar os filhos para a oração e introduzi-los na descoberta progressiva do mistério de Deus e no diálogo pessoal com Ele. Contudo, é fundamental que os próprios pais dêem um testemunho vivo, pois só rezando em conjunto com os filhos, o pai e a mãe entrarão na profundidade do coração destes, deixando marcas profundas e indeléveis (cf. FC 60).

A oração da *Igreja doméstica* tem como finalidade a introdução natural à oração litúrgica própria da Igreja, principalmente da Eucaristia e dos outros sacramentos, e de modo especial nos da iniciação cristã dos filhos (cf. CF 61).

A família cristã deve também cultivar a oração privada, não só através de orações e devoções concretas, mas também através da leitura e da meditação da Palavra de Deus, da preparação para a recepção dos sacramentos, da bênção da mesa, bem como das práticas de piedade popular (cf. FC 61).

A autêntica devoção mariana é instrumento privilegiado para fomentar a comunhão de amor na família, bem como para desenvolver a espiritualidade conjugal e familiar, visto Maria ser a Mãe das famílias cristãs (cf. FC 61).

A oração é parte essencial da vida cristã e pertence à nossa humanidade e, como tal, ajuda a família cristã a assumir e a cumprir em plenitude as suas responsabilidades na sociedade humana. Por isso, a participação na vida e na missão da Igreja no mundo torna-se proporcional à fidelidade e à intensidade da oração com que a família cristã se une a Cristo (cf. FC 62).

A família encontra na Igreja, que é Mestra e Mãe, a orientação necessária para o recto discernimento dos valores morais, bem como a proximidade e o devido encorajamento para que as eventuais dificuldades conjugais e familiares sejam resolvidas com caridade e sem nunca falsificarem ou comprometerem a verdade (cf. FC 33).

Por seu lado, é missão da Igreja ajudar a família “*a acolher na fé a Palavra de Deus, a celebrá-la e a professá-la nos sacramentos e na oração, e, por fim, a manifestá-la na vida concreta segundo o dom e o mandamento novo do amor*” (FC 63).

3.3. Frutuosa

Visto ser dentro do seu casamento e não contra ele, ou apesar dele, que os esposos são chamados à santidade, do mesmo modo é também pelo seu matrimónio que os esposos são chamados a uma fecundidade não apenas física, mas também espiritual, apostólica, caritativa ou social²⁴⁵.

“A vocação à santidade anda intimamente ligada à missão e à responsabilidade confiadas aos fiéis leigos na Igreja e no mundo. Com efeito, a própria santidade já vivida, que deriva da participação na vida de santidade da Igreja, representa o primeiro e fundamental contributo para a edificação da própria Igreja, como Comunhão dos Santos.” (CL 17)

João Paulo II também salientou na *Familiaris consortio* que a família é chamada a descobrir no plano de Deus “*não só a sua identidade, o que ‘é’, mas também a sua missão, o que pode e deve ‘fazer’*” (FC 17), pois cada família é chamada a encontrar e a descobrir em si mesma “*o apelo inextinguível, que ao mesmo tempo define a sua dignidade e a sua responsabilidade: família, ‘torna-te aquilo que és!’*” (FC 17).

A família deverá então tornar-se cada vez mais aquilo que é, ou seja, comunidade de vida e de amor. Cada dever particular da família deve ser a expressão e a actuação concreta de tal missão de vida e de amor. Contudo, perante o crescente cepticismo em todo o mundo, João Paulo II acabaria por acrescentar posteriormente: “*Família, crê naquilo que és!*”²⁴⁶.

Será então necessário penetrarmos mais profundamente na riqueza singular da missão da família. Partindo do amor e em permanente referência a ele, sobressaem quatro deveres gerais da família: a formação de uma comunidade de pessoas, o serviço à vida, a participação no desenvolvimento da sociedade e a participação na vida e na missão da Igreja.

Os dois primeiros deveres da família estão directamente ligados com o seio familiar, estando direccionados em grande parte para o interior da família. Os restantes dois levam a uma abertura para o exterior de si e da família.

²⁴⁵ Cf. Y. SEMEN – *A Sexualidade segundo João Paulo II*, 91

²⁴⁶ JOÃO PAULO II, PAPA – Discurso durante o Encontro com as famílias [22/10/2001]. *L’Osservatore Romano*. Ed. Portuguesa. 32:3 (2001).

a. Na família

A *Familiaris consortio* apresentou a missão da família, não somente como uma comunhão de pessoas, uma experiência de amor, mas também como uma missão de amor, em que o amor humano se torna sacramento do amor divino²⁴⁷. Por isso, sendo os deveres da família definidos pelo amor, “*é-lhe confiada a missão de guardar, revelar e comunicar o amor, qual reflexo vivo e participação real do amor de Deus pela humanidade e do amor de Cristo pela Igreja, sua esposa*” (FC 17).

Deste modo, fortalecidos pelos sacramentos, procuram cumprir as missões conjugal e familiar a que foram chamados, e assim avançar sempre mais na própria perfeição e mútua santificação, cooperando juntos para a glorificação de Deus (cf. GS 48).

“Segundo o desígnio de Deus, o matrimónio é o fundamento da mais ampla comunidade da família, pois que o próprio instituto do matrimónio e o amor conjugal se ordenam à procriação e educação da prole, na qual encontram a sua coroação. Na sua realidade mais profunda, o amor é essencialmente dom e o amor conjugal, enquanto conduz os esposos ao ‘conhecimento’ recíproco que os torna ‘uma só carne’, não se esgota no interior do próprio casal, já que os habilita para a máxima doação possível, pela qual se tornam cooperadores com Deus no dom da vida a uma nova pessoa humana. Deste modo, os esposos, enquanto se doam entre si, doam para além de si mesmos a realidade do filho, reflexo vivo do seu amor, sinal permanente da unidade conjugal e síntese viva e indissociável do ser pai e mãe.” (FC 14)

João Paulo II distinguiu na doação plena dos esposos um novo fruto. Nesse dom recíproco de si, Deus cria um novo dom, o dom do Filho, inaugurando-se assim a vida familiar, na qual cada um dos membros deve ser acolhido por si mesmo²⁴⁸. Por isso, só se pode dar uma plena e autêntica doação de si quando se está aberto aos filhos.

Urge voltar a considerar a família como o *santuário da vida*, combatendo a actualmente denominada ‘*cultura de morte*’, pois a família é sagrada e constitui a sede da ‘*cultura da vida*’ (cf. CA 39).

Estando também a Igreja do lado da vida, deve unir esforços na luta contra o aborto, a esterilização e os meios contraceptivos mecânicos ou químicos, bem como todos os actos cujo objectivo seja impedir artificialmente que o acto conjugal possa dar lugar a uma nova vida e travar o processo natural de geração²⁴⁹.

²⁴⁷ M. OUELLET – “La ‘communio personarum’ nella famiglia e nella chiesa: Familiaris Consortio”. *Amore umano* 1 (2007), 43.

²⁴⁸ Cf. J. NORIEGA – “La vocacione al dono di sé”. *Amore umano* 1 (2007), 197-198.

²⁴⁹ Cf. Y. SEMEN – *A Sexualidade segundo João Paulo II*, 127

São, no entanto, reconhecidos como lícitos os métodos naturais de regulação dos nascimentos, fundados na observação dos ritmos de fertilidade.

Na verdade, já a *Humanae Vitae* havia apresentado, como norma ética do acto conjugal, a não-dissociação dos dois significados do acto conjugal: a união dos esposos e a procriação. Tal não significa que seja forçoso existir a possibilidade de procriação para tornar legítimo o acto sexual, mas proíbe que se dissocie voluntária e artificialmente a união da procriação, pois, caso contrário, é posta em causa não só a veracidade do acto conjugal mas também o amor aí presente²⁵⁰.

“Esta totalidade, pedida pelo amor conjugal, corresponde também às exigências de uma fecundidade responsável, que, orientada como está para a geração de um ser humano, supera, por sua própria natureza, a ordem puramente biológica, e abarca um conjunto de valores pessoais, para cujo crescimento harmonioso é necessário o estável e concorde contributo dos pais.” (FC 11)

Devendo o amor conjugal exprimir-se de forma fecunda num serviço à vida, João Paulo II salientou não só a geração, mas também a educação como fundamental para esse serviço.

“A fecundidade do amor conjugal não se restringe somente à procriação dos filhos, mesmo que entendida na dimensão especificamente humana: alarga-se e enriquece-se com todos aqueles frutos da vida moral, espiritual e sobrenatural que o pai e a mãe são chamados a doar aos filhos e, através dos filhos, à Igreja e ao mundo.” (FC28)

Tornando-se pais, os esposos recebem de Deus a responsabilidade de educar os filhos, através de uma catequese e uma educação progressiva, sobretudo na prática religiosa (cf. FC 38), assim como de serem para eles sinal visível do próprio amor de Deus (cf. FC 14). Para tal, deverão primar por preceder sempre com o exemplo e a oração familiar. E assim edificados, não só os filhos, mas também todos os que vivem nesse círculo familiar, *“encontrarão mais facilmente o caminho da existência humana, da salvação e da santidade”* (GS 48).

Acolhendo o Evangelho, a família torna-se também ela mesma evangelizadora, apóstola e guia. Tal apostolado da família concretiza-se não só no seio da própria família, mas também no meio das outras. E assim, semeando e cultivando os valores do Evangelho, a família estará a cumprir o desígnio de Deus e a contribuir para o desenvolvimento de toda a sociedade.

²⁵⁰ Cf. Y. SEMEN – *A Sexualidade segundo João Paulo II*, 126. Contudo, quando a procriação não é possível, a vida conjugal não perde o seu valor, pois a esterilidade física pode ser para os esposos ocasião de outros serviços importantes à vida da pessoa humana. Cf. FC 14

Os pais de família devem ser, não só as primeiras testemunhas da fé, mas também os primeiros catequistas e educadores dos seus filhos no amor, pois, se não se aprende a amar e a rezar em família, dificilmente se poderá superar depois esse vazio. Os pais devem mostrar aos filhos o caminho do bem e acompanhá-los para que, nos momentos de dificuldade ou de crise, a sua firmeza na fé e o seu testemunho cristão sejam uma referência para eles, de modo a avivar a chama da sua fé e o amor que semearam nos seus corações²⁵¹. Por isso, João Paulo II afirmou num dos seus discursos:

*“Família cristã! Volta a ser de novo uma família que reza! Uma família que vive de fé! Uma família onde os pais são os primeiros catequistas dos seus filhos. Onde se pode encontrar o espírito de Deus que é o amor. Aprendei do Pai misericordioso a sempre perdoar-vos reciprocamente. Pais, aprendei também d’Ele a dar liberdade aos vossos filhos, e no entanto a estar sempre junto deles.”*²⁵²

É, de facto, no seio familiar, que o homem deve encontrar a ajuda necessária para o discernimento da própria vocação, de modo a assumir o empenho necessário para uma maior justiça, através da correcta sensibilização para as relações interpessoais, ricas em justiça e em amor (cf. *FC 2*).

“Aí encontram os esposos a sua vocação própria, de serem um para o outro e para os filhos as testemunhas da fé e do amor de Cristo. A família cristã proclama em alta voz as virtudes presentes do reino de Deus e a esperança na vida bem-aventurada. E deste modo, pelo exemplo e pelo testemunho, argui o mundo do pecado e ilumina aqueles que buscam a verdade.” (*LG 35*)

Os pais cristãos, através da manifestação de um amoroso cuidado, comunicam aos seus filhos uma relação com Deus sincera e vivida no amor, na fidelidade, na oração e na obediência (cf. *LG 35*; *AA 11*). Deste modo promovem a santidade dos filhos e tornam os seus corações dóceis à voz do Bom Pastor²⁵³.

Também os filhos são chamados a contribuir, a seu modo, para a santificação dos pais, através da correspondência com as suas gratidão, piedade filial e confiança, aos benefícios recebidos dos pais, e assistindo-os nas dificuldades e na solidão da velhice.

Por seu lado, também a viuvez deve ser corajosamente assumida e por todos respeitada, principalmente pelos filhos. Daí que, aquando da sua visita à Nigéria, João Paulo

²⁵¹ Cf. JOÃO PAULO II, PAPA – Homilia em Cali [4/7/1986]. *L’Osservatore Romano*. Ed. Portuguesa. 17:28 (1986) §4.

²⁵² JOÃO PAULO II, PAPA – Homilia em Viena [11/9/1983]. [Http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/homilies/1983/documents/hf_jp-ii_hom_19830911_chiusura-katholikentag_it.html](http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/homilies/1983/documents/hf_jp-ii_hom_19830911_chiusura-katholikentag_it.html) [31/10/2014].

²⁵³ JOÃO PAULO II, PAPA – Mensagem para a XXXI Jornada Mundial de Oração pelas Vocações [26/12/1993]. http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/messages/vocations/documents/hf_jp-ii_mes_26121993_world-day-for-vocations_it.html [31/10/2014] §1.

II tenha apelado às famílias: *“Pais, respeitai a personalidade singular dos vossos filhos. Filhos, prestai aos vossos pais obediente respeito. Todos os membros da família devem sentir-se amados, de modo particular os anciãos e os doentes.”*²⁵⁴

O varão é chamado a viver o seu dom e dever de esposo e pai dentro da comunhão-comunidade conjugal e familiar (cf. *FC 25*). Também a mulher, enquanto esposa e mãe, tem um papel primordial que deve ser situado no coração da família, visto ter uma função insubstituível que deve ser apreciada e reconhecida como tal, e que está unida à especificidade própria de ser mulher (cf. *MD 18*).

Através do amor dos esposos, das suas generosas fecundidade, unidade e fidelidade, bem como da amável cooperação de todos os seus membros, a família cristã, como pequena Igreja, corresponderá à sua vocação, tornando-se sinal da presença viva do Salvador no mundo e da autêntica natureza da Igreja (cf. *GS 48*). Deste modo estará a oferecer a todos os homens a possibilidade de se reencontrarem no amor filial e fraterno, de tal modo que também eles possam vir a construir um amor esposal e paterno²⁵⁵.

De facto, consciente da importância e dos frutos obtidos do exemplo familiar, João Paulo II salientou que *“o desejo da santidade aumenta com particular força quando encontra à sua volta o clima favorável de uma boa família. Como é importante o ambiente familiar! Os santos geram e formam santos.”*²⁵⁶

b. Na Sociedade

A família continua sendo a melhor escola de humanidade, onde se vivem as experiências mais significativas do amor gratuito, da fidelidade, do respeito recíproco e da defesa da vida. A sua missão consiste em guardar e transmitir virtudes e valores, de modo a edificar e promover o bem de cada um, de toda a família e da sociedade²⁵⁷.

O testemunho da vida familiar dado pelos esposos cristãos pode contribuir para o recto desenvolvimento e a compreensão da sociedade sobre o que é verdadeiramente a família, *“o seu ser e agir, enquanto comunidade íntima de vida e de amor”* (*FC 50*).

²⁵⁴ JOÃO PAULO II, PAPA – Discurso às Famílias da Nigéria, em Onitsha [13/2/1982]. *L'Osservatore Romano*. Ed. Portuguesa. 13:8 (1982) §2.

²⁵⁵ Cf. J. NORIEGA – “La vocacione al dono di sé”. *Amore umano* 1 (2007), 203.

²⁵⁶ JOÃO PAULO II, PAPA – *Levantai-vos! Vamos!*, 91.

²⁵⁷ Cf. JOÃO PAULO II, PAPA – Mensagem para a XXXI Jornada Mundial de Oração pelas Vocações [26/12/1993] §1.

Este será sempre um apostolado oportuno, visto que o bem-estar humano e cristão das pessoas e das famílias, assim como a paz e a prosperidade da sociedade, dependem em grande parte desta luz e fermento que os lares cristãos são chamados a ser no meio do mundo.

Na verdade, cumprindo a sua missão, estão a construir Igreja, não só dentro da sua própria família, como também fora, na sociedade²⁵⁸. De facto, através da sua experiência familiar de comunhão e de participação (cf. FC 43), bem como das suas virtudes, as famílias edificam e enriquecem a sociedade na medida em que “*mantêm e defendem a honestidade e a fidelidade, o perdão e a reconciliação, o dom de si e o espírito de sacrifício, a convivência e a paz, o respeito e o espírito de concórdia*”²⁵⁹.

É, contudo, necessário que a família cristã se transforme cada vez mais numa comunidade de amor, superando na fidelidade e na concórdia as inevitáveis provas que derivam das preocupações quotidianas²⁶⁰.

João Paulo II estava convicto de que o futuro do mundo passa pela família, visto esta se ter tornado a célula primeira e vital da sociedade (cf. FC 42), e tanto a família como a sociedade devem assumir a função de defender e promover o bem de todos os homens²⁶¹.

“O casal e a família constituem o primeiro espaço para o empenhamento social dos fiéis leigos. Trata-se de um empenho que só poderá ser desempenhado adequadamente na convicção do valor único e insubstituível da família para o progresso da sociedade e da própria Igreja. Berço da vida e do amor, onde o homem ‘nasce’ e ‘cresce’, a família é a célula fundamental da sociedade. Deve reservar-se a essa comunidade uma solicitude privilegiada.” (CL 40)

Longe de se fechar sobre si mesma, a família deve abrir-se para o meio social que a rodeia. Por seu lado, sendo a primeira e insubstituível escola de sociabilidade para os seus membros, deve ser assumida por toda a sociedade como o instrumento mais eficaz de humanização e de personalização da mesma. Como tal, a sociedade deve compreender que está ao serviço da família, e, portanto, deve proporcionar a todos aqueles que desejam fundar

²⁵⁸ Cf. JOÃO PAULO II, PAPA – Discurso à V assembleia plenária do Conselho Pontifício para a Família [28/05/1987]. http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/1987/documents/hf_jp-ii_spe_19870528_v-plen-pcfamily_it.html [31/10/2014] §7.

²⁵⁹ JOÃO PAULO II, PAPA – Discurso à V Assembleia plenária do Conselho Pontifício para a Família [28/05/1987] §7.

²⁶⁰ Cf. JOÃO PAULO II, PAPA – Discurso aos participantes no Congresso sobre a Pastoral da Família [5/5/1979]. *L’Osservatore Romano*. Ed. Portuguesa. 10:19 (1979).

²⁶¹ Cf. JOÃO PAULO II, PAPA – Discurso ao corpo diplomático acreditado junto da Santa Sé [16/1/1982]. *L’Osservatore Romano*. Ed. Portuguesa. 13:4 (1982).

uma família as condições morais, educativas, sociais e económicas favoráveis²⁶². Na verdade, “*nada que prejudique directamente a família pode trazer benefício à sociedade*”²⁶³.

A vida do homem desenvolve-se em torno da família e do trabalho. E como o trabalho existe em função da família e a família não se pode desenvolver senão graças ao concurso do trabalho, ambos constituem um direito natural e uma vocação do homem.

O trabalho é fundamental para a fundação da família, visto que esta exige os meios de subsistência obtidos mediante o trabalho (cf. *LE 10*). De facto, “*a família é, ao mesmo tempo, uma comunidade tornada possível pelo trabalho e a primeira escola interna de trabalho para todos e cada um dos homens*” (*LE 10*). Do mesmo modo, há que salientar que o trabalho concorre para a colaboração na obra de Deus (cf. *LE 25*).

“É mediante o trabalho que o homem deve procurar o pão quotidiano e contribuir para o progresso contínuo das ciências e da técnica, e sobretudo para a incessante elevação cultural e moral da sociedade, na qual vive em comunidade com os próprios irmãos.” (LE 1)

Conscientes da igual dignidade e responsabilidade do homem e da mulher, há que reconhecer, defender e promover o valor da função materna e familiar da mulher (cf. *FC 23*), que tantas vezes é alvo de uma feroz depreciação.

As famílias são também chamadas a dedicar-se a várias obras de serviço social, principalmente em prol dos pobres (cf. *FC 44*). De igual forma, têm o dever social de se exprimir sob forma de intervenção política, pelo que devem diligenciar para que as leis e as instituições do Estado não só não ofendam, mas sustentem e defendam positivamente os seus direitos e deveres. Como verdadeiros protagonistas da chamada política familiar, têm a responsabilidade de transformar a sociedade (cf. *FC 44*), cujo problema cultural continua a ser o mesmo: a ausência de Deus e, conseqüentemente, do Amor²⁶⁴.

A família cristã deve ser sinal constante para a sociedade da presença e do amor de Deus, que convida todos os homens a viver o ideal de um mundo novo, em que o amor determina não apenas a relação entre as pessoas, como configura de maneira nova a relação de diálogo e de comunhão entre povos e culturas. Para tal, será necessário revalorizar o amor na vida social, visto que somente o amor é capaz de restituir o homem a si próprio (cf. *DM 14*).

²⁶² Cf. JOÃO PAULO II, PAPA – Carta dos direitos da Família [22/10/1983] 1b.

²⁶³ JOÃO PAULO II, PAPA – Discurso aos participantes no VI Colóquio Jurídico [26/04/1986]. *L’Osservatore Romano*. Ed. Portuguesa. 17:19 (1986).

²⁶⁴ Cf. D. SCHINDLER – “La natura drammatica della vita: Evangelium vitae e il fondamento della dignità umana nelle società liberali”. *Amore umano* 1 (2007), 262

João Paulo II, desenvolvendo o ensinamento de Paulo VI, questionou-se acerca do futuro da civilização, salientando que depende do homem, e de modo particular da família, o triunfo da civilização do amor.

Todos somos chamados a unir recursos e esforços para construirmos a civilização do amor²⁶⁵. Contudo, consciente de que a justiça, por si só, não basta (cf. *DM* 12), salienta a necessidade da caridade e do diálogo entre as culturas como único caminho para a edificação de uma civilização do Amor e da Paz²⁶⁶

c. Na Paróquia e na Igreja universal

A família cristã está inserida a tal ponto no mistério da Igreja, que se torna participante, a seu modo, da missão de salvação própria da Igreja, enquanto comunidade íntima de vida e de amor (cf. *FC* 49-50). Isto porque os esposos “*não só recebem o amor de Cristo, tornando-se comunidade salva, mas também são chamados a transmitir aos irmãos o mesmo amor de Cristo, tornando-se assim comunidade salvadora*” (*FC* 49).

Pelo facto de os seus membros, já consagrados e santificados em virtude do Baptismo e da Confirmação, serem chamados a uma particular vocação apostólica pelo sacramento do matrimónio (cf. *FC* 52,54) as famílias devem transmitir a fé e levar à sociedade os valores que a transformem de acordo com o plano de Deus.

Consciente desta sua singular vocação, a família deve tornar-se uma comunidade de santificação, na qual se aprende a viver a mansidão, a justiça, a misericórdia, a castidade, a paz e a pureza de coração (cf. *FC* 21), tornando-se o lugar onde Jesus Cristo vive e opera para a salvação dos homens e para o crescimento do reino de Deus, ou seja, verdadeira Igreja doméstica²⁶⁷.

Ainda que todos os cristãos sejam co-responsáveis pela actividade missionária, constitutiva da família eclesial à qual pertencem (cf. *RH* 77), com maior razão deve este anseio missionário ser assumido pela família cristã. Por isso, cada membro da família é convidado a empenhar-se em prol de todos os homens e mulheres do mundo.

Na verdade, a família cristã deve participar na vida e na missão eclesial segundo uma tríplice acção evangelizadora: no seu interior, na comunidade de pertença e na Igreja

²⁶⁵ Cf. JOÃO PAULO II, PAPA – Alocução do Angelus [13/2/1994]. *L'Osservatore Romano*. Ed. Portuguesa. 25:8 (1994).

²⁶⁶ Cf. JOÃO PAULO II, PAPA – Homilia do XXXIV Dia Mundial da Paz [1/1/2001]. *L'Osservatore Romano*. Ed. Portuguesa. 34:1 (2003) §8-21.

²⁶⁷ Cf. JOÃO PAULO II, PAPA – Mensagem para a XXXI Jornada Mundial de Oração pelas Vocações [26/12/1993] §1.

universal. Isto porque o sacramento do matrimónio constitui os esposos e os pais cristãos, que devem ser testemunhas de Cristo até aos confins do mundo, verdadeiros e próprios missionários do amor e da vida (cf. *FC* 54).

Sendo o matrimónio imagem, símbolo e expressão da eterna e indestrutível aliança de amor de Deus com a Sua Igreja, a proclamação da Boa Nova do amor de Deus, reflectido no amor conjugal e na vida matrimonial, torna-se um dos maiores contributos que se podem dar a todos os povos.

Por outro lado, a família é missionária não apenas pelo sacrifício e o exemplo, mas também com a oração familiar. De facto, é importante não só orar, mas também orar juntos. Na família cristã não devem faltar os encontros de oração, de modo que ela se nutra ao mesmo tempo de pão e de toda a Palavra que sai da boca de Deus.

Também o domingo é um momento unificador privilegiado para toda a família. Ele deve ser respeitado e valorizado não somente pelo tempo que se deve dedicar à família, mas também ao encontro com Deus, visto ser na Eucaristia “*que a família encontra o centro do seu equilíbrio espiritual e a fonte perene do seu crescimento e da sua vitalidade*”²⁶⁸.

Do mesmo modo, também o que se realiza na liturgia deve ser transferido para a vida quotidiana, tornando-se a casa o lugar em que a vida de Cristo cresce em maturidade, ou seja, tornando a sua casa uma verdadeira expressão da Igreja²⁶⁹.

De facto, o coração da missão eclesial dos esposos consiste em ser um em Cristo e em deixar-se doar em comunhão fecunda da sua relação. Ou seja, em ser a casa de Deus, nomeadamente, a Igreja doméstica²⁷⁰.

Para tal, é necessário que a família esteja numa perseverante e permanente cooperação com a graça do Espírito, para que este possa frutificar no coração e nas obras, e assim dar frutos sem cessar nem definharem²⁷¹.

²⁶⁸ JOÃO PAULO II, PAPA – Homilia em Civitavecchia na Festa de São José [19/3/1987]. *L'Osservatore Romano*. Ed. Portuguesa. 18:13 (1987).

²⁶⁹ Cf. JOÃO PAULO II, PAPA – Homilia em Poona [10/2/1986]. *L'Osservatore Romano*. Ed. Portuguesa. 17:9 (1986).

²⁷⁰ Cf. M. OUELLET – “La ‘communio personarum’ nella famiglia e nella chiesa: Familiaris Consortio”. *Amore umano* 1 (2007), 47.

²⁷¹ Cf. JOÃO PAULO II, PAPA – Discurso às Famílias em Madrid [2/11/1982]. *L'Osservatore Romano*. Ed. Portuguesa. 13:46 (1982).

Ao concluirmos este terceiro capítulo, tomamos consciência de que somente quando existe entre os esposos uma total doação de si mesmos numa recíproca doação livre e autêntica de si, com um coração casto, poderão perseverar firmes até ao fim. Isto porque, ao longo dessa caminhada conjugal e familiar, irão surgindo inúmeros desafios que se poderão transformar em autênticas cruces, à semelhança da cruz carregada por Jesus.

Quando aceites com o coração, tais cruces levarão a que o amor conjugal se aprofunde e se torne fonte de alegria (cf. *FC* 34). Na verdade, Deus assistirá sempre aos esposos com a graça necessária para se irem enraizando na fé e no amor, de modo a resistirem aos ataques constantes do demónio (cf. *FC* 19-20).

Envoltos no amor mútuo e para com Deus, os esposos estarão então preparados para se abrirem aos outros, não só nos filhos, mas também à sociedade onde estão integrados. E assim, tornar-se-ão verdadeiros membros do corpo de Cristo, que é a Igreja, que é chamada a dar muito fruto, e fruto de santidade.

CONCLUSÃO

Ao terminar esta investigação sobre o matrimónio, como caminho de santificação, através de um estudo ético-teológico do pensamento de Karol Wojtyła, regozijamo-nos pela temática escolhida e pela direcção tomada no seu aprofundamento.

Foi para nós uma enorme surpresa quando, ao aprofundar a origem do pensamento de Karol Wojtyła e, conseqüentemente, a sua vida, nos deparámos com um ambiente familiar, cultural e social atribulados, marcados, não só pela morte, pela insegurança, pela perseguição e pela dureza do trabalho, mas principalmente pela ausência dos pais, e, de modo especial, da mãe, de quem quase não teve memória.

Contudo, rapidamente nos apercebemos do enorme contributo que teve a sua atribulada experiência de vida, tendo servido como uma autêntica escola de aprendizagem.

Como consequência, a filosofia de Karol Wojtyła ficou profundamente marcada pela íntima união com os outros, principalmente com os jovens e os esposos, que ansiavam por encontrar e viver a verdade e o amor. Em resposta a esta forte necessidade por parte dos jovens e esposos, Karol Wojtyła dedicou a sua vida ao anúncio dos mandamentos de Deus, que defendem a verdade e o amor, através de inúmeras iniciativas e obras que, seguramente, irão ser lembradas ao longo dos tempos.

Foram verdadeiramente incansáveis os esforços de Karol Wojtyła, e posteriormente enquanto Papa João Paulo II, na tentativa de refundar a doutrina do matrimónio e da família.

No desenvolvimento do pensamento de Karol Wojtyła sobre o matrimónio revelou-se bastante útil a utilização do método indutivo, pois permitiu-nos salientar, por um lado, que iniciativas dependem de Deus (qual o seu convite), e, por outro, que iniciativas deverão depender dos esposos, como resposta a esse convite.

Assim sendo, no segundo capítulo debruçamo-nos sobre o projecto e a iniciativa de Deus para que o homem possa alcançar a santidade. O matrimónio e, de modo mais concreto, cada um dos esposos, é um projecto querido e muito amado por Deus, pelo que é Sua vontade que os esposos sejam felizes.

Verificámos que estes são chamados a acolher e a viver o belo amor, que é dom *de* Deus, e que, simultaneamente, somente *em* Deus e *com* Deus poderão viver em santidade. Enraizados na verdade do amor humano, cuja fonte é o coração trinitário de Deus, os esposos deverão viver a sua união num clima de fé. Assim, o seu amor não será somente com o coração humano mas também com o coração de Cristo e no coração de Cristo.

Infundindo nos esposos o Espírito Santo, de modo a transformar o seu coração e os tornar capazes de se amarem como Cristo os ama, chama-os a viver a mesma caridade de

Cristo que se doou na Cruz, pelo que, somente permanecendo unida ao coração trinitário de Deus, a família poderá verdadeiramente viver. Assim sendo, os esposos são chamados a fundir o seu amor com o amor de Deus, de tal modo que o amor esponsal se una ao amor que Deus tem para com eles.

Foi também pertinente verificar que, colocando à disposição dos esposos os meios para que possam perseverar nos desafios constantes da vida, Deus fortalece-os através dos sacramentos da Igreja, de modo especial do sacramento do matrimónio.

Não foi por mero acaso que João Paulo II salientou a função unitiva do matrimónio, tido como protótipo dos sacramentos da Nova Aliança, visto que casar-se não pode ser visto como um simples *'regularizar uma situação'*, mas reconhecer que se é chamado à santidade pelo dom de si no exercício da comunhão de pessoas²⁷².

Na verdade, João Paulo II deu um enorme contributo ao recorrer à analogia entre a Igreja-esposa e Cristo-esposo, salientando os atributos e as qualidades morais que devem guiar as relações de amor entre o marido e a mulher. A comparação da Igreja como Corpo de Cristo fundamentou o sentido profundo da sacralidade do corpo humano, principalmente do corpo daqueles que se uniram para formar uma só carne através do matrimónio. Deverá então reflectir-se no matrimónio, não só o amor de Cristo para com a Igreja, mas também o amor da Igreja para com Cristo. Consequentemente, a graça e o vínculo sacramental farão com que *"a vida conjugal seja, para os esposos cristãos, a via da santificação e, ao mesmo tempo, para a Igreja um incentivo eficaz para reavivar a comunhão de amor que a caracteriza"*²⁷³.

Constatámos também que, o Evangelho se torna fundamental para a orientação dos esposos e de toda a família, pois, iluminados por ele, tornam-se escola de vida cristã, onde se aprendem a fidelidade, a paciência e o sacrifício.

Sendo a Salvação do homem fruto, não só da morte de Cristo na cruz, mas também de toda a Sua vida, inclusive da transcorrida em Nazaré no dia-a-dia da sua vida familiar com Maria e José, João Paulo II pediu insistentemente às famílias que olhassem para a família de Nazaré, apontando-a como protótipo e exemplo para as famílias que pretendam viver segundo os desígnios de Deus. Sublinhou, inclusive, que esta *"dá a chave para compreender todos os valores que devem ser proclamados às famílias de hoje: amor, dedicação, sacrifício, castidade, respeito pela vida, trabalho, serenidade e alegria"*²⁷⁴.

²⁷² Y. SEMEN – *A Sexualidade segundo João Paulo II*, 100.

²⁷³ JOÃO PAULO II, PAPA – Alocução da Audiência Geral de quarta-feira [3/8/1994]. *L'Osservatore Romano*. Ed. Portuguesa. 15:33 (1994) §2.

²⁷⁴ JOÃO PAULO II, PAPA – Discurso aos cardeais [22/12/1979]. *L'Osservatore Romano*. Ed. Portuguesa. 10:52 (1979) §11.

Como pudemos verificar, a iniciativa parte sempre de Deus, colocando, inclusive, todos os meios necessários à disposição dos esposos, a fim de que possam alcançar a santidade. Como tal, deparámo-nos no terceiro capítulo com a resposta que os esposos são chamados a dar. Tendo Deus preparado para eles um caminho próprio e peculiar, deverão ser estes a percorrê-lo, através de uma doação recíproca de si mesmos numa relação de amor frutuosa, ou seja, na doação ao outro para o seu bem, e no recebê-lo como dom.

Amando-se com o amor de Deus, os esposos libertam-se da posse de tudo aquilo que os priva do verdadeiro amor. E assim, na sua liberdade, revela-se a grandeza da sua amizade vivida na verdade, pois é inadmissível a existência de um amor sem verdade e liberdade.

De facto, constatámos que o matrimónio apresenta o homem como cabeça da mulher e a mulher como corpo do homem, sinal da relação de amor dos esposos através da necessária união mútua da cabeça com o corpo, formando assim ‘*uma só carne*’.

Foi também pertinente verificar que nem a castidade nem o matrimónio se devem considerar como estado de vida ‘*superior*’ ou ‘*inferior*’ em relação um ao outro, mas que ambos se complementam. Tanto num estado quanto noutro, estamos perante um convite ao dom de si mesmos, permitindo a cada um realizar plenamente a sua vocação de pessoa²⁷⁵.

Tornou-se também para nós óbvio que, para que o amor seja pleno, deverá ser acompanhado pela fidelidade, pelo acordo recíproco, pela generosidade e pela paciência dos esposos²⁷⁶. Por isso, é-lhes exigida uma crescente e edificante indissolubilidade e fidelidade da doação recíproca (cf. *FC* 13), principalmente nos momentos de maiores dificuldades.

A relação entre os esposos deve assentar numa profunda relação de amor e confiança, inspirada no amor e na confiança que o próprio Deus nutre em relação a eles²⁷⁷. Procurando a felicidade do outro, através do conhecimento, respeito e amor mútuos, os esposos cultivarão a união e a entrega mútuas, em vez do domínio de um sobre o outro.

De facto, quando a relação afectiva entre os esposos, e até mesmo o exercício da sua sexualidade, recorre à submissão, ao domínio, ou à manipulação, tornam-se incapazes da verdadeira comunhão a que são chamados, levando-os não só a afastarem-se um do outro, mas também do próprio Deus²⁷⁸.

É preocupante o facto de, nos dias hodiernos, a sexualidade ser exaltada a tal ponto que, muitas vezes, acaba por monopolizar toda a relação e ofuscar a natureza profunda do

²⁷⁵ Cf. JOÃO PAULO II, PAPA – Alocução da Audiência Geral de quarta-feira [14/4/1982]. *L'Osservatore Romano*. Ed. Portuguesa. 13:16 (1982) §3.

²⁷⁶ Cf. JOÃO PAULO II, PAPA – Alocução da Audiência Geral de quarta-feira [12/9/1979].

²⁷⁷ Cf. JOÃO PAULO II, PAPA – Homilia em Wroclam, Polónia [21/06/1983].

²⁷⁸ Cf. Y. SEMEN – *A Sexualidade segundo João Paulo II*, 90.

amor. Ainda que a vida sexual tenha um valor real próprio, que não pode ser menosprezado, é um valor limitado, insuficiente em si mesmo para fundar a união matrimonial, que precisa de se apoiar no empenho total da pessoa²⁷⁹.

Além disso, não basta fundar uma relação a dois, mas é necessário que Deus seja sempre colocado no centro dessa relação. Hoje, mais que nunca, urge salientar que qualquer relação, seja afectiva ou sexuada, deve assentar na relação transcendental com Deus, pois o Seu amor é a fonte e o fundamento da relação de amor que une, não só os esposos, mas toda a família e a própria sociedade.

Compreendemos também que a verdadeira família não pode nascer da pessoa em si, mas da realidade que se estabelece entre as pessoas. A consumação do matrimónio não implica forçosamente que se consiga criar o ‘*ambiente familiar*’, pois pode, de facto, suceder que permaneçam duas individualidades²⁸⁰, já que, ainda que casados, podem não se tornar esposos, pois, se o amor não der frutos, não é amor.

Consciente desta realidade, João Paulo II dirigiu-se inúmeras vezes aos esposos, exortando-os a que, tanto na família, como na sociedade e na Igreja, dessem muito fruto. Mais ainda, salientou que dar frutos de bondade, de caridade e de santificação deve ser o compromisso de toda a vida conjugal²⁸¹.

Urge dinamizar o apostolado não só entre as famílias mas também para fora de si mesmas, pois não só o bem-estar humano e cristão das famílias, mas também a paz e a prosperidade da sociedade dependem, em grande parte, desta luz que os lares cristãos são chamados a ser no mundo.

Por isso, as famílias são hoje chamadas a dar um contributo original e essencial no sentido de uma nova cultura da participação, empenhando-se na construção da Civilização do Amor, colaborando na edificação de uma nova humanidade, onde irmãos e irmãs, todos membros da mesma família, possam finalmente viver em paz²⁸².

Ao cumprirem a sua missão como família cristã, estão a construir a Igreja dentro da sua própria família e fora dela, na sociedade. Consolidando e fortalecendo a sua união humana e espiritual no amor mútuo e frutificando de maneira responsável com a vinda de

²⁷⁹ Cf. JOÃO PAULO II, PAPA – Alocução da Audiência Geral de quarta-feira [3/8/1994] §2.

²⁸⁰ Cf. A. MANENTI – *Coppia e famiglia: come e perché. Aspetti psicologici*. Bologna: EDB, 1996, 14.

²⁸¹ Cf. JOÃO PAULO II, PAPA – Alocução da Audiência Geral de quarta-feira [26/9/1979]. *L'Osservatore Romano*. Ed. Portuguesa. 10:39 (1979).

²⁸² Cf. JOÃO PAULO II, PAPA – Homilia do XXXIV Dia Mundial da Paz [1/1/2001] §22.

filhos, aos quais são chamados a transmitir uma autêntica formação humana e cristã, estão, ao mesmo tempo, a enriquecer a própria sociedade com todas estas virtudes²⁸³.

João Paulo II tinha plena consciência de que “*o futuro da humanidade passa pela família*” (FC Conclusão), visto que, encontrando na Sagrada Família o mais luminoso exemplo de fecundidade espiritual e apostólica, “*a família cristã é chamada a santificar-se e a santificar a comunidade cristã e o mundo*” (FC 55). E assim estarão a consagrar não só a sua família mas o mundo inteiro a Deus (cf. LG 34).

É animador verificar que também o Papa Francisco partilha hoje deste mesmo pensamento, fazendo dele um imperativo que deve ser, não somente preservado, mas promovido:

*“Não somente diria que a família é importante para a evangelização do novo mundo. A família é necessária para a sobrevivência da humanidade. Se não existe a família, a sobrevivência cultural da humanidade corre perigo. A família é a base, quer queiramos quer não.”*²⁸⁴.

Ao fazer um balanço final do pensamento de Karol Wojtyła, e posteriormente enquanto João Paulo II, ficámos fascinados com o empenho e a dedicação por ele dados aos esposos e, conseqüentemente, às famílias. Ele compreendeu perfeitamente onde ir buscar as sementes de santidade – ao núcleo familiar – e qual o caminho a percorrer.

Obviamente, João Paulo II não ignorou as dificuldades que os casais enfrentam no seu dia-a-dia, bem como as fraquezas de cada um. Contudo, apontou sempre para o máximo a que cada um é chamado. Os esposos não se podem contentar com a mediocridade, mas devem procurar dar o máximo de si mesmos, ainda que saibam que, eventualmente, poderão vir a cair, mas certos de que Deus estará lá para os ajudar a levantar. Como tal, a meta deverá ser esta. É para aqui que devem apontar os ‘olhos’ dos esposos.

Foi muito frutífero termos aprofundado esta temática, sem receios de explorar para além daquilo que nos era pedido. Pois, ainda que para a elaboração deste trabalho, grande parte da investigação que fizemos não tivesse um proveito palpável, foi para nós extremamente enriquecedor para a compreensão e a contemplação da família, assente no pilar do matrimónio como caminho de santificação.

²⁸³ Cf. JOÃO PAULO II, PAPA – Discurso à V Assembleia plenária do Conselho Pontifício para a Família [28/05/1987]. http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/1987/documents/hf_jp-ii_spe_19870528_v-plen-pcfamily_it.html [31/10/2014] §7.

²⁸⁴ FRANCISCO, PAPA – Entrevista nos Estúdios da Rádio catedral do Rio de Janeiro [27/7/2013]. *L’Osservatore Romano*. Ed. Portuguesa. 44:31 (2013).

Seguramente que muito mais haveria a dizer e a aprofundar nesta temática tão vasta, como é o caso do sacramento do matrimónio em si. Também outras áreas mereciam ser exploradas com mais afinco, tais como a educação dos filhos ou o papel dos anciãos, não só no seio familiar, mas também na comunidade civil e eclesial. Poderíamos também ter-nos centrado na vida de diversos santos, que foram exemplos extraordinários do que abordámos neste trabalho, como é o caso de Luís e Maria Beltrame Quattrocchi, esposos beatificados por João Paulo II em 2001.

Contudo, estamos convencidos de que, apesar de nos termos limitado a ver o lado mais evidente deste tema tão complexo, nos centrámos no cerne da família, como caminho de santificação, e que este tema nos permitirá, no futuro, compreender os novos desafios a que ela está sujeita.

Aliás, tornou-se um grande contributo para nós, no sentido de nos ajudar hoje a melhor vivenciar, compreender e participar no Sínodo dedicado à família.

Não nos querendo antecipar ao que serão as resoluções do Sínodo sobre a família, ousamos afirmar que o caminho a percorrer passará certamente também por alguns dos pontos abordados neste trabalho.

Ao dar por concluído este trabalho, gostaríamos de salientar que João Paulo II iniciou o seu pontificado exortando todos os homens a acolher Cristo em seus corações, de modo a serem santos. Como tivemos oportunidade de o demonstrar, essa foi a súplica apresentada por João Paulo II. Contudo, tal apelo não se limitou a belas palavras proferidas num dia solene, mas tornou-se eco da sua própria vida.

Estamos convencidos de que o testemunho dado por João Paulo II seja o motivo pelo qual ainda hoje continue impresso nos nossos corações o seu apelo. É, portanto, justo que terminemos o nosso trabalho relembrando este extraordinário apelo, que, esperamos, continue a ecoar ao longo dos anos:

“Não tenhais medo! Abri, melhor, escancarai as portas a Cristo! Ao Seu poder salvador! Abri os confins dos Estados, os sistemas económicos, assim como os políticos, os vastos campos de cultura, de civilização e de progresso! Não tenhais medo! Cristo sabe bem o que está dentro do homem. Somente Ele o sabe! Hoje em dia, muito frequentemente, o homem não sabe o que traz no interior de sua alma e do seu coração, muito frequentemente encontra-se inseguro acerca do sentido da sua vida sobre esta terra, é invadido pela dúvida, que se transforma em desespero. Permitti, pois – eu vo-lo peço, eu vo-lo imploro, com humildade e confiança – permitti a Cristo falar ao Homem. Somente Ele tem palavras de Vida; sim, de Vida Eterna!”²⁸⁵

²⁸⁵ JOÃO PAULO II, PAPA – Homilia de João Paulo II no início do seu Pontificado [22/10/1978] *L'Osservatore Romano*. Ed. Portuguesa. 9:44 (1978) 2.

BIBLIOGRAFIA

Fontes:

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – *A resposta está no vento: Mensagens do Papa para o século XXI*. Col. “Vida e Cultura”. Lisboa: Ed. Livros do Brasil, 1998.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – Alocução da Audiência Geral de quarta-feira [21/3/1979]. *L'Osservatore Romano*. Ed. Portuguesa. 10:12 (1979) 12.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – Alocução da Audiência Geral de quarta-feira [12/9/1979]. *L'Osservatore Romano*. Ed. Portuguesa. 10:37 (1979) 12.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – Alocução da Audiência Geral de quarta-feira [19/9/1979]. *L'Osservatore Romano*. Ed. Portuguesa. 10:38 (1979) 1 e 11.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – Alocução da Audiência Geral de quarta-feira [26/9/1979]. *L'Osservatore Romano*. Ed. Portuguesa. 10:39 (1979) 3.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – Alocução da Audiência Geral de quarta-feira [2/1/1980]. *L'Osservatore Romano*. Ed. Portuguesa. 11:1 (1980) 12.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – Alocução da Audiência Geral de quarta-feira [20/2/1980]. *L'Osservatore Romano*. Ed. Portuguesa. 11:8 (1980) 12.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – Alocução da Audiência Geral de quarta-feira [31/3/1982]. *L'Osservatore Romano*. Ed. Portuguesa. 13:14 (1982) 16.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – Alocução da Audiência Geral de quarta-feira [14/4/1982]. *L'Osservatore Romano*. Ed. Portuguesa. 13:16 (1982) 16.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – Alocução da Audiência Geral de quarta-feira [28/7/1982]. *L'Osservatore Romano*. Ed. Portuguesa. 13:31 (1982) 9.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – Alocução da Audiência Geral de quarta-feira [4/8/1982]. *L'Osservatore Romano*. Ed. Portuguesa. 13:32 (1982) 8.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – Alocução da Audiência Geral de quarta-feira [18/8/1982]. *L'Osservatore Romano*. Ed. Portuguesa. 13:34 (1982) 8.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – Alocução da Audiência Geral de quarta-feira [25/8/1982]. *L'Osservatore Romano*. Ed. Portuguesa. 13:35 (1982) 8.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – Alocução da Audiência Geral de quarta-feira [1/9/1982]. *L'Osservatore Romano*. Ed. Portuguesa. 13:36 (1982) 12.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – Alocução da Audiência Geral de quarta-feira [8/9/1982]. *L'Osservatore Romano*. Ed. Portuguesa. 13:37 (1982) 12.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – Alocução da Audiência Geral de quarta-feira [15/9/1982]. *L'Osservatore Romano*. Ed. Portuguesa. 13:38 (1982) 12.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – Alocução da Audiência Geral de quarta-feira [22/9/1982]. *L'Osservatore Romano*. Ed. Portuguesa. 13:39 (1982) 12.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – Alocução da Audiência Geral de quarta-feira [29/9/1982]. *L'Osservatore Romano*. Ed. Portuguesa. 13:40 (1982) 12.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – Alocução da Audiência Geral de quarta-feira [3/8/1984]. *L'Osservatore Romano*. Ed. Portuguesa. 15:33 (1984) 12.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – Alocução da Audiência Geral de quarta-feira [28/11/1984]. *L'Osservatore Romano*. Ed. Portuguesa. 15:49 (1984) 12.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – Alocução do Angelus [13/2/1994]. *L'Osservatore Romano*. Ed. Portuguesa. 25:8 (1994) 8.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – *Atravessar o limiar da esperança*. Lisboa: Ed. Planeta, 1994.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – *Beati i puri di cuore: Catechesi sul discorso della montagna*. Napoli: Chirico, 2008.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – *Carta aos Anciãos*. AAS. 92 (2000) 186-204.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – Carta Apostólica *Vicesimus quintus annus*. AAS. 81 (1989) 897-918.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – Carta Apostólica *Mulieris dignitatem*. AAS. 80 (1988) 1653-1729.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – Carta Apostólica *Bula Inter sanctus*. AAS. 71 (1979) 1509-1510.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – *Carta às Famílias*. AAS. 86 (1994) 868-925.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – Carta *Catechesi Tradendae*. AAS. 71 (1979) 1277-1340.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – Carta dos Direitos da Família [22/10/1983]. [Http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/family/documents/rc_p_c_family_doc_19831022_family-rights_it.html](http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/family/documents/rc_p_c_family_doc_19831022_family-rights_it.html) [31/10/2014].

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – Carta Encíclica *Dives in Misericordia*. AAS. 72 (1980) 1177-1232.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – Carta Encíclica *Dominum et Vivificantem*. AAS. 78 (1986) 809-900.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – Carta Encíclica *Fides et Ratio*. AAS. 91 (1999) 5-88.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – Carta Encíclica *Laborem exercens*. AAS. 73 (1981) 577-647.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – Carta Encíclica *Redemptor hominis*. AAS. 71 (1979) 257-324.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – Carta Encíclica *Sollicitudo rei socialis*. AAS. 80 (1988) 513-586.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – Carta Encíclica *Veritatis splendor*. AAS. 85 (1993) 1133-1228.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – Carta *Novo Incipiente*. AAS. 71 (1979) 389-417.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – Discurso a dois Grupos internacionais de Cientistas [3/11/1979]. *L'Osservatore Romano*. Ed. Portuguesa. 10:46 (1979) 3.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – Discurso à V assembleia plenária do Conselho Pontifício para a Família [28/05/1987]. http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/1987/documents/hf_jp-ii_spe_19870528_v-plen-pcfamily_it.html [31/10/2014].

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – Discurso à V Assembleia plenária do Conselho Pontifício para a Família [28/5/1987]. Http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/1987/documents/hf_jp-ii_spe_19870528_v-plen-pcfamily_it.html [31/10/2014].

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – Discurso ao corpo diplomático acreditado junto da Santa Sé [16/1/1982]. *L'Osservatore Romano*. Ed. Portuguesa. 13:4 (1982) 5-7.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – Discurso ao Sacro Colégio [22/12/1979]. *L'Osservatore Romano*. Ed. Portuguesa. 10:52 (1979) 6, 7 e 11.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – Discurso aos bispos Italianos da Emília Romanha, em visita «ad limina» [2/5/1986]. *L'Osservatore Romano*. Ed. Portuguesa. 17:20 (1986) 11.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – Discurso aos Cardeais [22/12/1979]. *L'Osservatore Romano*. Ed. Portuguesa. 10:52 (1979) 6-7.11.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – Discurso aos casais na catedral de Taranto [28/10/1989]. *L'Osservatore Romano*. Ed. Portuguesa. 20:45 (1989) 4.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – Discurso aos participantes no VI Colóquio Jurídico [26/04/1986]. *L'Osservatore Romano*. Ed. Portuguesa. 17:19 (1986) 4.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – Discurso aos participantes no Congresso sobre a Pastoral da Família [5/5/1979]. *L'Osservatore Romano*. Ed. Portuguesa. 10:19 (1979) 11.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – Discurso às famílias da Nigéria, em Onitsha [13/2/1982]. *L'Osservatore Romano*. Ed. Portuguesa. 13:8 (1982) 4-5.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – Discurso às famílias em Madrid [2/11/1982]. *L'Osservatore Romano*. Ed. Portuguesa. 13:46 (1982) 1e16.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – Discurso durante o Encontro com as famílias [22/10/2001]. *L'Osservatore Romano*. Ed. Portuguesa. 32:3 (2001) 3.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – Discurso no IV Encontro Mundial das Famílias em Manila [25/1/2003]. *L'Osservatore Romano*. Ed. Portuguesa. 34:5 (2003) 9.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – *Dom e mistério: Nas minhas bodas de ouro sacerdotais*. 2ª ed. Lisboa: Paulinas, 1996.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – *Estoy en tus manos: cuadernos personales 1962-2003*. Barcelona: Ed. Planeta, 2014.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – Exortação Apostólica pós-sinodal *Christifideles laici*. AAS. 81 (1989) 393-521.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – Exortação Apostólica *Familiaris consortio*. AAS. 74 (1982) 81-191.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – Homilia de João Paulo II no início do seu Pontificado [22/10/1978]. *L'Osservatore Romano*. Ed. Portuguesa. 9:44 (1978) 1-2.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – Homilia do XXXIV Dia Mundial da Paz [1/1/2001]. *L'Osservatore Romano*. Ed. Portuguesa. 34:1 (2003) 6.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – Homilia em Cali [4/7/1986]. *L'Osservatore Romano*. Ed. Portuguesa. 17:28 (1986) 12-13.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – Homilia em Civitavecchia na Festa de São José [19/3/1987]. *L'Osservatore Romano*. Ed. Portuguesa. 18:13 (1987) 19.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – Homilia em La Paz: Santa Missa para as famílias [10/5/1988]. *L'Osservatore Romano*. Ed. Portuguesa. 19:21 (1988) 4-5.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – Homilia em Nairobi [18/8/1985]. *L'Osservatore Romano*. Ed. Portuguesa. 16:36 (1985) 9.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – Homilia em Poona [10/2/1986]. *L'Osservatore Romano*. Ed. Portuguesa. 17:9 (1986) 5.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – Homilia em Sandomierz [12/6/99]. *L'Osservatore Romano*. Ed. Portuguesa. 30:26 (1999) 7.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – Homilia em Viena [11/9/1983]. [Http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/homilies/1983/documents/hf_jp-ii_hom_19830911_chiusura-katholikentag_it.html](http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/homilies/1983/documents/hf_jp-ii_hom_19830911_chiusura-katholikentag_it.html) [31/10/2014].

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – Homilia no Santuário do Monte Sameiro [15/05/82]. *L'Osservatore Romano*. Ed. Portuguesa. 13:21 (1982) 16-18.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – Homilia no Santuário do Divino Amor [1/5/1979]. *L'Osservatore Romano*. Ed. Portuguesa. 10:19 (1979) 6.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – IV Encontro dos Presidentes das comissões episcopais da Europa para a família e a vida [28/7/2003]. *L'Osservatore Romano*. Ed. Portuguesa. 34:31 (2003) 3-6.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – *Levantai-vos! Vamos!*. Lisboa: Dom Quixote, 2004.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – *Man and Woman He Created Them: A Theology of the Body*, Pauline, 2011.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – *Matrimonio, Amor y Fecundidad: Catequesis sobre la redención del cuerpo y la sacramentalidad del matrimonio*. Madrid: Ed. Palabra, 1998.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – Mensagem da V Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos às famílias cristãs no mundo contemporâneo [25/10/1980]. *L'Osservatore Romano*. Ed. Portuguesa. 11:44 (1980) 4, 5, 9.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – Mensagem para a XXXI Jornada Mundial de Oração pelas Vocações [26/12/1993]. http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/messages/vocations/documents/hf_jp-ii_mes_26121993_world-day-for-vocations_it.html [31/10/2014].

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – Motu próprio *Famiglia a Deo Instituta*. AAS. 73 (1981) 441-444.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – *Passai um ano comigo: Meditações quotidianas*. Lisboa: Ed. Verbo, 1986.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – *Redemptoris Custos*. AAS. 82 (1990) 5-34.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – *Triptico Romano: Meditações*. Lisboa: Paulinas, 2004.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – *Um Papa peregrino: Mensagens para o Mundo*. Col. “Vida e Cultura”. Lisboa: Ed. Livros do Brasil, 1999.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – *Varón y Mujer: Teología del cuerpo*. 4ª ed. Madrid: Ed. Palabra, 2001.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 2013- (Francisco) – Entrevista nos Estúdios da Rádio catedral do Rio de Janeiro [27/7/2013]. *L'Osservatore Romano*. Ed. Portuguesa. 44:31 (2013) 17.

WOJTYŁA, Karol – *A Loja do Ourives: O drama do amor humano numa peça de João Paulo II*. Trad. de P. Moreira das Neves. Lisboa: Rei dos Livros, 1984.

WOJTYŁA, Karol – *Amor e responsabilidade: Estudo ético*. São Paulo: Ed. Loyola, 1982.

WOJTYŁA, Karol – *El don del amor: Escritos sobre a familia*. Madrid: Ed. Palabra, 2000.

WOJTYŁA, Karol – *Persona y Acción*. Madrid: BAC, 1982.

Textos do Magistério:

ACTA synodalia Sacrosancti Concilii Oecumenici Vaticani II. Cura et studio Archivi Oecumenici Vaticani II. Vaticano: Typis Polyglottis Vaticanis, 1970-1980. 4 vol. + índices in 26.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA – *Catecismo da Igreja Católica: Compêndio*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2005.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA – *Ritual Romano: Celebração do matrimónio*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1973.

CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A FAMÍLIA – *Congresso teológico-pastoral: A Familiaris Consortio no seu XX aniversário: Dimensão antropológica e pastoral* [20/12/2001]. [Http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/family/documents/rc_pc_family_doc_20011220_xx-familiaris_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/family/documents/rc_pc_family_doc_20011220_xx-familiaris_po.html) [31/10/2014].

IGREJA CATÓLICA. II Concílio do Vaticano, 1962-1965 – Constituição Pastoral *Gaudium et spes*. AAS 58 (1966) 1025-1115.

IGREJA CATÓLICA. II Concílio do Vaticano, 1962-1965 – Constituição Dogmática *Lumen Gentium*. AAS 57 (1965) 5-71.

IGREJA CATÓLICA. II Concílio do Vaticano, 1962-1965 – Declaração *Dignitatis humanae*. AAS. 58 (1966) 929-946.

IGREJA CATÓLICA. II Concílio do Vaticano, 1962-1965 – Decreto *Apostolicam actuositatem*. AAS. 58 (1966) 837-864.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1963-1978 (Paulo VI) – Carta Encíclica *Humanae Vitae*. AAS. 60 (1968) 481-520.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1963-1978 (Paulo VI) – Exortação Apostólica *Evangelii nuntiandi*. AAS. 68 (1976) 5-76.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A FAMÍLIA (a cargo de) – *Léxico da família: Termos ambíguos e controversos sobre família, vida e aspectos éticos*. Lisboa: Princípia, 2010.

Estudos:

BOTERO, J. Silvio – *Per una teologia della famiglia*. Roma: Borla, 1992.

CAPALBO, Battistina – *La famiglia nel cuore e nelle parole di Giovanni Paolo II*. Milano: Paoline, 2005.

DÍAZ, Lorenzo Trujillo – *Paternidade: Pais, filhos e irmãos*. Lisboa: Paulus, 2001.

FLECHA, José-Román – *A família, lugar de evangelização*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2007.

FLECHA, José-Román – *Moral de la Persona: Amor y sexualidade*. Madrid: BAC, 2002.

FLOREZ, Gonzalo – *Matrimonio y Familia*. Madrid: BAC, 1995.

GRYGIEL, Ludmila – *Sposi e santi: Dieci profili di santità coniugale. Amore umano 14* (2012). Siena: Cantagalli.

GUIMARÃES, Almir Ribeiro – *A família e a civilização do amor: Comentários à Carta às Famílias de João Paulo II*. Petrópolis: Vozes, 1995.

HARO, Ramón García – *Matrimonio & Famiglia nei documenti del magistero: Corso di teologia matrimoniale*. Pontificia Università Lateranense Istituto Giovanni Paolo II. Milano: Ed. Ares, 1989.

HOLGUÍN, Juan Larrea – *El Papa y la familia: Reflexiones y exposición de la doctrina del Papa Juan Pablo II en los documentos Familiaris Consortio, Carta a las Familias y Evangelium Vitae*. Madrid: Ed. Palabra, 1996.

HORTELANO, Antonio – *El amor y la familia en las nuevas perspectivas cristianas*. Salamanca: Ed. Sígueme, 1974.

KASPER, WALTER – *Il matrimonio cristiano*. Brescia: Queriniana ed., 2014.

KNOTZ, Ksawery – *O sexo como vocês não conhecem: Para cônjuges que amam a Deus*. São Paulo: Paulus, 2011.

MANENTI, Alessandro – *Coppia e famiglia: come e perché*. Bologna: Ed. Dehoniane Bologna, 1996.

- MARTINI, Carlo Maria – *Aonde vais família?: Reflexões sobre a vida familiar*. Lisboa: Ed. São Paulo, 1996.
- MELINA, Livio – *Amare l'amore umano: l'eredità di Giovanni Paolo II sul Matrimonio e la Famiglia. Amore umano 1* (2007). Siena: Cantagalli.
- ODER, Slawomir – *João Paulo II Santo: A verdadeira história contada pelo postulador da causa da beatificação*. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2010.
- RICCARDI, Andrea – *João Paulo II: A biografia*. Lisboa: Paulinas, 2011.
- SARMIENTO, Augusto – *El matrimonio cristiano*. Pamplona: Ed. Universidade de Navarra, 1997.
- SCOLA, Ângelo – *Homem-Mulher: O caso decisivo do Amor*. Lisboa: Princípia, 2005.
- SEMEN, Yves – *A Sexualidade segundo João Paulo II*. Lisboa: Princípia, 2006.
- SEMEN, Yves – *La famiglia secondo Giovanni Paolo II*. Milano: San Paolo, 2012.
- SINGLY, François – *Sociologia da família contemporânea*. Lisboa: Ed. Texto & Grafia, 2011.
- SPREAFICO, Serafino – *Famiglia Cristiana, Chiesa Domestica: Oggetto e soggetto di evangelizzazione attraverso la parrocchia*. Roma: ISC, 1991.
- STOURTON, Edward – *João Paulo II: Um homem para a História*. Lisboa: Ed. Bizâncio, 2006.
- SZULC, Tad – *Pope John Paul II: The Biography*. New York: Pocket Books, 1996.
- TETTAMANZI, Dionigi – *I due saranno una carne sola: Saggi teologici su matrimonio e famiglia*. Torino: Ed. Elle Di Ci, 1986.
- TETTAMANZI, Dionigi – *La famiglia: Via della Chiesa, 2ª Ed.* Milano: Ed. Massimo, 1991.
- WEIGEL, George – *Testemunho de Esperança: A Biografia do Papa João Paulo II*. Lisboa: Bertrand Ed., 2000.

ÍNDICE

SIGLÁRIO	5
INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO I – KAROL WOJTYŁA: ORIGEM DE UMA TEOLOGIA E UMA ÉTICA DO MATRIMÓNIO	11
1.1. A vida de Karol Wojtyła como um caminho de aprendizagem	11
a. Ambiente familiar, cultural e social	12
b. O mundo do trabalho e o despertar vocacional	14
c. Sacerdócio e Episcopado	17
1.2. A dedicação de Karol Wojtyła aos jovens, aos noivos e às famílias	19
a. Iniciativas mais significativas de Karol Wojtyła	20
b. Obras mais significativas de Karol Wojtyła	24
1.3. De Karol Wojtyła a João Paulo II	30
a. Iniciativas mais significativas do seu Pontificado	30
b. Documentos mais significativos do seu Pontificado	34
CAPÍTULO II – DEUS CHAMA OS ESPOSOS À SANTIDADE	39
2.1. ‘Projecto’ querido por Deus	39
a. Porque Deus os ama e quer que sejam felizes	40
b. “<i>Homem e Mulher os criou</i>”	43
c. Deus dá-lhes uma família e faz deles uma família	46
2.2. Os esposos são chamados à santidade	47
a. Unidos ao coração trinitário de Deus	48
b. Fortalecidos pelos Sacramentos da Igreja	51
c. Acolhendo o Evangelho em seus corações	54
2.3. A exemplo da Sagrada Família	56
a. A Sagrada Família soube aceitar a vontade de Deus	57
b. A Sagrada Família viveu em especial Consagração	59
c. Proporcionando um ambiente familiar propício	59

CAPÍTULO III – PELO CAMINHO ÉTICO E ESPECÍFICO

DA VIDA CONJUGAL	65
3.1. Doando-se a si mesmos	65
a. Numa recíproca doação livre e autêntica de si	65
b. Com um coração casto	68
c. Com fidelidade e perseverança	70
3.2. Numa relação de Amor	72
a. Relação afectiva e caritativa	73
b. Relação sexuada	76
c. Relação transcendente	78
3.3. Frutuosa	81
a. Na família	82
b. Na Sociedade	85
c. Na Paróquia e na Igreja universal	88
CONCLUSÃO	91
BIBLIOGRAFIA	97